

Outubro 2013

IV SÉRIE - Nº 34

BIMESTRAL

Macau

GRANDE PRÉMIO DE MACAU

60 anos de histórias
a alta velocidade

Banco da China

HÁ 100 ANOS COMO UM
MOTOR DA ECONOMIA



Cabo Verde

UM RETRATO DA
COMUNIDADE
CHINESA

Fórum Macau

TUDO A POSTOS
PARA A CONFERÊNCIA
MINISTERIAL



澳門

Macao

理想的會議展覽舉辦地
THE IDEAL MICE DESTINATION

- 世界旅遊休閒中心、國際級會展設施
A World Tourism and Leisure Centre Equipped with World-class Convention and Exhibition facilities
- 位處大珠三角地區，地理位置優越
Advantageous location in the Greater Pearl River Delta region
- 政府提供鼓勵會展優惠政策
The Government provides preferential policies to encourage the development of the convention and exhibition industry
- 貿易投資促進局提供會展競投及支援“一站式”服務
IPIM provides “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

會展競投及支援“一站式”服務 “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

服務內容 ◆ SERVICE FIELDS

- | | |
|------------------------------|--|
| 招攬、引進會展活動在澳門舉辦 | ◆ Attract and introduce convention and exhibition projects to Macao |
| 協助競投會展項目 | ◆ Assist in bidding for convention and exhibition projects |
| “一站式”會展資訊 | ◆ “One-stop” Convention and exhibition updates |
| 委派專人協助跟進落實在澳門舉辦會展項目 | ◆ Designated staff to provide follow-up service and assist in organising events in Macao |
| 協助申請會展活動激勵計劃 | ◆ Assist in the application for the Convention and Exhibition Stimulation Programme |
| 協助於本局參與之活動
(澳門境內外) 進行宣傳推廣 | ◆ Provide publicity and promotion opportunities
in local and overseas events participated by IPIM |
| 協調與本澳相關政府部門聯繫 | ◆ Co-ordinate and liaise with Macao government departments |
| 協助在澳成立公司開展會展項目 | ◆ Assist Macao Companies to develop MICE projects |
| 提供會展合作配對服務，協助尋找合作伙伴 | ◆ Provide MICE cooperation matching service in search for potential partners |



澳門貿易投資促進局

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

聯絡資料 / Contact Information :

地址：澳門友誼大馬路918號世貿中心一至四樓

Address : Av. Amizade, No. 918, Edif. World Trade Centre, 4 andar, Macau

網址 Website : www.ipim.gov.mo / 電郵 E-mail: mice-onestop@ipim.gov.mo

電話 Tel.: (853) 2871 0300 / 傳真 Fax: (853) 2859 0309 / 2872 6777

網址 Website : www.ipim.gov.mo

辦公時間 / Office Hours :

上午 Morning :

09:00 – 13:00 (星期一至五 / Monday to Friday)

下午 Afternoon :

14:30 – 17:45 (星期一至四 / Monday to Thursday)

14:30 – 17:30 (星期五 / Friday)



DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

KauTím - Productive Creations, Ltd

COORDENAÇÃO DE MARKETING

Marta Vaz Silva

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**Texto:** Andreia Sofia Silva, António Graça de Abreu,
Cláudia Aranda, Fernando Sales Lopes,
Gisela Coelho (Cabo Verde), José Simões Morais,
Luciana Leitão, Márcia Schmaltz, Margarida Saraiva,
Nuno G. Pereira e Tiago Quadros**Fotografia:** Gonçalo Lobo Pinheiro, José Simões
Morais e Pedro Moita (Cabo Verde)**Ilustração:** Gil Araújo, Rodrigo de Matos e
Rui Rasquinho**TRADUÇÃO:** Cecília Lin**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Gonçalo Lobo Pinheiro**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

IMPRESSÃO: Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL****ANGOLA:** AOA 2,620.00 | **BRASIL:** BRL 56.00
CABO VERDE: CVE 2,459.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,634.00
MACAU: MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 771.00
PORTUGAL: EUR 22.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 546,445.00
TIMOR-LESTE: USD 28.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 35.00

www.revistamacau.com

Macau



A Quarta Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa terá lugar em Macau nos dias 5 e 6 de Novembro, coincidindo com o décimo aniversário do estabelecimento do Fórum.

Na conferência ministerial de 2010

foi anunciada a criação de um fundo visando o apoio às empresas chinesas e dos países de língua portuguesa, no âmbito da cooperação económica e comercial. Em Junho do corrente ano esse fundo foi formalmente instituído, recebendo a prevista dotação inicial de 125 milhões de dólares norte-americanos.

A partir do dia 1 de Julho passou a ser possível consultar no website do Fórum de Macau (www.forumchinapl.org.mo/files/cpdfund2013.pdf) uma brochura que contém informação útil para os empresários da China e de países de língua portuguesa eventualmente interessados em recorrer a esse mecanismo de apoio.

Este é um dos temas em destaque na presente edição da MACAU, onde a comemoração dos 60 anos do Grande Prémio de Macau é igualmente abordada. O evento é um importante cartaz turístico da Região e guarda em si uma história riquíssima, que aqui recordamos. A acompanhar apresentamos o perfil do coordenador do evento, João Manuel Costa Antunes, um nome ligado às últimas décadas da vida pública de Macau, tendo dirigido a Direcção Serviços de Turismo até 2012.

Por outro lado, iniciamos nesta edição duas séries de artigos relativos ao património cultural local, quer na sua vertente arquitectónica quer no que diz respeito às tradições de origens diversas que Macau ainda conserva.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVAS A POSTOS

Os resultados das eleições, 8

RETRATOS DA VIDA NOS MERCADOS

Passeio pelos mercados mais icónicos da cidade, 10

Gonçalo Lobo Pinheiro

UM SÉCULO DE BANCO DA CHINA

A história da maior instituição bancária da RAEM, 22

Cláudia Aranda

60 ANOS DE GRANDE PRÉMIO

Da brincadeira entre amigos, à prova internacional, 30

Nuno G. Pereira

MOMENTOS MEMORÁVEIS DO GRANDE PRÉMIO

As 12 recordações mais fortes da prova, 38

Nuno G. Pereira

PELA BOCA DE ANTIGOS PILOTOS

As histórias de quem acelerou no Circuito da Guia, 42

Andreia Sofia Silva

PERFIL: JOÃO MANUEL COSTA ANTUNES

O homem que faz, 46

Nuno G. Pereira

A NOVA ERA DO FÓRUM MACAU

A formalização do fundo de mil milhões de dólares, 56

Luciana Leitão

O PAPEL FUNDAMENTAL DA RAEM

A ligação entre a China e a lusofonia, 58

Luciana Leitão

OS CHINESES DE CABO VERDE

A tradição milenar e o calor africano, 64

Gisela Coelho

LONG MU, A DEUSA DO RIO XI

A Mãe dos Dragões que dá tudo a quem lhe pede, 74

José Simões Morais

AS MONTANHAS SAGRADAS DE TAISHAN

A paz e a estabilidade guardadas no topo, 80

António Graça de Abreu

ÍCONES CHINESES: CARIMBO DE PEDRA

O vermelho milenar chinês, 86

O CULTO DOS ANTEPASSADOS

A evolução do rito ao longo de séculos, 88

Fernando Sales Lopes

FESTA DOS ESPÍRITOS ESFOMEADOS

Quando os diabos andam à solta, 94

Fernando Sales Lopes

ARQUITECTURA: TEATRO D. PEDRO V

O primeiro teatro de raiz italiana da China, 102

Tiago Quadros e Margarida Saraiva

O DIA DOS NAMORADOS EM VERSÃO CHINESA

O mito do amor entre uma deusa e um mortal, 108

Tiago Quadros e Margarida Saraiva

LIVRO: ANASTASIS, DE CARLOS MORAIS JOSÉ

Uma viagem poética pelo Oriente milenário, 114

Cláudia Aranda

Aconteceu, 4

Festival Internacional de Música, 120

Exposições, 124

Livros, 126

SEIS DÉCADAS DE MOTORES A ACELERAR

Sem a invenção da roda, Macau não teria roletas ou biscoitos de amêndoa. Ou, pior ainda, Grande Prémio. Porque se as rodas movimentam economia e tradição, tornam-se muito mais espectaculares quando lhes juntam um motor. E aceleram.

p. 30

DA CHINA PARA O MUNDO LUSÓFONO

O Banco da China, em actividade desde 1912, é um dos dez grandes bancos do mundo e o maior em Macau. Consolidou agora a sua presença em países de língua portuguesa, com a abertura recente de um escritório de representação em Angola e de uma sucursal em Portugal. Moçambique será o próximo destino.

p. 22

COMUNIDADE CHINESA EM CABO VERDE

Falam perfeitamente o crioulo e há quem ouça as célebres mornas de Cesária Évora. Os chineses que escolheram o arquipélago de Cabo Verde como lar deixaram-se conquistar pela tradicional cachupa e alguns renderam-se aos encantos da mulher cabo-verdiana, com quem constituíram família. Muitos já guardam Cabo Verde no coração.

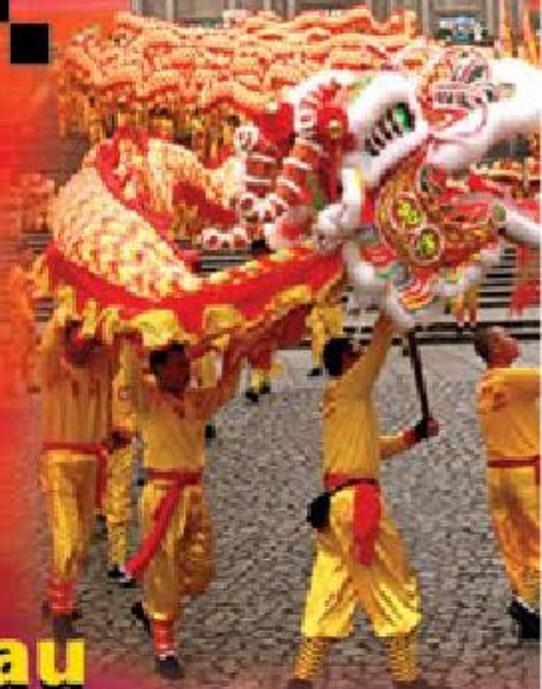
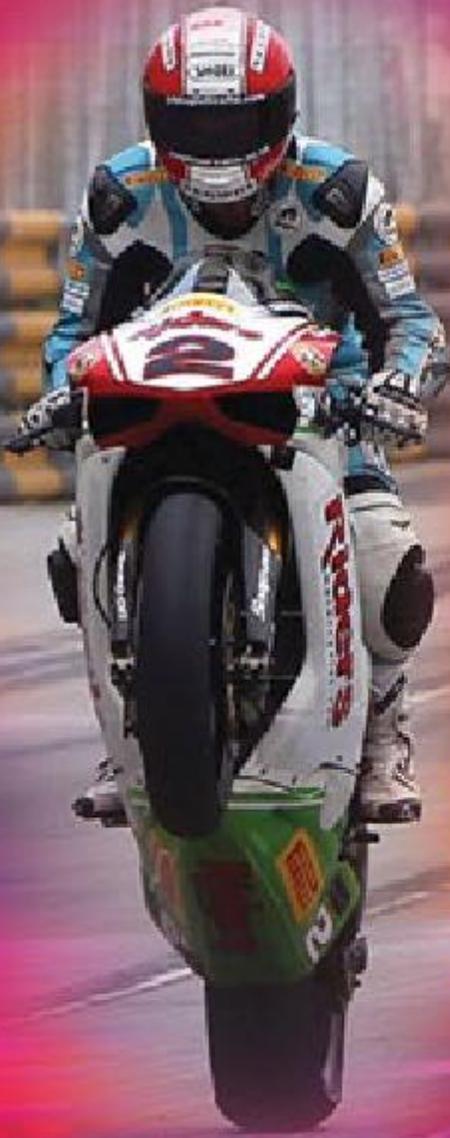
p. 64

OS NOVOS CAMINHOS DO FÓRUM MACAU

Após completar dez anos de existência, o Fórum Macau, principal elo de ligação entre a China e os países de língua portuguesa, garante uma continuidade dos seus principais projectos e uma nova estratégia para o futuro. A Conferência Ministerial com convidados de topo realiza-se mais uma vez em Macau no início de Novembro.

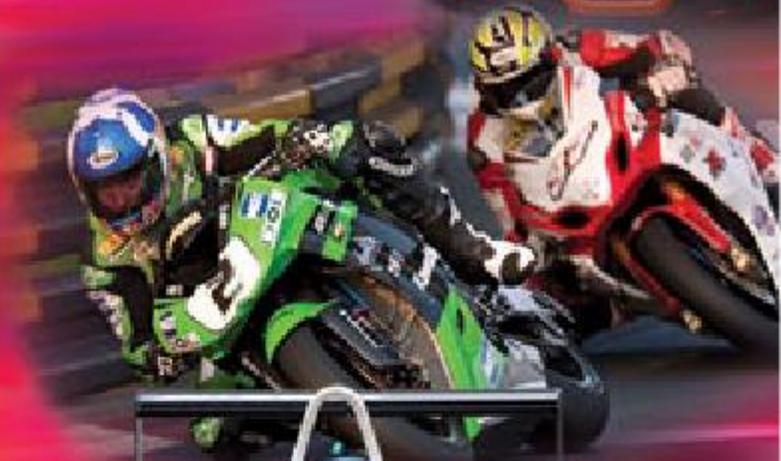
p. 56

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.



Grande Prémio de Macau
FESTIVAL DO JUBILEU DE DIAMANTE
9-10, 14-17/11/2013

**Até à vista,
nas Corridas!**



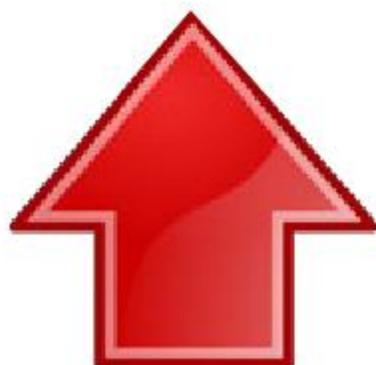
ACONTECEU

GOVERNO QUER MAIS PME NA ILHA DA MONTANHA

O secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam, afirmou em Julho que as oportunidades para as PME de Macau na Ilha da Montanha vão além do investimento directo e que podem ser concretizadas no comércio, com benefícios para o turismo. As regras de investimento na ilha da Montanha foram apresentadas em Julho e há já cerca de 2000 empresas internacionais registadas e 56 projectos que envolvem um investimento total na ordem dos 220 mil milhões de yuans.

TIMOR-LESTE COM ZONAS ESPECIAIS COMO A RAEM

O antigo primeiro-ministro timorense Mari Alkatiri realizou uma visita oficial a Macau no final de Agosto, para promover as zonas especiais timorenses que vão funcionar em Oecussi à semelhança da RAEM a partir do próximo ano. O responsável também aproveitou para apresentar outros projectos mais imediatos como, entre outros, a refinação de petróleo na costa sul ou as indústrias de Baucau, onde um consórcio sino-australiano vai investir 350 milhões de dólares na produção de cimento que empregará a prazo 3000 pessoas.



88.957

É O VALOR MÉDIO, EM PATACAS, DO PREÇO DO METRO QUADRADO EM MACAU (+14% QUE EM 2012)

.....

501.900

PESSOAS É O NOVO NÚMERO DA POPULAÇÃO DE MACAU ATÉ AO FINAL DE JUNHO

.....

61.4

MIL MILHÕES DE PATACAS ERA O SALDO ORÇAMENTAL DO GOVERNO DA RAEM EM FINAIS DE JULHO



MORREU O JORNALISTA RODOLFO ASCENSO

O jornalista Rodolfo Ascenso, 48 anos, morreu a 24 de Agosto em Angola, onde estava radicado há vários anos depois de uma passagem por Macau. O profissional, que entre 2002 e 2009 viveu na RAEM, esteve ligado ao Comité Organizador dos Jogos da Ásia Oriental, foi jornalista da Rádio Macau, director do jornal *Ponto Final* e fundador e director do diário em língua inglesa *Macau Daily Times*. Foi ainda sócio fundador da Associação de Imprensa em Português e Inglês de Macau e da Associação dos Naturais e Amigos de Angola e estava actualmente a trabalhar na rádio Namibe.

ANTIGAS OFICINAS NAVAIS VÃO SER ESPAÇOS CULTURAIS

As antigas Oficinas Navais da Barra vão passar por trabalhos de renovação durante os próximos meses, de forma a acolher dois novos espaços de cultura, um para exposições e outro para espectáculos. Os equipamentos ainda não têm data marcada de abertura ao público, mas os trabalhos de renovação devem estar concluídos até fim do ano.

FEIRA GUANGDONG-MACAU COM 17 PROTOCOLOS

Durante a Feira de Produtos de Marca de Guangdong e Macau, realizada no início de Agosto, foram assinados 17 protocolos de cooperação, mais 6% do que em 2012. Os protocolos estão relacionados sobretudo com a aquisição de suprimentos da indústria pesqueira e de artigos de uso diário de renome, cooperação na produção de chocolates de marca de Macau, e aquisição de especialidades locais e de arroz. Nos quatro dias do evento, registaram-se mais de 137.600 entradas.

POLUIÇÃO COM DIAS CONTADOS

O Governo da RAEM pretende controlar de maneira mais sistemática a emissão de gases poluente dos veículos motorizados. Uma das principais medidas para tal é a obrigatoriedade de os motociclos passarem por uma inspeção três anos após a atribuição da matrícula, e não depois de dez anos, como prevê a norma em vigor. Prevê-se ainda que os veículos com mais de 25 anos só possam circular ao fim-de-semana. As autoridades planeiam disponibilizar um fundo de 400 milhões de patacas para ajudar à eliminação de veículos altamente poluidores.



FORMAÇÃO DE BILINGUES ASSEGURADA

O Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES) garante que o Executivo está decidido a reforçar os cursos para profissionais bilingues, e está agora a estudar o tipo de cursos que podem ser criados para essa finalidade. A principal ênfase será na formação de falantes de chinês e português, com base numa estimativa das necessidades do mercado local a longo prazo.



PORTUGUÊS GANHA FORÇA EM HANGZHOU

Mais uma universidade chinesa, situada em Hangzhou, costa leste do País, terá uma licenciatura em português a partir de Setembro, ilustrando o crescente interesse pela língua portuguesa. Não contando com Macau e Hong Kong, passa a haver 18 universidades chinesas com licenciaturas em português, contra apenas duas no final da década de 1990. O português é ensinado em duas outras universidades, uma em Pequim, outra em Cantão, mas como língua de opção.

PEQUIM ALARGA ACESSO A MERCADO

O Governo Central e o Executivo de Macau assinaram no final de Agosto o 10.º suplemento ao acordo económico bilateral que prevê mais de 380 medidas que facilitam o acesso ao mercado do Interior do País por empresas de Macau. O suplemento ao Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Interior da China e Macau (CEPA, na sigla inglesa) entra em vigor a 1 de Janeiro de 2014.

MARATONA COM PERCURSO MAIS SEGURO

A 32.ª Maratona Internacional de Macau vai para a estrada a 1 de Dezembro, desta vez com um percurso “muito mais seguro”, segundo o Instituto do Desporto. Todo o percurso será completamente vedado ao trânsito, à semelhança do que já acontece noutros países. Serão disputadas em simultâneo três modalidades - maratona, meia-maratona e mini-maratona - provas para as quais já estão abertas um total de 6000 inscrições.



TAIWAN REFORÇA COOPERAÇÃO COM A RAEM

O presidente do Conselho para os Assuntos com o Interior da China, de Taiwan, Wang Yu Chi, reuniu-se em finais de Agosto com o chefe do Executivo de Macau na sua primeira visita à RAEM para reforçar a cooperação. No encontro que mantiveram na sede do Governo de Macau, Chui Sai On afirmou "acreditar que esta é uma oportunidade para efectuar uma retrospectiva do passado e perspectivar o futuro, no sentido de reforçar a comunicação e cooperação bilateral".

EUA COM NOVO CÔNSUL PARA MACAU

O novo cônsul-geral dos Estados Unidos para Hong Kong e Macau, Clifford Hart, iniciou funções no final de Julho e quer trabalhar em conjunto com as autoridades das duas regiões administrativas especiais para promover os alargados interesses comuns. Com 30 anos de carreira diplomática, Clifford Hart desempenhou três missões na China e outras duas na antiga União Soviética e Iraque.



CURSO DE VERÃO LEVA 56 ALUNOS A LISBOA

Foram 56 alunos universitários de Macau a participar, durante todo o mês de Agosto, no curso de verão de língua portuguesa, realizado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os estudantes foram seleccionados pelo Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES) num total de 500 candidatos. Destes, 200 frequentaram o curso básico de língua portuguesa do Instituto Português do Oriente.



FUTUROS PROFESSORES COM BOLSAS DE EXCELÊNCIA

A Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ) entregou em Agosto um total de 73 bolsas de excelência a finalistas do secundário que vão tirar licenciaturas na área da educação. Dos seleccionados, 13 vão frequentar a licenciatura na Universidade Católica Portuguesa. As bolsas variam entre 53 mil e 190 mil patacas por ano.

TDM ASSINA ACORDO COM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Depois de Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau, a Teledifusão de Macau celebrou em Agosto um acordo com São Tomé e Príncipe. Com o protocolo, a TDM vai enviar para São Tomé 25 documentários de cultura chinesa produzidos pela CCTV, mas traduzidos e legendados em Macau.

ESCOLA PORTUGUESA COM NOVA DIRECÇÃO

Manuel Machado e Zélia Mieiro são os nomes encontrados para a nova direcção da Escola Portuguesa de Macau, depois da saída por motivos de saúde de Edith Silva, que se manteve à frente da instituição por 15 anos. A escolha dos novos directores foi apoiada pela Associação de Pais da EPM.

MAIS 200 ENFERMEIROS PARA A RAEM

Os Serviços de Saúde planeiam, ainda este ano, contratar mais de 200 enfermeiros, mais de 70 auxiliares de enfermagem, e mais de 60 farmacêuticos, técnicos superiores de saúde e técnicos de diagnóstico e terapêutica, a fim de satisfazer as necessidades dos serviços. Os profissionais de Portugal são bem-vindos, segundo Lei Chin Ion, director dos serviços.



O MAIOR SABONETE DO MUNDO É DE MACAU

Macau estabeleceu em finais de Agosto um novo recorde para o livro *Guinness World Records*, ao construir o maior sabonete mosaico do mundo, numa iniciativa promovida pela associação de reabilitação Fu Hong, que chamou a atenção para a inclusão social das pessoas com deficiência. Durante cerca de duas horas, mais de 500 pessoas ajudaram na construção do maior sabonete mosaico do mundo, com a instalação de 18.000 sabonetes artesanais, num tapete com 78 metros quadrados, dando vida a uma mascote de sorriso colorido.

1.146

SOCIEDADES FORAM CONSTITUÍDAS EM MACAU NO SEGUNDO TRIMESTRE, MAIS 197 DO QUE EM IGUAL PERÍODO DE 2012



222.961

VEÍCULOS ESTAVAM EM CIRCULAÇÃO NO FINAL DE JUNHO



57

MILHÕES DE VISITANTES DO INTERIOR DO PAÍS PASSARAM POR MACAU NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

ACABARAM OS CARIMBOS NO PASSAPORTE

Desde Julho está em vigor a isenção de carimbo para todos os visitantes que entram ou saem pelos postos fronteiriços de Macau. Aos visitantes é concedido agora um boletim de entrada computadorizado em vez do carimbo. Também não haverá um carimbo de saída estampado no documento. Neste documento constam informações como o nome do visitante, o número de documento, a data de entrada e o prazo de permanência autorizado.

PIB CRESCE ACIMA DOS 10 POR CENTO

No segundo trimestre do ano, o Produto Interno Bruto (PIB) aumentou 10,2 por cento, face ao mesmo período do ano passado. A subida foi impulsionada principalmente pela exportação de serviços relacionados com o jogo e o turismo. O aumento do investimento foi de 4,3 por cento, com o contributo da subida de 13,6 por cento do investimento privado. Em sentido contrário, houve um decréscimo acentuado no investimento realizado pelo sector público - a queda foi de 29,3 por cento no segundo trimestre.



UM RESULTADO HISTÓRICO

No dia 15 de Setembro realizaram-se eleições para 26 dos 33 lugares da Assembleia Legislativa. Se para os 12 lugares eleitos por sufrágio indirecto não se esperavam surpresas, tendo sido eleitos todos os candidatos, os 14 lugares por sufrágio directo foram muito disputados, tendo os resultados premiado as listas ligadas ao sector empresarial

O cabeça de lista da Associação dos Cidadãos Unidos de Macau e líder da comunidade de Fujian de Macau, Chan Meng Kam, foi a surpresa da noite das eleições via sufrágio directo para a Assembleia Legislativa, conseguindo crescer mais um deputado aos dois que já tinha garantidos na última legislatura, com 26.390 votos nas urnas. Um facto nunca antes conseguido nas eleições por sufrágio directo desde que foi estabelecida a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), em 1999.

Já o segundo candidato mais votado, o vice-presidente da Associação de Conterrâneos de Jiangmen e líder da lista da União Macau-Guangdong, Mak Soi Ku, foi reeleito com 16.251 votos e ainda conseguiu eleger o número dois. Analistas afirmam que estes resultados indicam um reforço do campo ligado ao sector empresarial.

Por outro lado, Kwan Tsui Hang, a cabeça de lista da União Para o Desenvolvimento e dirigente da Associação Geral dos Operários de Macau, que tinha sido a grande vencedora nas legislativas de 2009, acabou por ser uma das derrotadas, perdendo um deputado.

Os candidatos do chamado campo pró-democracia que, desta vez, estavam repartidos por três listas, também perderam um deputado dos três que tinham conseguido eleger em 2009.

Assim, só Ng Kuok Cheong, cabeça de lista da Associação de Próspero Macau Democrático, e Au Kam San, líder da lista Associação de Novo Macau Democrático garantiram um assento no órgão legislativo.

Finalmente, a lista Nova Esperança, conseguiu ter mais um deputado com assento na Assembleia Legislativa. Assim, ao cabeça de lista e presidente da Associação Geral dos Trabalhadores da Função Pública, José Pereira Coutinho, junta-se Leong Veng Chai. No momento em que esta edição da MACAU seguia para a tipografia ainda não eram conhecidos os nomes dos sete deputados nomeados pelo Chefe do Executivo. As eleições por sufrágio directo realizaram-se a 15 de Setembro e contaram com um total de 151.881 eleitores, o que corresponde a 55,02 por cento da população recenseada. De acordo com os resultados finais das eleições para a V Assembleia Legislativa, anunciados no dia 23 de Setembro, do total dos 151.881 votos, 146.467 foram votos validamente expressos, 1083 foram votos em branco e 4331 foram nulos. Concorreram 20 listas com um total de 145 candidatos aos 14 lugares do sufrágio directo. Constituída por 33 deputados, o órgão legislativo da RAEM é composto por 14 parlamentares eleitos por sufrágio directo, 12 por sufrágio indirecto e sete nomeados pelo Chefe do Executivo. ●



OS VOTOS NO SUFRÁGIO DIRECTO

Lista 1 – Nova União para Desenvolvimento de Macau: 13.089
 Lista 2 – Liberais da Nova Macau: 3227
 Lista 3 – Associação de Activismo para a Democracia: 923
 Lista 4 – Associação de Promoção de Direitos dos Cidadãos: 848
 Lista 5 – Associação de Novo Macau Democrático: 8827
 Lista 6 – União Para o Desenvolvimento: 11.960
 Lista 7 – Observatório Cívico: 5225
 Lista 8 – União de Macau-Guangdong: 16.251
 Lista 9 – Nova Esperança: 13.119
 Lista 10 – Associação para Promoção da Democracia, Liberdade e Estado de Direito de Macau (Ideais de Macau): 1006

Lista 11 – Associação Esforços Juntos para Melhorar a Comunidade: 2306
 Lista 12 – Aliança p'ra Mudança: 8756
 Lista 13 – Associação dos Cidadãos Unidos de Macau: 26.390
 Lista 14 – União Promotora Para O Progresso: 15.815
 Lista 15 – Frente do Movimento Operário: 227
 Lista 16 – Supervisão pela Classe Baixa: 368
 Lista 17 – Aliança da Democracia de Sociedade: 179
 Lista 18 – Acções Inovadoras: 1642
 Lista 19 – Associação de Próspero Macau Democrático: 10.987
 Lista 20 – Cuidados para Macau: 5323

OS DEPUTADOS ELEITOS

SUFRÁGIO DIRECTO



Chan Meng Kam
Associação dos Cidadãos Unidos de Macau



Si Ka Lon
Associação dos Cidadãos Unidos de Macau



Song Pek Kei
Associação dos Cidadãos Unidos de Macau



Mak Soi Kun
União de Macau - Guangdong



Zheng Anting
União de Macau - Guangdong



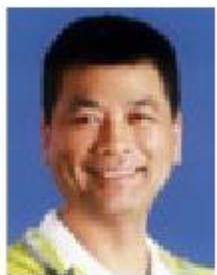
Ho long Sang
União Promotora para o Progresso



Wong Kit Cheng
União Promotora para o Progresso



José Pereira Coutinho
Nova Esperança



Leong Veng Chai
Nova Esperança



Ângela Leong
Nova União para o Desenvolvimento de Macau



Kwan Tsui Hang
União para o Desenvolvimento



Ng Kuok Cheong
Associação de Próspero Macau Democrático



Au Kam San
Associação de Próspero Macau Democrático



Melinda Chan
Aliança P'ra Mudança

SUFRÁGIO INDIRECTO



Ho Iat Seng
Reeleito
Sectores industrial, comercial e financeiro



Kou Hoi In
Reeleito
Sectores industrial, comercial e financeiro



Cheang Chi Keong
Reeleito
Sectores industrial, comercial e financeiro



Chui Sai Peng
Reeleito
Sectores industrial, comercial e financeiro



Lam Heong Sang
Reeleito
Sector do trabalho



Lei Cheng I
Estreia
Sector do trabalho



Chui Sai Cheong
Reeleito
Sector profissional



Leonel Alves
Reeleito
Sector profissional



Chan Iek Lap
Estreia
Sector profissional



Chan Hong
Estreia
Sectores dos serviços sociais e educacional



Cheung Lup Kwan
Reeleito
Sectores cultural e desportivo



Chan Chak Mo
Reeleito
Sectores cultural e desportivo

FOTORREPORTAGEM

O PULSAR DA VIDA NO MERCADO

No entender chinês, comprar alguma coisa fresca, basicamente significa comprá-la viva. Nos mercados tradicionais chineses, as aves, o peixe e o marisco são comprados ainda vivos, e os legumes parecem ter sido arrancados da horta há minutos atrás. O comércio tradicional resiste ao tempo e à concorrência das redes de supermercados espalhados a cada esquina e mantém-se como o sítio preferencial para as compras do dia

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

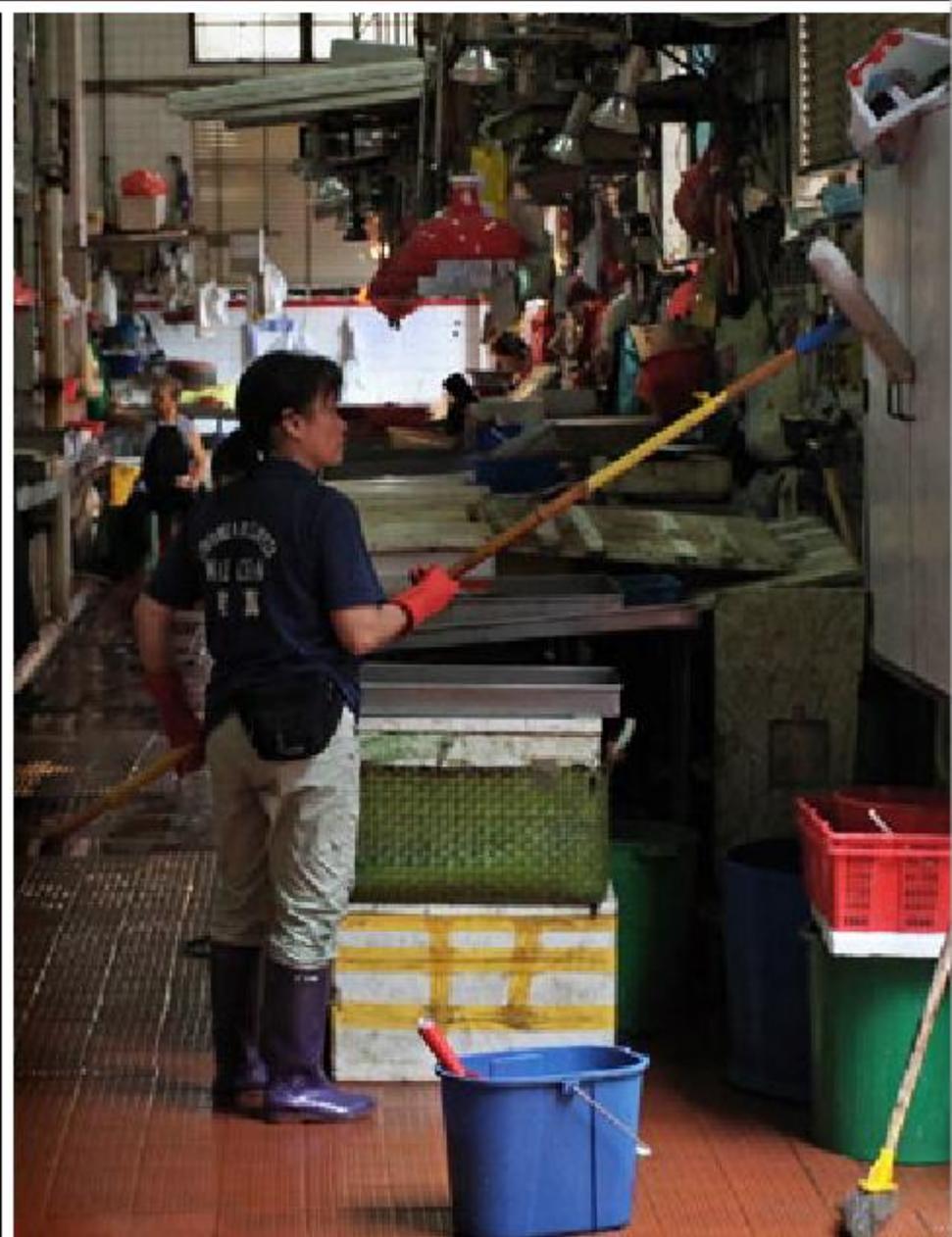


Existem actualmente em Macau nove mercados tradicionais chineses localizados nas zonas mais populosas da cidade que são o ganha pão de mais de 2500 pequenos comerciantes locais. Alguns já foram alvo de remodelações por parte do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), que tutela esta pasta, mas independente da estrutura externa, a vida nos mercados tradicionais é comum em todos eles. No rés-do-chão ficam os peixes e mariscos mergulhados em água a saltarem, enquanto que no primeiro andar um carnaval de cores dos legumes domina a paisagem. O segundo andar acomoda a venda de aves ainda vivas, bem como carnes de porco e vaca. Há ainda lugar para uma praça de alimentação no último piso, onde o cliente pode ir buscar o peixe e o marisco que quiser no andar de baixo e escolher ainda o modo de confecção. Chefes de cozinha de todos os calibres – desde aqueles de restaurantes de luxo, de pequenas tascas até avós com netos ao colo – têm passagem obrigatório pelos mercados de Macau. São neles onde se encontram os frescos mais frescos de sempre, já que o comércio, que abre por volta das 7h e encerra já depois do sol se pôr, por volta das 19h30, é abastecido duas vezes por dia.

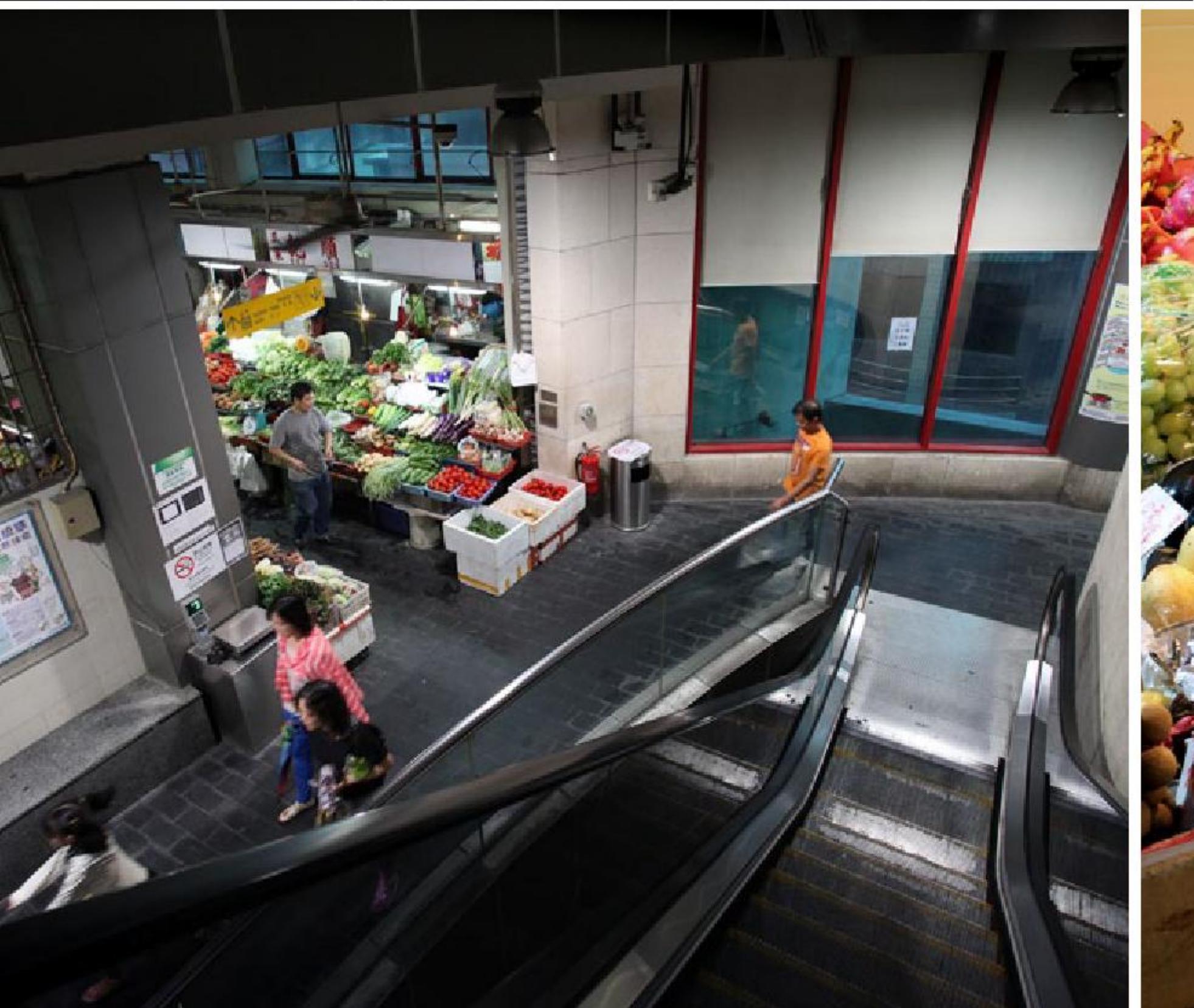


MERCADO VERMELHO

O mais antigo de Macau, o Mercado Vermelho é um ícone da cidade que atrai centenas de locais e turistas todos os dias. O nome deriva dos tijolos vermelhos usados na construção original de 1936, da autoria do arquitecto Júlio Alberto Basto. O prédio de três andares tem um desenho simétrico, com uma torre do relógio no meio e uma torre de vigia em cada esquina. Na altura em que foi construído, o mercado tinha o mar como terraço e os pescadores descarregavam a mercadoria directamente nas tendas. Hoje em dia, grande parte dos alimentos vêm da China.









MERCADO DE SÃO DOMINGOS

Localizado no coração do Centro Histórico de Macau, o Mercado de São Domingos é um verdadeiro labirinto. Vendilhões de roupas, *lingerie*, bolsas, souvenirs, flores e outros apetrechos dominam o exterior do edifício, que é o maior do género para o comércio tradicional da cidade. Tem ao todo sete andares e abriu portas em 1996, a substituir o Mercado Novo, que datava de 1950. O complexo é uma atracção para turistas, especialmente pela praça de alimentação no terceiro andar, onde pequenas bancas preparam as iguarias mais tradicionais de Macau saídas directas dos vendilhões do mercado.



MERCADO DO PATANE

A funcionar num edifício provisório devido à construção de novas instalações, o Mercado do Patane é o primeiro a receber o peixe e o marisco do dia, devido à sua proximidade às docas do Porto Interior. Daí vem a sua alcunha chinesa de “mercado flutuante”. O frenesim começa ainda antes das 7h, quando os pescadores atracam os seus barcos e começam a distribuição em plenas ruas ao redor do complexo. Vê-se peixes a saltarem de paletes gigantes, cozinheiros de toda a cidade a brigarem pelas iguarias mais raras e donas-de-casa a fazerem a primeira triagem do que há de melhor. O novo mercado só deverá entrar em funcionamento em 2014 e será o maior de Macau, com nove andares e uma grande zona de lazer com jardins e campos de jogo no terraço.









MERCADO DE SÃO LOURENÇO

Localizado num bairro com o maior número de idosos da cidade, o Mercado de São Lourenço passou por uma extensa remodelação e abriu portas a uma esquina da localização actual em 2011. O clima vibrante, no entanto, continua na mesma. Os locais dizem que este é o mercado com os preços mais em conta da cidade. No terraço do novo edifício, há uma área de 1200 metros quadrados de utilização gratuita para ténis de mesa e campos de jogos.

Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Centro de Promoção
e Informação Turística
de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau
Av. 5 de Outubro, 115 – 4º
1069-204 Lisboa

BÉLGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U.
Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa
Rua São D'Somingos, 18-22
Tel: +(853) 28 556 442

Livraria S.Paulo
Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural
Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela
Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia
Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall
Av. da Praia Grande S/N

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,620.00 | BRASIL: BRL 56.00
CABO VERDE: CVE 2,459.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00
MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 771.00
PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 546,445.00
TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

www.revistamacau.com

 deltaedições

Se deseja ser assinante da revista MACAU (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____

EMAIL: _____

Não inclui portes de correio.

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

DE PEDRA E CAL

O Banco da China, em actividade desde 1912, é um dos dez grandes bancos do mundo e o maior em Macau. Consolidou agora a sua presença em países de língua portuguesa, com a abertura recente de um escritório de representação em Angola e de uma sucursal em Portugal. Moçambique será o próximo destino. Em Macau, o banco está enraizado desde há 63 anos. Hoje mantém-se de pedra e cal na cidade, detendo mais de 40 por cento da quota de mercado, 30 agências e 1300 funcionários

Texto **Cláudia Aranda**

O edifício sede da sucursal de Macau do Banco da China, com 38 andares e 160 metros de altura, inaugurado em 1991, já foi um dos mais altos a destacar-se no horizonte da península. Hoje, a paisagem encontra-se dominada pelos mais de 300 metros de altura da Torre de Macau e uma linha quase cerrada de arranha-céus que albergam os hotéis e casinos que começaram a surgir a partir de 2001. O edifício mantém a sua imponência e, ao fim de mais de 20 anos, continua a destacar-se na arquitectura que rodeia a Praça de Ferreira do Amaral. No entanto, são inúmeras as outras referências que fazem com que o Banco da China e a respectiva sucursal na RAEM se evidenciem na cena financeira local e internacional.

Em Macau, o Banco da China, cuja sede é em Pequim, conseguiu em 63 anos de presença no terreno estabelecer “uma base sólida de clientes, constituída sobretudo por residentes locais, ganhando uma posição de liderança no mercado”, descreve um porta-voz da sucursal do banco na RAEM à revista MACAU. É o maior banco da cidade dos 29 autorizados pela Autoridade Monetária de Macau (AMM), detendo uma quota de mais de 40 por cento do mercado. O banco tem como lema “Enraizados em Macau - Firmes em servir” e orgulha-se em servir, não apenas o sector empresarial (o chamado *corporate*) mas, também, clientes individuais, assim como retalhistas e pequenas e médias empresas, integrando na sua carteira de clientes praticamente “todos os segmentos da comunidade local”.

No final de 2012, a sucursal do banco em Macau operava através de uma rede de “30 filiais distribuídas no território, que empregavam acima de 1300 funcionários, dos quais mais de 90 por cento eram residentes



O Banco da China
é a maior instituição
financeira da RAEM,
detendo uma quota de
mais de 40 por cento
do mercado

locais”, refere a instituição. Em 2012, a sucursal registou um lucro de 2,41 mil milhões de patacas, um aumento de 30 por cento em relação ao ano anterior. Naquela mesma data, o banco na RAEM detinha activos perto de 350 mil milhões de patacas e mais de 620 mil contas activas. Ou seja, detinha mais contas bancárias do que a população da cidade, que totaliza 552.500 indivíduos, de acordo com os Censos de 2011. O Banco da China em Macau é também desde 1995, um dos dois bancos emissores de moeda na RAEM, a par do Banco Nacional Ultramarino.

CIDADE DE OPORTUNIDADES

Nos últimos anos, a sucursal na RAEM do Banco da China tem vindo a prestar especial atenção “às oportunidades oferecidas pelo rápido desenvolvimento económico de Macau”, refere o porta-voz. O banco “apoia o Governo da RAEM no seu posicionamento estratégico de construção de um centro mundial de turismo e lazer”. Neste contexto, a instituição tem estado “activamente envolvido no financiamento da construção de infra-estruturas na cidade”, prestando apoio ao desenvolvimento da indústria de entretenimento através do “financiamento de projectos de grandes hotéis”. Um dos acordos de financiamento mais mediatizados foi aquele estabelecido com a empresa Macau Cable TV. O Banco da China em Macau assinou com aquela companhia, em 2012, um acordo para um empréstimo - em consórcio com o Banco Tai Fung - no valor de mil milhões de patacas para investimento em infra-estrutura e equipamentos.

O apoio às pequenas e médias empresas (PMEs) é outra das apostas do banco. A instituição criou um segmento de prestação de serviços orientado para o desenvolvimento daquele tipo de negócios, com fornecimento de linhas de crédito e modos de pagamento de empréstimos hipotecários ajustados às PMEs. Uma boa parte dos beneficiários são retalhistas e pequenos e médios empresários com actividade no sector da restauração.

Em resultado da aceleração do crescimento

económico local, liderado pela indústria do jogo e de entretenimento e com base na confiança que esse *boom* se manteria por mais dez a 20 anos, o Banco da China em Macau foi mandatado pela sede em Pequim para abrir um segmento de *private banking*, o qual inaugurou em Março de 2008. O Banco da China foi o primeiro banco chinês a fornecer serviços de *private banking* no Interior do país, abrindo as suas primeiras unidades de *private banking* em 2007 em Pequim e Xangai. Não foi todavia pioneiro, uma vez que outros bancos estrangeiros já haviam introduzido o *private banking* na China antes. Em Macau, os serviços desta linha posicionam-se no sentido de captar clientes de altos rendimentos, empresários com negócios na região do Delta do Rio das Pérolas, assim como, e sobretudo, a nova geração de milionários da China.

O Banco da China, fundado em 1912 em Xangai, é a única entidade bancária na China a operar de forma contínua desde há 100 anos. Actualmente é uma das cinco maiores entidades financeiras estatais da República Popular da China e um dos dez maiores bancos do mundo



* Ip Sio Kai (ao centro), director-geral do Banco da China em Macau, durante uma reunião do Conselho de Administração da instituição

ROTA DA LUSOFONIA

Os países de língua portuguesa fazem parte da estratégia recente de expansão da rede mundial de atendimento do Banco da China. Depois do Brasil, onde uma sucursal foi aberta em São Paulo em 2009, chegou a vez de abrir um escritório de representação em Angola, em Dezembro de 2012, e de uma sucursal em Portugal, em Julho de 2013. Espera-se que o negócio venha também a “irradiar para Moçambique”, afirmou o porta-voz da sucursal do banco em Macau.

“O desenvolvimento económico e comercial entre a China e Angola nos últimos anos trouxe uma crescente demanda por serviços financeiros”, justificando-se uma presença permanente do banco naquele país africano, refere um comunicado do banco publicado no website da instituição.

A China é o principal parceiro comercial de Angola, país que exporta sobretudo petróleo. É

neste contexto que, em Dezembro de 2012, o banco inaugurou oficialmente um escritório de representação em Luanda, a quarta organização permanente do Banco da China no continente africano, depois da Zâmbia, África do Sul e Quênia. Este novo escritório destina-se sobretudo a prestar serviços de consultoria em termos de financiamento e de investimentos, podendo “realizar, localmente, levantamentos preliminares de avaliação” e “fazer a ligação dos mercados interno (chinês) e externo, de modo a ajudar as empresas (chinesas) a estabelecerem negócios”, explica o banco. Também a sucursal do banco na RAEM tem procurado beneficiar do posicionamento de Macau enquanto plataforma estratégica para a relação entre o Banco da China e os países da lusofonia. Nos últimos anos, a instituição tem apostado no “reforço da cooperação com organizações e entidades financeiras de Portugal e de outros países

ECONOMIA

de língua portuguesa”, afirma o porta-voz. Neste contexto, foram assinados protocolos de cooperação com bancos, tais como o português BPI (Banco Português de Investimento) e o angolano BFA (Banco de Fomento Angola). Estes acordos remetem a 2006 e incidiram sobre o financiamento do comércio externo através de uma linha de crédito de apoio às exportações da China e de Macau para Angola e transferências de imigrantes chineses em Angola. A sucursal do Banco da China em Macau estabeleceu ainda acordos com o Moza Banco, de Moçambique, e outros bancos com filiais em Macau.

TOP 10 MUNDIAL

O Banco da China estabeleceu-se em Macau através da aquisição e integração em 1986 do Banco Nan Tung, fundado em Junho de 1950 pelo empresário chinês Chuang Shih-Ping, uma figura eminente em Macau e Hong Kong, fundador do Banco Nan Tung e do Banco Comercial Nanyang. A nova instituição bancária herdou assim os respectivos negócios bancários e base de clientes, conseguindo que toda a actividade até então desenvolvida pelo Banco Nan Tung prosseguisse sem quebras. Por essa razão, a data geralmente considerada como a de instalação do Banco da China em Macau é o ano de 1950.

O Banco da China, fundado em 1912 em Xangai, é a única entidade bancária na China a operar de forma contínua desde há 100 anos. Actualmente é uma das cinco maiores entidades financeiras estatais da República Popular da China e um dos dez maiores bancos do mundo. O banco está na nona posição em termos mundiais, de acordo com a lista anual dos 1000 maiores bancos do mundo publicada pela instituição britânica *The Banker*. Esta publicação inclui quatro instituições estatais chinesas nos dez primeiros lugares da tabela mundial, entre os quais o novo número um do *ranking*, o Banco Industrial e Comercial da China (ICBC, na sigla inglesa). O China Construction Bank e o Agricultural Bank of China são os outros bancos chineses que fazem parte daquele grupo. O quinto maior banco chinês é o Bank of Communications, que o *The Banker* coloca na 30.ª posição da tabela mundial.

* Gil Araújo





O Banco da China opera em toda a China Continental através de uma rede de mais de 10 mil agências. Está presente em, pelo menos, 36 países, para além de Hong Kong, Taiwan e Macau. Emprega mais de 302 mil pessoas, colocando-se no top 50 dos maiores empregadores do mundo da lista *Fortune Global 500*. Esta tabela estabelece o *ranking* anual das 500 maiores corporações do mundo em termos de receitas e é elaborada pela revista norte-americana *Fortune*. Em 2012, o Banco da China surgiu nesta lista na 70.^a posição.

BANCO E COMUNIDADE

O Banco da China em Macau faz questão de cumprir aquilo que considera suas obrigações em termos de responsabilidade social da empresa. O objectivo das empresas em cumprirem voluntariamente essas responsabilidades é o de contribuir para a sociedade local de forma positiva e gerir o impacto das suas operações quotidianas em termos sociais e ambientais, por forma a assegurar a sua competitividade. No caso do Banco da China em Macau essas actividades têm se centrado na organização de eventos para a recolha de fundos destinados a instituições de caridade locais, assim como ao apoio às vítimas de catástrofes naturais na China.

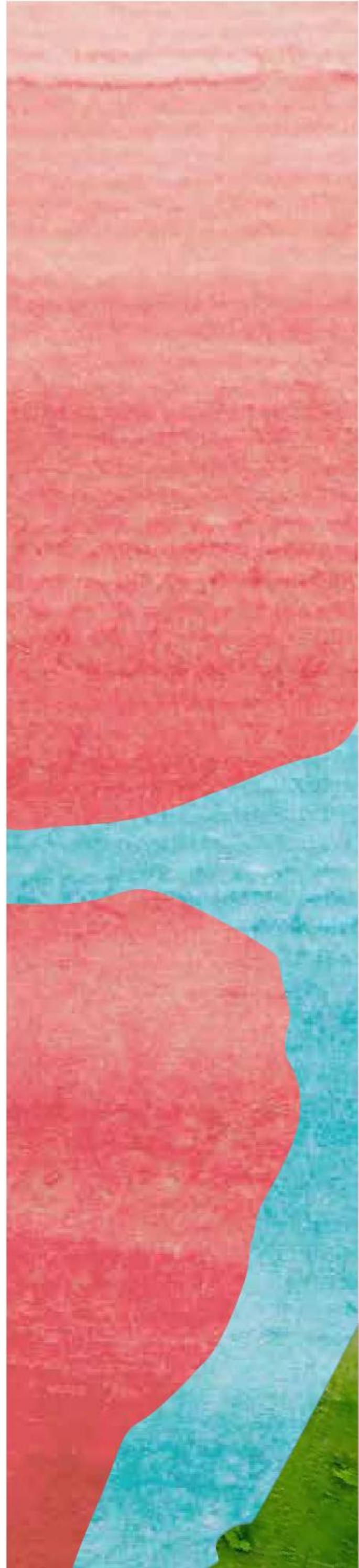
O Banco da China em Macau atribui ainda anualmente bolsas de estudos a alunos locais. Em 2012 “mais de 78 estudantes de diferentes instituições de ensino superior de Macau beneficiaram da Bolsa de Estudos do Banco da China, cujo valor correspondeu a um total de quase um milhão de patacas”, refere o porta-voz do banco.

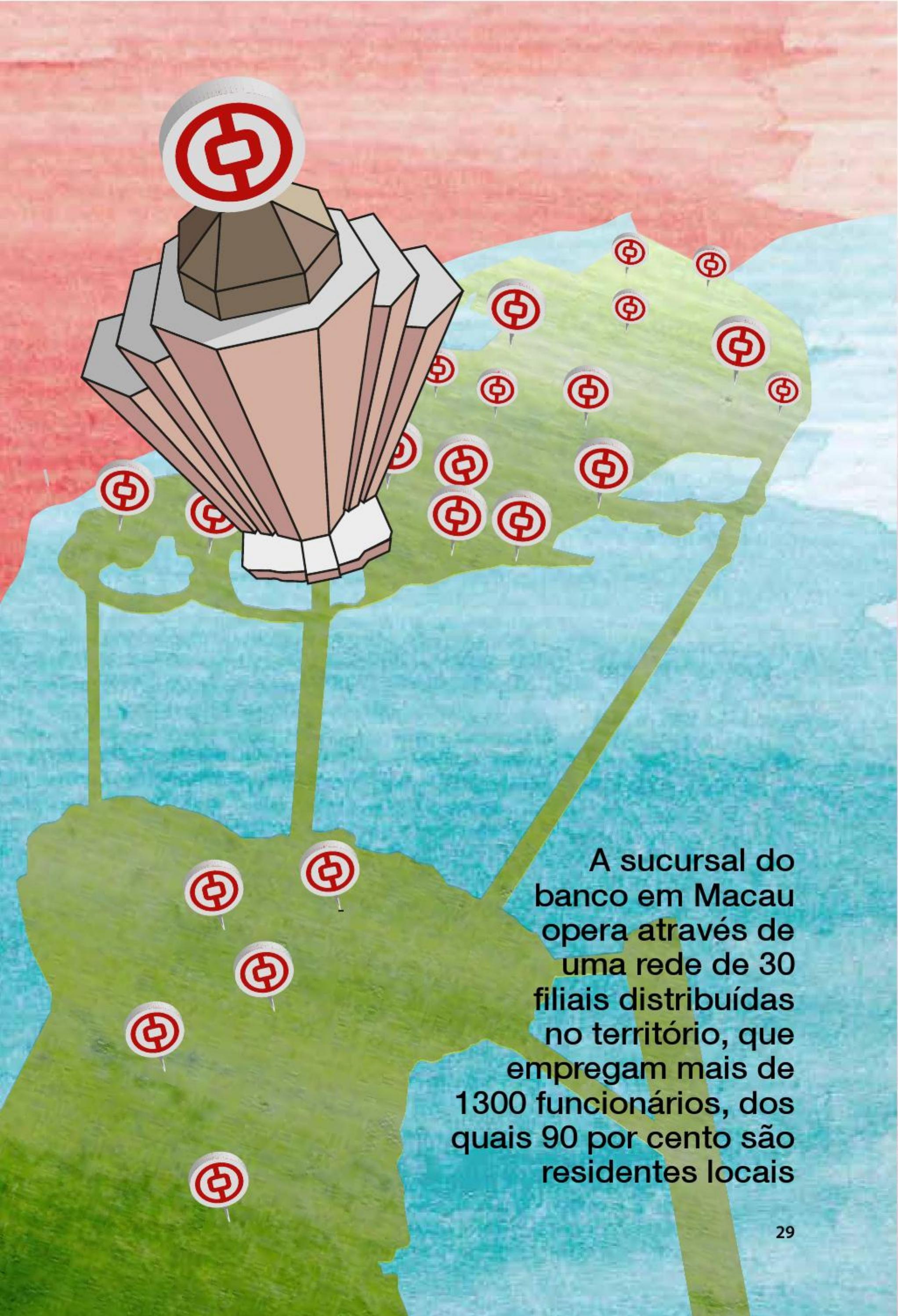
A instituição vai continuar a apoiar a sociedade local com actividades de beneficência, afirma o director-geral da sucursal de Macau do Banco da China, Ye Yixin, também presidente da Associação de Bancos de Macau, no Relatório de Actividades, publicado em Boletim Oficial em Maio de 2013. Ye Yixin refere ainda o objectivo do banco de continuar a envidar esforços para aumentar a qualidade da prestação de serviços, priorizando uma maior conveniência e adequação às necessidades dos clientes através, nomeadamente, do aperfeiçoamento dos serviços electrónicos. ●

MOMENTOS
IMPORTANTES

1912	Fundado pelo Governo da República da China
1929	Abre a primeira sucursal fora do território chinês, em Londres
1986	Compra o Banco Nan Tung de Macau, fundado em 1950
1991	Edifício é inaugurado na Avenida de Almeida Ribeiro
1995	Torna-se emissor de notas de patacas
2006	Assinatura de protocolos de cooperação com bancos lusófonos
2008	Abertura do <i>private banking</i> em Macau
2009	Abertura da sucursal de São Paulo (Brasil)
2009	Afirma-se em 29 países, totalizando 10.961 agências em todo o mundo e mais de 262 mil empregados
2012	Abertura da sucursal em Luanda (Angola)
2013	Abertura da sucursal em Lisboa (Portugal)

* Gil Araújo





A sucursal do banco em Macau opera através de uma rede de 30 filiais distribuídas no território, que empregam mais de 1300 funcionários, dos quais 90 por cento são residentes locais

AUTOMOBILISMO

GP DE MACAU CELEBRA 60 ANOS DE ÊXITOS

SOBRE RODAS

Sem a invenção da roda, Macau não teria roletas ou biscoitos de amêndoa. Ou, pior ainda, Grande Prémio. Porque se as rodas movimentam economia e tradição, tornam-se muito mais espectaculares quando lhes juntam um motor. E aceleram

Texto **Nuno G. Pereira**

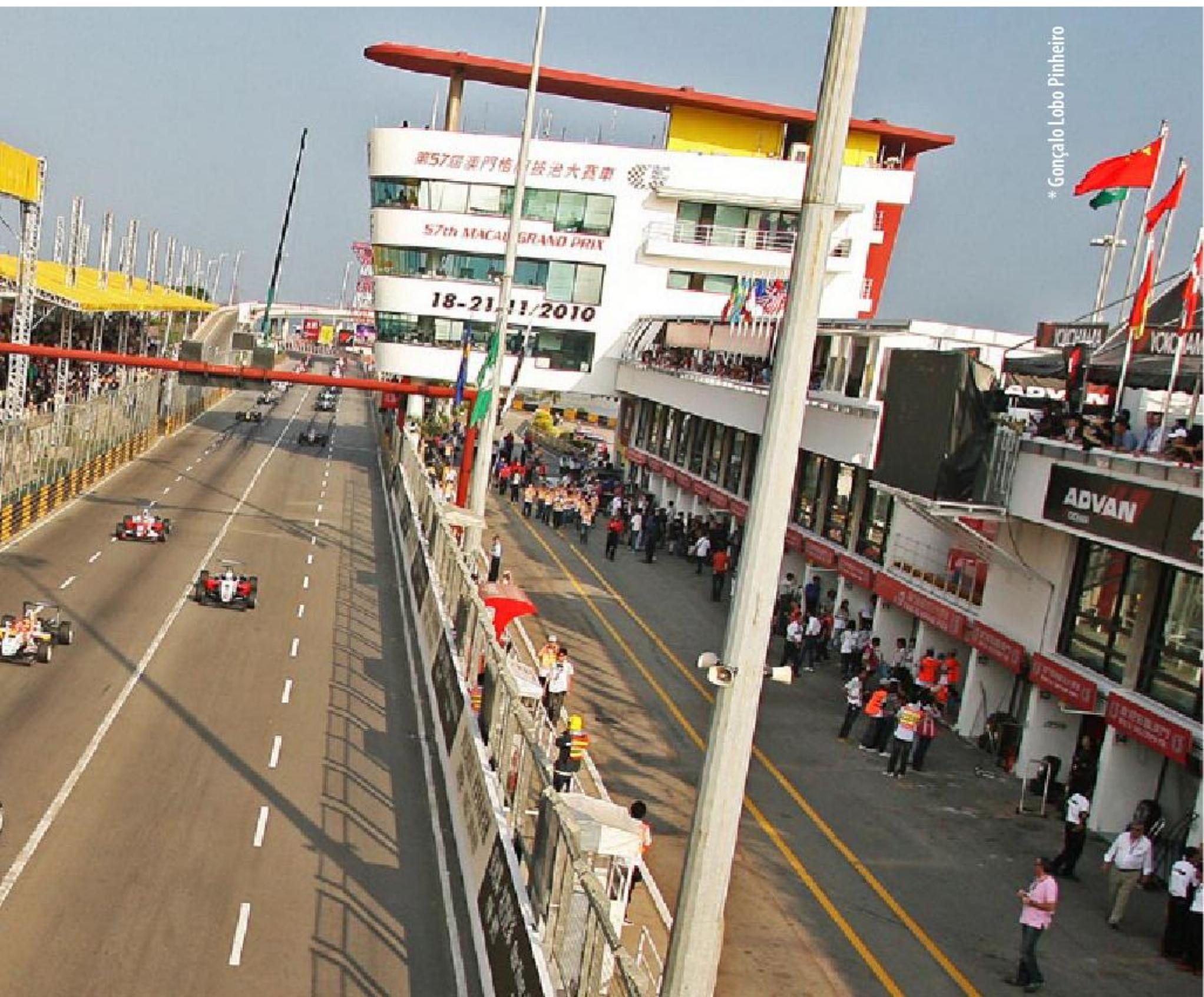


O que é um cartaz turístico? Uma frase prometedora – “Venha conhecer as praias mais quentes do planeta!” – ou aquilo que identifica logo uma região, criando vontade de conhecê-la? Um milhão de campanhas publicitárias ou a Torre Eiffel? Macau tem oferta turística cada vez mais diversificada, mas a fatia grossa de visitantes vem do próprio país a que pertence: China. Do ponto de vista do reconhecimento à escala global, a RAEM tem no Grande Prémio de

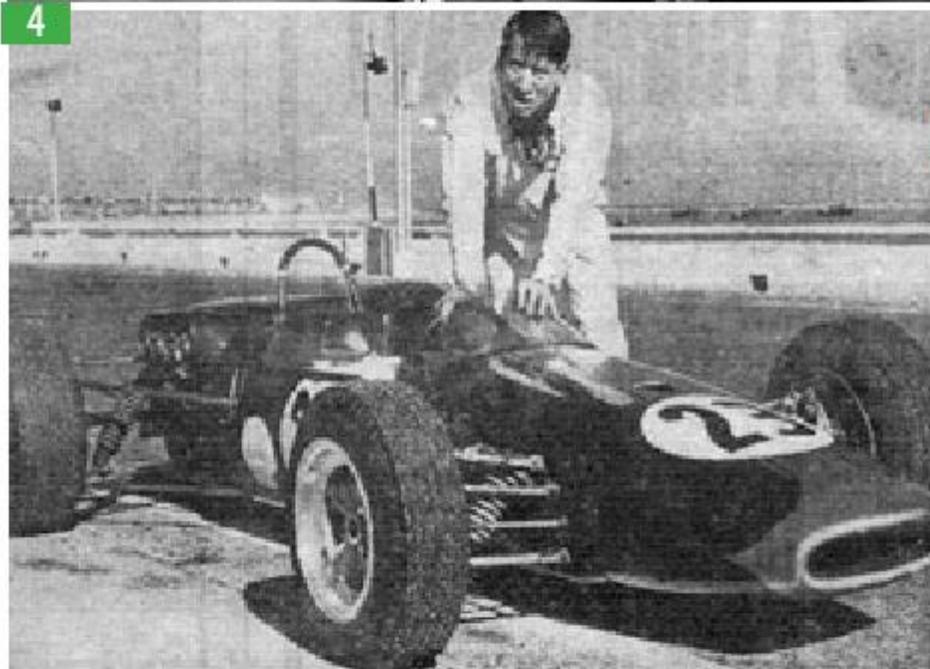
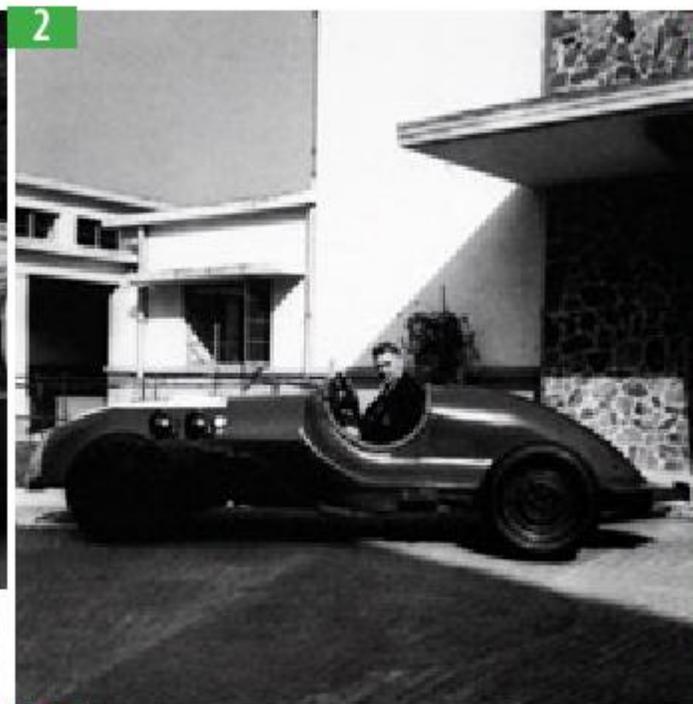
Macau (GP) o maior cartaz turístico. Foi construído ao longo de seis décadas e alicerçado na reputação de “fábrica de campeões”, ganha em particular com as vitórias de Ayrton Senna e Michael Schumacher, antes de se tornarem super-estrelas da Fórmula 1.

O GP começou em 1954, uma quase brincadeira de amigos que nunca mais seria interrompida, concretizada nos dias 30 e 31 de Outubro daquele ano. As primeiras edições eram amadoras, mas nem por isso menos

entusiasmantes. Pontificavam aventureiros endinheirados e sonhadores destemidos, todos ansiosos por impressionar a sua dama neste torneio moderno, onde volantes substituíam lanças e as investidas se faziam com vários cavalos de potência. Trilhou-se depois o caminho do profissionalismo rumo à excelência, realidade cada vez mais evidente. O orçamento para a organização do GP deste ano atinge 230 milhões de patacas, incluindo projectos de infra-estruturas. A esta soma acrescentam-se



* Gonçalo Lobo Pinheiro



mais 70 milhões, custo da construção da nova Torre de Controlo.

Os valores não deixam dúvidas quanto à importância que o Governo atribuiu ao acontecimento, mas a conclusão é ainda mais positiva. Segundo cálculos apresentados pela Comissão do Grande Prémio de Macau, os lucros gerados, de forma directa e indirecta, superam largamente as despesas.

AMBIÇÃO E SEGURANÇA

Para marcar o “Jubileu de Diamante” do GP, a sua Comissão anunciou ter organizado um programa sem precedentes, num total de seis dias de corridas, durante os fins-de-semana de 9 a 10 e 14 a 17 de Novembro.

Entre as provas a disputar no Circuito da Guia, destacam-se o Grande Prémio de Macau de Fórmula 3 (competição principal), a ronda final do Campeonato do Mundo de Carros de Turismo da Federação Internacional do Automóvel (FIA) 2013 e o 47.º Grande Prémio de Motos de Macau.

Antes, entre 8 e 10 de Novembro, estão previstos espectáculos de carros de estrada, supercarros e motos, nas Praças do Tap Seac e da Amizade. São parte integrante de duas semanas de eventos especiais, que incluem uma parada de carros clássicos, em exposição de entrada gratuita. A segurança é a prioridade assumida pela organização. O piso do circuito será renovado

e haverá implementação de novas medidas, como barreiras mais altas e cercas de protecção contra acidentes. As equipas de resgate, emergência e intervenção rápida, compostas por pessoal do Corpo de Bombeiros e Departamentos dos Serviços de Saúde de Macau, têm realizado acções de formação de resgate de pilotos. Além disso, mais de 900 pessoas, envolvidas nos trabalhos das duas semanas do GP, frequentam cursos de formação específicos, incluindo sessões orientadas por instrutores da FIA.

MARCA DE MACAU

Promover o GP, em especial fora de portas, é outra dinâmica em marcha,



* Acervo pessoal de Philip Newsome

- 1 Os vitoriosos Triumph TR2 de 1954, com Reggie Rocha, Paul Dutoit e Eddie Carvalho ao volante
- 2 Paul Dutoit, professor, desenhou e construiu o seu próprio carro, um Helvia Special, na década de 1950
- 3 Depois do arranque amador em 1954, a terceira edição do GP ganhou a tradição do cartaz a anunciar as corridas
- 4 Albert Poon com o seu Brabham/Alfa em 1967
- 5 John Macdonald e o seu Lotus 18 na corrida de 1965

procurando dar ainda mais força a uma atracção com sólida repercussão planetária. Em colaboração com a Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, já se realizaram várias actividades promocionais em Taiwan, Coreia do Sul, Hong Kong, Austrália e Reino Unido. Até Setembro, há mais iniciativas planeadas em Singapura, Japão, Indonésia, Portugal e Alemanha. Decorre também uma colaboração com a Air Macau, para promover o evento no Interior da China, em Taiwan, no Japão, na Coreia do Sul e na Tailândia. A juntar a tudo isto, o GP é anunciado em vários meios de comunicação internacionais, como os canais de televisão

O GP começou em 1954, uma quase brincadeira de amigos que nunca mais seria interrompida, concretizada nos dias 30 e 31 de Outubro daquele ano. As primeiras edições eram amadoras, mas nem por isso menos entusiasmantes

BBC, CNN, CNBC e Eurosport.

O 60.º Grande Prémio ficará ainda assinalado com a publicação de um novo livro, em inglês e chinês, intitulado *The Macau Grand Prix at 60 – A Diamond Jubilee* (“O Grande Prémio de Macau aos 60 – Um Jubileu de Diamante”). Uma obra de Philip Newsome, autor de vários livros sobre o GP ao longo das últimas duas décadas.

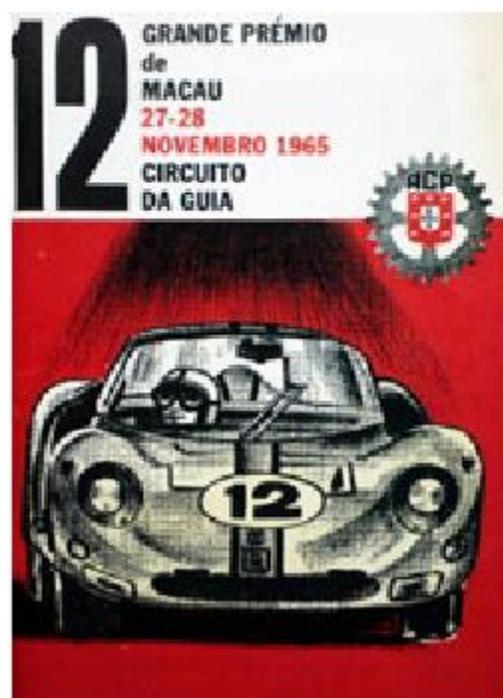
HISTÓRIA INTENSA

Macau disputa com o principado do Mónaco a distinção de ter o melhor circuito urbano do mundo. Os especialistas nem sempre concordam na escolha, mas são unânimes em reconhecer

AUTOMOBILISMO

a evolução extraordinária do Circuito da Guia, onde ao exotismo geográfico se acrescenta o desafio competitivo da prova. O desenho do circuito tem uma história notável, com um pormenor a merecer espanto: mantém-se praticamente inalterado desde a criação em 1954. A partir daí, Macau evoluiu imenso. Até às águas roubou espaço, mas cresceu sempre à volta do circuito do GP, respeitando-o como se fosse um percurso sagrado. Como se fosse a alma motorizada da cidade. Nesta história de progresso harmonioso entre espaço urbano e espaço de velocidade, há tudo o que se espera de uma narrativa épica: drama, sacrifício, poesia, glória. E heróis, claro. Dos anónimos essenciais para impor um GP sem igual a figuras como Albert Poon que participou em 24 GP consecutivos, entre 1959 e 1982, ganhando uma vez (e prometeu regressar este ano!), ou John Macdonald, o “Rei de Macau”, único piloto a obter quatro triunfos na prova. Mais recentemente, outros nomes cimentaram a reputação de “fábrica de campeões”: Alan Jones, Ayrton Senna, Michael Schumacher, Mika Häkkinen, Damon Hill, Jenson Button, Lewis Hamilton, Sebastian Vettel. À distância de 60 anos, é difícil recordar que tudo começou com um encontro

Vários nomes
cimentaram a
reputação de “fábrica
de campeões”: Alan
Jones, Ayrton Senna,
Michael Schumacher,
Mika Häkkinen, Damon
Hill, Jenson Button,
Lewis Hamilton,
Sebastian Vettel



no café do Hotel Riviera, na Primavera de 1954, como conta Philip Newsome, no livro. “Três jovens, Fernando de Macedo Pinto, Carlos da Silva e Paulo Antas, estavam determinados em agitar as coisas, criando uma corrida de automóveis nas estradas empoeiradas de Macau. Acharam que seria divertido montar uma caça ao tesouro para eles e os amigos, serpenteando entre as ruas locais. Contudo, não faziam ideia de como organizar tal caça ao tesouro automobilizada. Carlos escreveu ao Clube de Desportos Motorizados de Hong Kong, pedindo conselhos – um livro de regras, por exemplo. Para sua agradável surpresa, ele e os amigos receberam como resposta a visita de Paul Dutoit – um suíço que tinha participado em corridas na Europa –, que quis falar pessoalmente com os três. Conversaram no café do Riviera e foram depois dar uma volta pelo percurso que os jovens tinham definido para a caça ao tesouro. No fim do passeio, o visitante estava entusiasmado: “Isto não é uma caça ao tesouro, o que vocês têm aqui é um Grand Prix!”. Assim, dizendo precisamente o contrário, Dutoit acabou por indicar o caminho para uma riqueza bem concreta: o Grande Prémio tornou-se um tesouro de Macau. ●



“MR. MACAU GRAND PRIX”

Teddy Yip é uma das figuras mais importantes do GP de Macau e do turismo da região, à qual trouxe projecção internacional, graças ao seu dinamismo e enorme carisma. A ligação à mítica prova começa bem cedo, em 1956, quando participa pela primeira vez, como piloto, ao volante do seu Jaguar XK120. Em 1958 obteve a classificação mais alta, acabando em terceiro lugar. O melhor,

porém, estava para vir. Ao longo dos anos seguintes, depois de abandonar as pistas como piloto, tornou-se um “patrão de equipa” como nunca mais houve. A sua Theodore Racing Team trazia os jovens pilotos mais talentosos para correrem em Macau, acumulando pódios e histórias inesquecíveis. A coroa de glória aconteceu em 1983, quando Ayrton Senna veio representar as cores da equipa de Teddy na primeira

edição do Campeonato Intercontinental de Fórmula 3. Uma vitória histórica para ambos.

As aventuras do “Mr. Macau Grand Prix”, como Teddy também era conhecido, já deram para um livro, que ainda assim só contou uma ínfima parte da vida dele. Não só porque ele viveu com muita intensidade, como o fez durante bastante tempo – morreu em a 11 de Julho de 2003, com 96 anos.

HISTÓRIAS DE OURO

1954

O primeiro Grande Prémio de Macau foi realizado nos dias 30 e 31 de Outubro, contou com 15 participantes numa prova de 51 voltas ao circuito da Guia (6,2 km). O Triumph TR2 de Eddie Carvalho venceu na prova inaugural

1956

O terceiro Grande Prémio de Macau testemunhou a construção da bancada central em betão, que englobava 10 "boxes" e uma lotação para 300 pessoas. A prova de 77 voltas foi ganha por Douglas Steane num Mercedes 190 SL

1958

O circuito da Guia foi reduzido para a sua extensão actual de 6,1 km para o quinto GP que testemunhou igualmente o lançamento do Troféu ACP com 15 voltas. Um total de 31 carros, o maior contingente até àquela data, participaram na prova. Chan Lye-choon, de Singapura, venceu num Aston Martin DB 3S

1959

Neste ano houve sessões de treinos oficiais pela primeira vez. Ron Hardwick de Hong Kong assumiu o comando da prova, mas a bandeira vermelha veio a ser mostrada quando uma ponte para peões construída em aço caiu, ferindo 21 espectadores. Hardwick comandou novamente na segunda partida, vindo a vencer num Jaguar XKSS, estabelecendo uma nova volta mais rápida com 3:24.10

1960

Pela primeira vez, o GP de Macau fez parte do calendário internacional de provas automobilísticas na qualidade de "corrida nacional com participação estrangeira", sendo, também pela primeira vez, realizado de acordo com os regulamentos da FIA relativos a automóveis de desporto e grande turismo

1966

Em 1966, a fama do GP já tinha chegado à Europa e, pela primeira vez, um piloto "importado", o italiano Mauro Bianchi, venceu a prova. Albert Poon bateu o recorde de participações no GP, classificando-se em segundo lugar com um Lotus 23

1967

A primeira edição do GP em Motas foi ganha pelo japonês Hiroshi Hasegawa, tripulando uma Yamaha RD 56. A prova teve também a sua primeira fatalidade quando o carro pilotado pelo favorito Dodgie Laurel embateu e se incendiou

1969

John MacDonald tornou-se no primeiro e no único piloto a vencer o Grande Prémio de Macau (1965) e o Grande Prémio de Macau de Motas. Pilotando uma Yamaha, o tempo de MacDonald para as 30 voltas ao circuito foi de 1:45:31.50

1978

Na celebração dos 25 anos do GP, Bob Harper com a ajuda de Teddy Yip, organizou a Corrida dos Gigantes. Uma corrida especial repleta de grandes nomes ligados ao desporto automóvel: o príncipe Birabongse da Tailândia, Jack Brabham, Phil Hill, Denny Hulme, Jacky Ickx, Stirling Moss, Bobby Unser, Mike Hailwood e claro Teddy Yip.

1980

O Grande Prémio foi denominado como o primeiro Campeonato de Fórmula Pacífico, com o primeiro lugar da grelha, Geoff Lees a acabar por vencer para a Theodore Racing pelo segundo ano

1983

O GP foi nomeado como Taça do Mundo de Fórmula 3 da FIA. Com o forte apoio da Theodore Racing, de Teddy Yip, um jovem piloto brasileiro, então conhecido por Ayrton Senna da Silva, venceu no seu primeiro GP de F3

1989

Uma vez mais, Teddy Yip puxou dos seus galões e organizou a sua "Corrida de Campeões". Correndo em Mazda MX5 Miatas idênticos, estavam lendas como Denny Hulme, Roy Salvadori, Al e Bobby Unser, Alan Jones e o vencedor Geoff Lees. A vitória na F3 foi para o australiano David Brabham

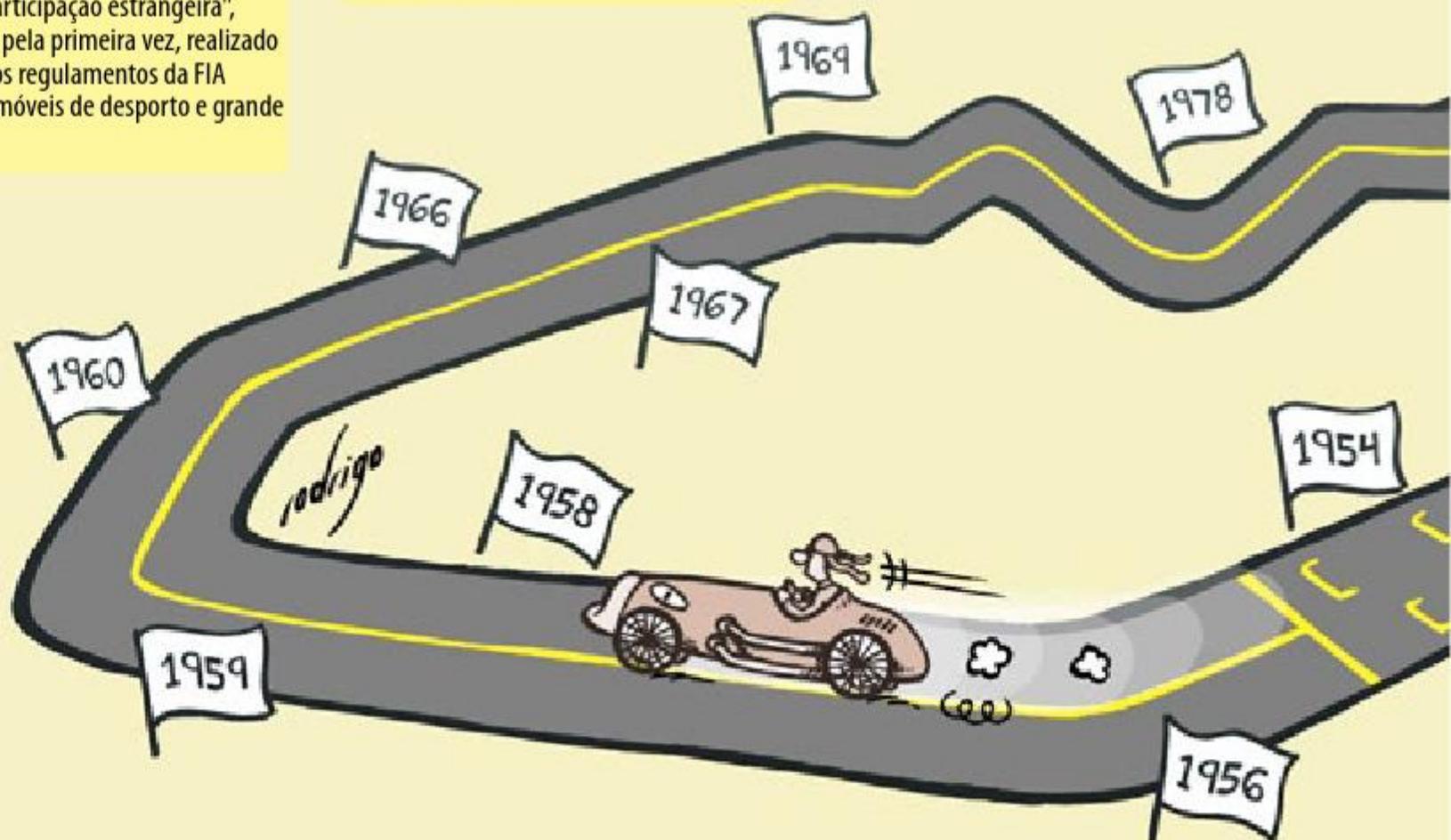
1990

Embora o Grande Prémio de Macau tenha protagonizado muitos finais emocionantes, nenhum foi mais dramático que o choque ocorrido na última volta entre o vencedor da 1.ª manga e favorito à vitória, Mika Hakkinen, com o comandante da 2.ª manga e eventual vencedor da prova, Michael Schumacher

1993

A prova mudou-se para as suas novas instalações construídas propositadamente na zona do novo terminal marítimo. Rickard Rydell regressou para defender o seu título, mas, depois de estabelecer um novo recorde da volta com 2:17.40, foi obrigado a desistir, deixando caminho livre a Jorg Muller

* Rodrigo de Matos



1995

Ralf Schumacher repetiu o êxito do seu irmão em Macau e venceu a prova apesar de um choque em cadeia na segunda manga

1998

O britânico Peter Dumbreck ganhou o GP com a distância mais curta de sempre registada na história da prova – tal como na história de corrida de motorizados – ao vencer o brasileiro Ricardo Mauricio apenas por 0.003 segundos

2000

André Couto conseguiu o resultado perfeito em frente aos seus conterrâneos, tendo dominado a pressão intensa do italiano, Paulo Montin, e conquistado uma vitória há muito tão esperada

2005

O 52º edição foi um marco na história ao incluir a última e decisiva ronda de um campeonato mundial – o Campeonato do Mundo de Carros de Turismo da FIA. O Brasileiro Lucas di Grassi alcançou a vitória na F3 e na Taça Intercontinental de F3

2007

O 54º GP marcou o 25º aniversário do Grande Prémio de F3, a comprovada rampa de lançamento para futuras estrelas da F1. A lista de participantes foi a mais forte da sua história, os melhores jovens pilotos desta categoria estiveram presentes, como Bruno Senna, sobrinho de Ayrton Senna. Foi o britânico Oliver Jarvis o vencedor da corrida

2009

O evento contou com a presença de um convidado especial, o vencedor do Grande Prémio de Macau de Fórmula 3 de 1989, David Brabham, que em 2009, 20 anos depois da sua vitória em Macau, venceu as famosas 24 horas de Le Mans e as Séries Le Mans Americanas

2010

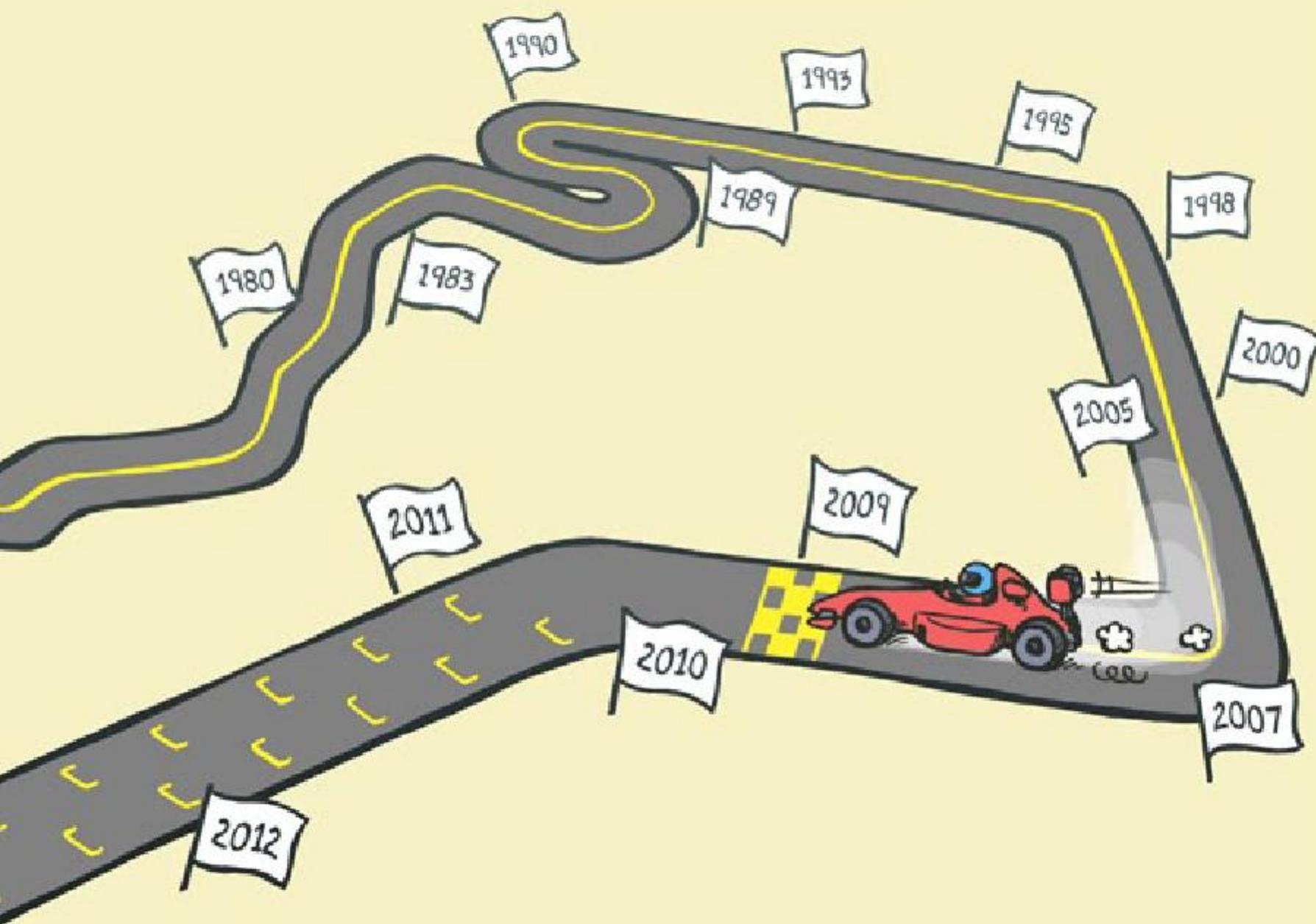
Edoardo Mortara agarrou a pole para a corrida de qualificação cruzou a linha e entrou nos livros da história do GP de Macau. Vanthoor foi o segundo, com Bottas agarrar o último lugar do pódio

2011

Michael Rutter, a lenda do motociclismo, fixou um novo recorde no Circuito da Guia ao conquistar a sétima vitória, ultrapassando finalmente a marca do herói das duas rodas, Ron Haslam. Daniel Juncadella tornou-se o primeiro espanhol a vencer a F3 3 e a Taça Intercontinental de F3 da FIA

2012

Pela primeira vez, houve um campeão português em Macau, o piloto favorito da Red Bull António Félix da Costa



MOMENTOS INESQUECÍVEIS GP DE MACAU EM 12 IMAGENS

Ao longo da sua existência, prestes a completar 60 anos, as emblemáticas corridas pelas ruas da cidade proporcionaram um número extraordinário de fotografias marcantes. Numa escolha sempre subjectiva, ficam aqui exemplos que, atravessando seis décadas, contam a história do GP de Macau.

1. Carta para Hong Kong

O primeiro documento a estabelecer comunicação entre Macau e o Clube de Desportos Motorizados de Hong Kong, a famosa carta escrita por Carlos da Silva e respondida por Paul Dutoit. Assim arrancava o Grande Prémio.

2. Primeiro Grande Prémio

Em 1954, a estreia da competição foi feita, pela primeira e única vez, com uma partida ao estilo Le Mans, com os pilotos a correrem para os carros.

3. Época dos desportivos

No Grande Prémio de 1960, reinavam Ferrari, Jaguar e Porsche, os grandes nomes dos automóveis desportivos.

4. Laurel vence com um monolugar

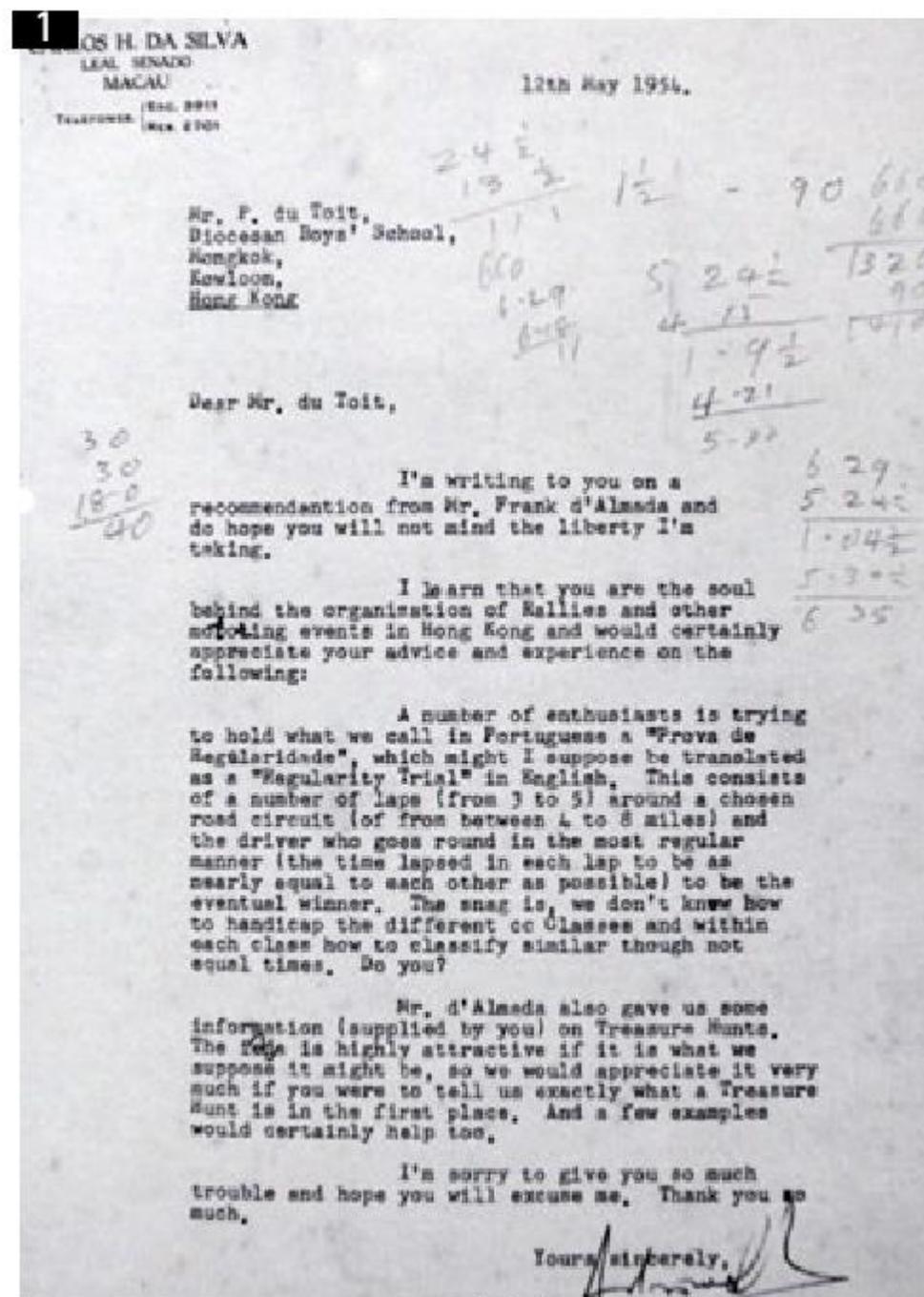
A prova de 1962 foi ganha, pela primeira vez, por um monolugar. O domínio dos desportivos dava lugar a uma nova geração automóvel. Dodjie Laurel foi o primeiro piloto a triunfar por duas vezes no GP.

5. Lugar aos profissionais

Em 1966, Mauro Bianchi ganhou o GP. Foi a primeira vez que uma equipa realmente profissional participou na prova, vencendo-a e elevando a fasquia da competição.

6. Arrancam as motos

Em 1967 realizou-se o primeiro Grande Prémio do Motociclismo. A vitória pertenceu a Hiroshi Hasegawa, que juntou o seu nome aos heróis da prova.



* Acervo pessoal de Philip Newsome



AUTOMOBILISMO

7. O recordista

Em 1975, John Macdonald venceu o GP pela quarta vez. Um recorde nunca igualado e que dificilmente será batido.

8. Ayrton Senna

Em 1983 decorreu a corrida inaugural de Fórmula 3. Não podia ter-se iniciado melhor – vitória do jovem Ayrton Senna, que viria a ser, para muitos, o melhor piloto de sempre.

9. Michael Schumacher

O mais famoso GP: 1990. Uma corrida dramática, decidida entre Schumacher e Hakkinen, que se despistou na penúltima volta. Viria a ganhar dois títulos na Fórmula 1. Schumacher? Sete.

10. Chegada do WTCC

Em 2005, a introdução da prova do WTCC deu outra importância à competição de carros de turismo, alargando significativamente a sua audiência.

11. Mortara repete vitória

Edoardo Mortara tornou-se em 2010 o único piloto a vencer a corrida de Fórmula 3, em Macau, por duas vezes consecutivas. Um feito perseguido por grandes campeões, mas só agora obtido.

12. A sétima de Rutter

2011 ficou marcado pela 7.ª vitória de Michael Rutter no GP de Motociclismo, superando o recorde de seis triunfos, na posse de Ron Haslam.



* Acervo pessoal de Philip Newsome



* Gonçalo Lobo Pinheiro

* Gonçalo Lobo Pinheiro

* Gonçalo Lobo Pinheiro

MEMÓRIAS DO GRANDE PRÉMIO

QUANDO AS BOXES ERAM “UM CARNAVAL”

Texto **Andreia Sofia Silva** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

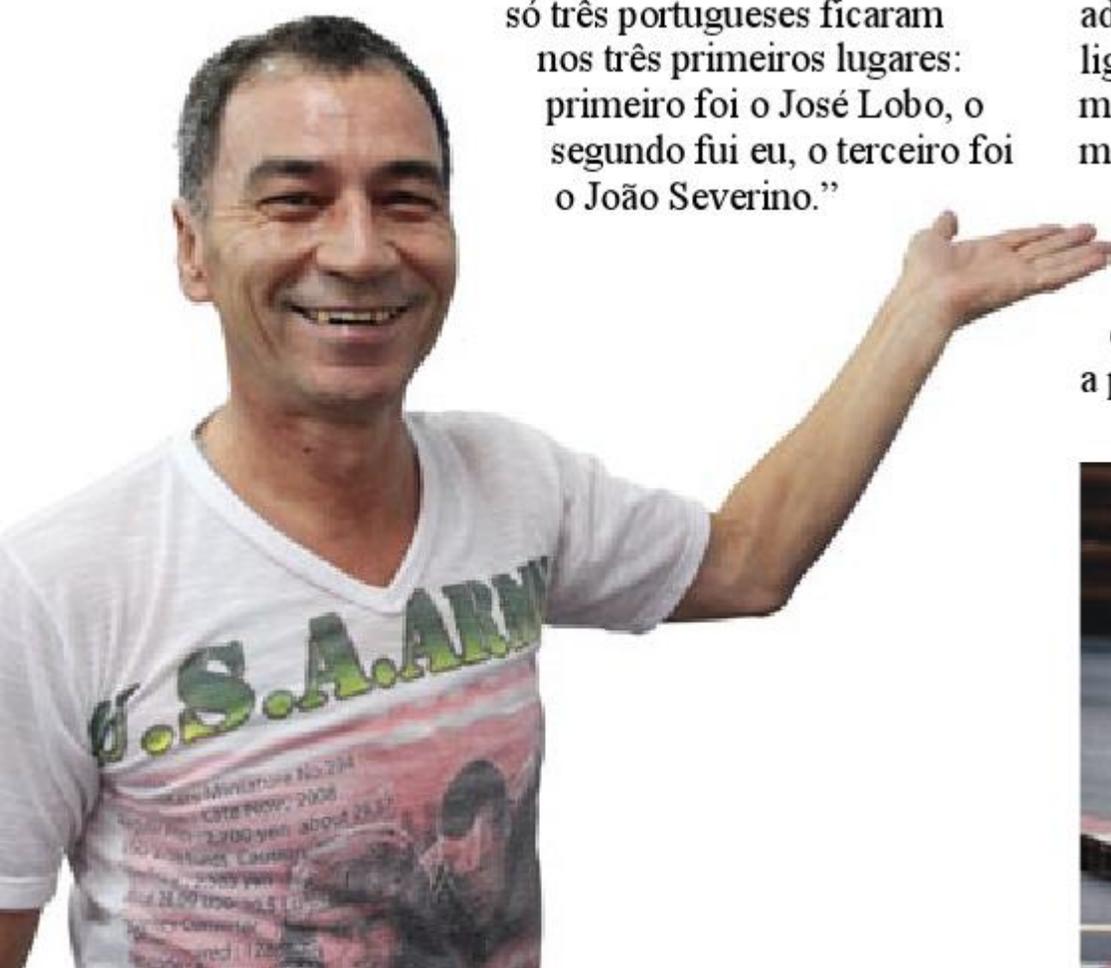
BELMIRO AGUIAR

“Gosto mesmo muito de guiar”

É numa oficina escondida numa rua perdida, junto ao Canidromo, que encontramos o piloto Belmiro Aguiar. O seu carro está parado, pronto para mais uns arranjos que o levarão a mais uma corrida do Grande Prémio. O gosto pelo automobilismo está-lhe no sangue desde cedo, e este homem, que já foi mecânico, começou a correr em 1976. “No início era piloto de motas. Naquela altura participei nas corridas para iniciados, com motas de 250cc. Por sorte fui o segundo classificado. Era jovem e pensei, como se diz em chinês, que ‘não tinha nascido para correr, mas não era burro’”.

Foi assim que Belmiro Aguiar começou a competir, primeiro só com motas, depois também com carros de turismo. “Nas motas tive sempre boas classificações. Em 1983, na terceira vez em que participei em corridas de carros, na prova do Automóvel Clube de Portugal (ACP),

fiquei em segundo. Mas fiquei muito contente porque naquela altura só três portugueses ficaram nos três primeiros lugares: primeiro foi o José Lobo, o segundo fui eu, o terceiro foi o João Severino.”



Belmiro Aguiar, Rui Valente, Danilo Antunes, Herculano Dillon. Os nomes podem ser diferentes, mas a paixão, essa, é igual: o desporto motorizado entrou-lhes cedo no coração e de lá não saiu até hoje. A participação no Grande Prémio de Macau começou nos anos 1960 e para alguns ainda continua

Quando Belmiro Aguiar atingiu os 40 anos, em 1998, achou que o perigo das duas rodas já espreitava, e nesse ano realizou a sua última corrida. A partir daí, apenas as quatro rodas passaram a fazer parte da sua vida como piloto. “Nunca aprendi numa escola de condução, aprendi sozinho. Gosto muito de conduzir, não sei se é por causa do meu apelido (risos). Gosto muito das máquinas, do cheiro do escape e do barulho dos escapes.”

Olhando para o passado, recorda tempos “muito felizes”, não só nas boxes, que ainda eram junto ao hotel Mandarin Oriental (hoje Grand Lapa), como fora delas. “Nos anos 1970 ou 1980 parecia um carnaval. A maior parte dos pilotos, dentro do circuito, no pódio ou nas boxes, andava nas conversas, eram todos muito amigos. Fomos muito felizes e eu gostava muito. Agora juntamo-nos mas só andamos a trocar palavras, há mais coisas em segredo. Como as vidas são desiguais, cumprimentamo-nos, perguntamos pelo carro e pela inspecção, e pronto. Já não há convívio.”

Questionado sobre o que ainda o faz participar nesta competição, Belmiro Aguiar usa a palavra adrenalina e diz que quer continuar sempre ligado ao Grande Prémio de Macau de uma maneira ou de outra. “Se eu deixar de correr a minha vida vai mudar, e não sei o que posso fazer mais. Não quero dizer que continue a ser jovem, mas no pensamento e nas sensações está tudo controlado. Se eu deixar de correr não vou pegar numa cana e começar a pescar. Não vou.”





RUI VALENTE

“Desde miúdo que tenho paixão pelos carros”

“Morava num sítio onde os carros que vinham de Hong Kong desembarcavam nas oficinas navais. O meu pai era mestre dos serviços da marinha e eu andava sempre por lá. Todos os anos via os carros e desde miúdo que tive uma paixão por eles.” É assim que Rui Valente recorda o momento em que o automobilismo começou a fazer parte do seu ADN.

Começou no *karting* com cerca de 15 anos, até que surgiu o Grande Prémio, em 1988. “Só se concretizou quando eu comecei a trabalhar. Inicialmente a minha mãe estava contra, e ainda hoje ela não gosta. Depois ela soube pelos jornais, e já não havia nada a fazer.”

Nos últimos 25 anos em que foi piloto de carros de turismo, Rui Valente só fez uma pausa de seis anos por motivos pessoais. “Mas tive sempre muita vontade de regressar às corridas. É uma coisa que fica em nós.”

Logo no primeiro ano em que correu ficou em segundo lugar, até que entrou na Corrida da Guia, hoje prova de WTCC. Isso durou até 2002, ano em que “desistiu”. Chegou a correr também na Taça Macau. “A possibilidade de acabar nos três primeiros da Taça Macau era maior. A minha melhor classificação na Corrida da Guia foi o sétimo lugar, na geral, em 1993.”



* Rui Valente, à esquerda

Rui Valente deixou a função pública e conseguiu montar duas oficinas, juntamente com um stand de venda de automóveis. Vai continuar a ser piloto até que “chegue à conclusão que já não está lá a fazer nada”, apesar de considerar que “ultimamente as coisas têm mudado muito”.

“Vai haver alteração das regras e normas, somos obrigados a trazer carros novos, movidos a turbo, e isso implica fazer mais investimentos. Sempre que houver possibilidades, corro na Ásia, mas tenho de pensar na possibilidade de deixar de fazer Macau.”

Rui Valente sente que hoje “o desporto motorizado em Macau está a parar”, porque “não há uma nova geração de pilotos locais”. Panorama bem diferente de quando começou. “Sou do tempo em que nos primeiros anos de existência do Automóvel Clube de Macau íamos com os nossos carros, sem as matrículas, para Coloane. A estrada entre o istmo e o alto de Ká-Ho era vedada em conjunto com a polícia de trânsito, e fazíamos testes em grupos de dois. Depois saíamos de lá às oito da manhã e parávamos os carros na Taipa para tomar um café. Uma coisa que hoje é impossível, porque nem a polícia nos deixa andar com os carros na cidade.” Apesar das mudanças, Rui Valente diz que ainda “gosta de correr em Macau”. “A cidade transforma-se, parece que o circo veio para a cidade. Conhecemo-nos quase todos uns aos outros e para mim isso é que faz a chama do Grande Prémio. Já estou numa fase em que participo por participar, porque gosto, não tenho que provar nada a ninguém.”



DANILO ANTUNES

“Nos anos 1980 eram todos amigos”

Para falarmos da participação de Danilo Antunes teremos de deixar o ano do Jubileu de Diamante e recuar à data em que o Grande Prémio comemorava apenas o 29.º aniversário. Danilo tinha então 20 anos e meteu-se à séria na prova de carros de turismo, já depois de ter passado pelo ciclismo.

“Em 1982 tive a competição da ACP e fiquei em segundo lugar. Em 1983 comecei a correr no Circuito da Guia, onde era impossível competir com os carros de fábrica. A Corrida da Guia era a mais importante e os carros tinham de ter muitas alterações. Eu tinha um Toyota que não estava preparado.”

Depois veio o BMW. “Em 1984 fiquei em segundo lugar na minha classe. Depois disso fui correr com um turbo e consegui o troféu para o melhor piloto de Macau, em 1987.”

Orgulho? Mais ou menos. “Em poucas participações que tive tenho mais troféus do que participações. Penso que das quatro vezes em que participei levei seis troféus. Foi uma coisa boa, e única. É um recorde que ninguém me tira, porque um bom corredor que vai para competições tem sempre o azar de um pneu rebentar ou de ter um acidente.”

Apesar de ter terminado todas as provas, Danilo Antunes chegou a ter a vida em risco em 1983, quando ainda se faziam os testes à revelia das autoridades. “O meu carro caiu da montanha abaixo e foi bater noutro carro, também conduzido por um piloto macaense. Foi um milagre não ter morrido. O carro dele salvou a minha vida. Estavam lá centenas de pessoas e aquilo era uma festa, estavam lá todos para ver os treinos nocturnos e ilegais. Hoje é impossível acontecerem essas coisas.”

O piloto, que chegou a ser modelo em Hong Kong, recorda a época em que a profissionalização não era palavra de ordem. “Em 1982, 1983, os carros eram muito limitados, e as pessoas usavam os carros que também conduziam nas estradas, e só metiam uns pneus novos. Depois não havia tantas câmaras e as pessoas podiam puxar pela velocidade. Naquela altura era possível fazer treinos no circuito, hoje é impossível por causa do trânsito”, recorda. “Nos anos 1980 éramos todos amigos e não havia grandes rivais. Muitas vezes à noite, antes das corridas, as pessoas davam voltas em grupo até Coloane. Tive muitas experiências dessas”, recorda.



HERCULANO DILLON

“Em 1961 meti-me na primeira corrida”

Quem passa diariamente pela Praia Grande decerto já se cruzou com Herculano Dillon sentado em cima de uma mota, enquanto conversa com quem passa na rua. Dillon é hoje proprietário do restaurante Lagoa Azul, mas a paixão pelos tachos não é a única da sua vida: as motas estão lá desde sempre.

“Tive a minha primeira mota quando tinha 14 anos, dada pelo meu irmão. Mas antes disso já

andava de mota sem carta e fui preso aos 11 anos (risos).” A presença no Grande Prémio seria inevitável. “Em 1961 meti-me na primeira corrida ainda sem carta de motas, e tirei só uma carta de condução para as corridas, que tinha as categorias para os pilotos principiantes e consagrados. Foram duas semanas de corridas, e corremos com muitas equipas estrangeiras. A mota pegava de empurrão e corria assim, era muito giro na altura.”

Desde aí que a paixão das motas não o largou. Ainda correu com carros durante três anos, mas a sensação não era a mesma. “Mostrei alguma coisa às pessoas e os meus amigos mais velhos começaram a emprestar-me as suas motas para eu correr. Uns davam dinheiro, outros motas. Eu era estudante e não tinha dinheiro para essas coisas.”

Herculano Dillon recorda o tempo em que “não havia mecânicos a sério em Macau” e onde as máquinas eram afinadas entre amigos. “Entre a malta que brincava, houve alguns que foram correr para o estrangeiro. Muitos acabavam numa posição dentro dos dez, e já era muito bom.”

Dillon chegou a correr, no início dos anos 1990, em Hong Kong e até no Japão, mas houve uma altura em que decidiu parar. “Ausentei-me de Macau e a vida também não me permitia isso. Competi dos 16 até aos 19 anos. Só voltei a competir de novo nos anos 1990, com mais de 30 anos.”

Desses tempos recorda “histórias feias” de acidentes, mas, sobretudo, de “camaradagem”, apesar de sempre ter havido “mais ou menos rivalidade”. “Eram corridas feitas a dinheiro. Entre nós não apostávamos, mas os pilotos de Hong Kong apostavam entre eles. Vinham com bons automóveis e bons mecânicos.

Hoje a paixão pelo desporto motorizado ainda lhe consome grande parte dos dias, e se não fosse a idade, ainda competia. “Tive no kartódromo e perguntei se me davam autorização para correr, mas dizem que a FIA não dá licença para motas depois dos 60 anos.” Nas boxes do Grande Prémio ainda é costume verem-no por lá. “Gosto de ver e dou assistência no que puder aos meus amigos. Vou mesmo lá dentro e dou ajuda a pessoal como o Sérgio Lacerda ou o João Fernandes, e depois tenho uns amigos chineses novos também.” ●

JOÃO MANUEL COSTA ANTUNES

O HOMEM QUE FAZ

Em todas as suas funções, orientou sempre a acção para os resultados. Cumprindo prazos e entregando eficácia. Do desenvolvimento urbanístico à coordenação do Grande Prémio, a sua intervenção na melhoria de Macau tem a mesma marca há 30 anos: obra feita

Texto **Nuno G. Pereira** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Ao falar sobre a carreira e as escolhas feitas no percurso de uma vida iniciada a 20 de Agosto de 1950, em Lisboa, João Manuel Costa Antunes transmite características claras: capacidade de liderança, repúdio pela mediocridade, necessidade permanente de aprender e, acima de tudo, método. Sublinha a importância de preparar projectos com rigor, para as eventuais falhas na concretização serem mínimas. A sua visão é limpa: definir objectivos, congregar a melhor equipa, cumprir o plano estabelecido.

A personalidade metódica formou-se cedo, mas a vida trocou-lhe as voltas. O plano original era seguir a tradição familiar, com actividade na Engenharia Civil. Inicialmente assim aconteceu. Conciliou estudos e trabalho nessa área, concluindo a licenciatura, no Ramo de Estruturas, a 20 de Abril de 1974. Ou seja, cinco dias antes de rebentar a Revolução dos Cravos, que alterou profundamente Portugal.



Foi a primeira finta do destino, que o obrigou a rever prioridades. Por outro lado, surgiram oportunidades que agarrou com entusiasmo. Como quadro do Ministério do Planeamento e Administração do Território, participou na criação de Gabinetes Coordenadores de Obras Municipais e Gabinetes de Apoio Técnico aos Municípios. Mudar a face do país, sedento de



mudança e requalificação, foi o seu dia-a-dia entre 1975 e 1983. Neste ano, surge um convite aliciante para trabalhar em Macau. E tudo mudou outra vez.

Quando chegou a Macau, requisitado da Administração Pública portuguesa, veio para assessor do secretário-adjunto para o Ordenamento, Equipamento Físico e Infra-

estruturas do Governo de Macau. Foi depois vice-presidente do Leal Senado e mais tarde assessor técnico dos Serviços de Marinha de Macau. Todas as funções estavam ligadas ao seu saber técnico, alicerçado na base da Engenharia, mas a cada novo desafio o leque de competências aumentava. Tal como o seu conhecimento de Macau, do ponto de

PESSOAS

vista urbanístico e das necessidades de infra-estruturas físicas, serviços e logística.

Em 1987, resiste a um convite para a área de Turismo, mas acaba convencido ao ser-lhe dada a coordenação de um projecto específico – o *World Trade Center* de Macau –, entrando como subdirector. Ambientou-se depressa, devorou informação sobre a área e deu por si a gostar de algo completamente novo. Em 1988 foi director-substituto e um ano depois era oficialmente director dos Serviços de Turismo. Só sairia por um ano, entre 1998 e 1999, quando foi nomeado coordenador do Gabinete de Coordenação da Cerimónia de Transferência. Logo depois de concluída com êxito a tarefa hercúlea, é convidado pela nova administração do território para se manter à frente do Turismo de Macau. Ficou no cargo até 2012.

ESTRUTURA E LEALDADE

À primeira vista, ser engenheiro civil ou director de turismo são coisas muito diferentes, mas os pontos de convergência existem, só podendo ser realmente reconhecidos por quem ocupa os lugares. “O que me dá prazer é a criatividade. Criar a estrutura. O mais importante é criar coisas estruturantes. E deixar cair as zangas do amigo. Porque a gente não tem vida para isso.”

O destino empurrou-o para o Turismo, onde aplicou o rigor da Engenharia, mas também muita imaginação. Após 25 anos a impulsionar o desenvolvimento turístico de Macau, Costa Antunes trabalha agora em exclusivo como coordenador da Comissão do Grande Prémio de Macau, lugar que conhece bem, pois acumulou-o com a direcção dos Serviços de Turismo. Isto no que diz respeito à Administração Pública de Macau, pois a sua actividade é tão extensa que seria fastidioso enumerar todos os cargos. É, por exemplo, presidente da *Asia Pacific Travel Association* (PATA) e presidente da mesa da Assembleia Geral da Casa de Portugal em Macau.

Ao longo de muitos anos a liderar projectos, garante ter sido adepto do diálogo, mas sem ponta de conformismo. “Não sou de aceitar quando me dizem ‘é assim porque sim’.” E defende que é preciso pôr paixão no trabalho, com tudo o que isso implica. “Ou se faz ou não se faz. As pessoas pensam que sou um certo

ditador, mas não. Eu delego, faço é o *triple check*. Por isso é que há pessoas que gostam muito de trabalhar comigo e outras nem por isso. Comigo é assim: lealdade, seriedade, verdade. Vou contigo até ao inferno. Vou-te lá buscar se for necessário. Brincadeiras de mau gosto pelo meio, tens um aviso. À segunda, cais.” Em vésperas da 60.^a edição do Grande Prémio de Macau, Costa Antunes revela momentos marcantes da sua vida. Um perfil construído com as suas palavras.

RESPONSABILIDADE PRECOCE

“Cresci em Lisboa. Desde pequenino que gostei de fazer coisas. E, por razões várias,



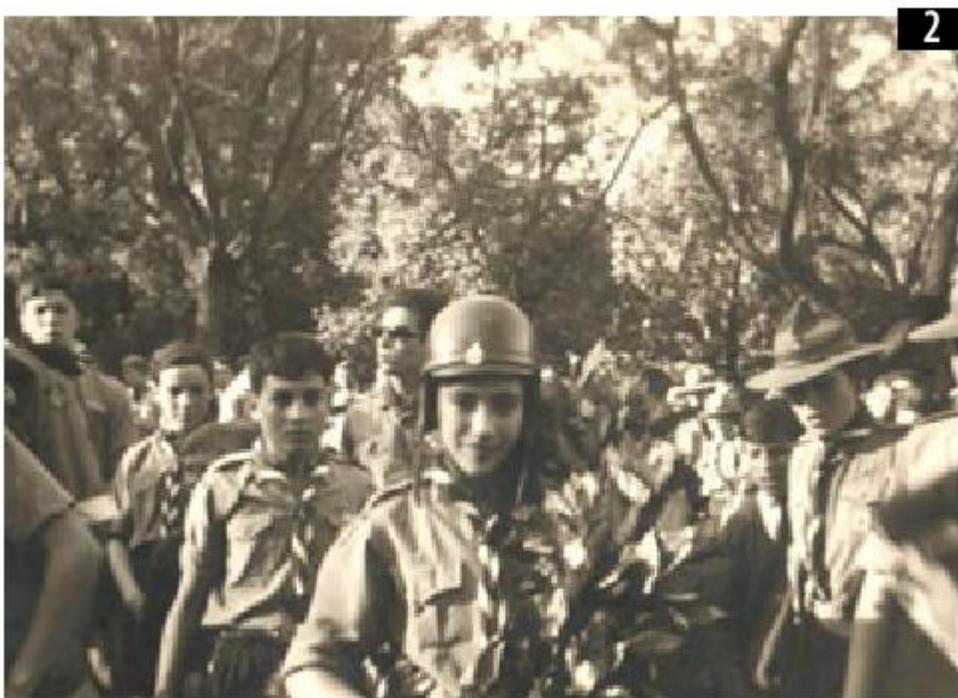
1 O primeiro cartão de inscrição na Ordem dos Engenheiros de Portugal

2 Com a coroa de louros de vencedor em corridas de carros de madeira sem motor, no grupo de escuteiros (1961, Parque Eduardo VII, Lisboa)

3 1º Discurso como Presidente da PATA (2012, Kuala Lumpur)



sempre assumi uma grande responsabilidade. Fui guia dos escuteiros aos dez anos, fui chefe de turma e presidente da comissão de finalistas do Liceu Pedro Nunes, estive na direcção da Juventude Escolar Católica. Durante o curso assumi trabalho comunitário e apoiei colegas na preparação de material de estudo. Fui representante do curso, num período onde era necessário dialogar com os superiores. Tinha também uma grande consciência social, por uma questão de educação. O meu pai levava-me a visitar famílias carenciadas. Lembro-me perfeitamente que, em 1966, quando foi inaugurada a ponte sobre o Tejo, foram desalojadas barracas na Avenida de Ceuta e não quis férias



porque estava empenhado no alojamento daquela gente toda. Isto forma uma pessoa.”

BETÃO NAS VEIAS

“O meu pai era engenheiro técnico de construção, tal como o meu avô e o meu bisavô. Cresci a brincar nas obras. Sou a quarta geração, dei uma grande satisfação ao meu pai quando lhe disse que queria ser engenheiro civil. Fui bom aluno, mas chumbei um ano. Estava habituado a outra forma de avaliação e chumbei a três cadeiras porque não fui ao exame. Não me sentia preparado. Vinha de um ensino liceal onde era muitíssimo acompanhado, com os melhores professores, mas onde tinha grande liberdade de interacção. O Técnico era um ensino distancial, onde praticamente ninguém tinha coragem de perguntar coisas nas aulas. Comecei a trabalhar em Engenharia Civil no 3.º ano. Tinha menos tempo para estudar, mas o que aprendia era muito mais sólido.”

CURSO PRÉ-REVOLUCIONÁRIO

“Devia ter-me formado em 1973, mas nesse ano a polícia política invadiu o Técnico e não há praticamente licenciaturas de 1973. Tinha tudo programado: acabar o curso e fazer um estágio de especialização na Bélgica. Para onde fui à mesma. Conseguir um estágio remunerado em engenharia de construção era extremamente difícil, não quis perdê-lo. Depois o Técnico reabriu e voltei. Ninguém se formava em Abril, normalmente era em Julho. Eu formei-me a 20 de Abril de 1974, cinco dias antes da Revolução. Já estava empregado, num forte grupo económico, integrado em grandes projectos. A minha vida ganhou outra orientação, uma oportunidade que eu agarrei. O 25 de Abril veio repor as prioridades de Portugal. Claro que com 25 anos não tive capacidade de ver isso, mas fui empurrado (risos). Vi-me obrigado a envolver-me na estrutura sindical da empresa. Quando foi necessário organizar a comissão de trabalhadores da minha empresa, liderei e ganhei! A minha comissão não era comunista, coisa rara na altura. Se tive problemas? Claro que sim! Mas eu já tinha alguma experiência, ganha nas reuniões na universidade. Não estava ali para brincar às eleições, com gritos, braços no ar. E não houve saneamentos.”

PESSOAS

NOVA PERSPECTIVA

“O 4.º Governo provisório, pouco tempo depois do 25 de Abril, chamou empresas como aquela onde eu estava, que, por causa da nacionalização da banca, tinham ficado sem possibilidade de desenvolver grandes projectos. Participei em algumas dessas reuniões, ficando a saber que o Governo tinha criado os Gabinetes de Apoio Técnico às autarquias, os GAT. Iam servir para coordenar o desenvolvimento do país, que tinha grande falta de infra-estruturas. Abriu-se uma nova perspectiva profissional e fui como director do GAT para as Caldas da Rainha. Entre 1976 e 1983 trabalhei no desenvolvimento regional concreto: estradas, abastecimento de água, esgotos, parte eléctrica, mas também jardins de infância, lares de idosos e mercados. E tinha oportunidade de interacção com as pessoas, a implementação do plano era sempre discutida com moradores. Foi o meu primeiro desvio, da Engenharia de Estruturas para o planeamento regional e desenvolvimento urbano.”

MESTRE DE OBRAS

“Tenho um enorme prazer pela obra, mas para estar correcta exige um grande esforço de planeamento. Prefiro perder dois meses do tempo de projecto a estudá-lo melhor do que perder seis meses em obra. O atraso em projecto é mais reduzido e custa menos dinheiro. Mas a obra é uma coisa especial. Quando vou, por exemplo, a uma grande betonagem, o cheiro do betão... não digo que é afrodisíaco, mas tem de facto outra dimensão. Porque a partir daquele momento não há outra oportunidade para recalcular. Nasceu!”

APELO DE MACAU

“O trabalho que desenvolvi em Portugal foi aparentemente positivo. Graças a isso recebo em Dezembro de 1982 um telefonema do secretário-adjunto para o Ordenamento, Equipamento Físico e Infra-estruturas do Governo de Macau. Nem sabia que tinha secretários-adjuntos, achava que era um secretário de um adjunto (risos). Convidou-me para trabalhar em Macau. Eu tinha só 32 anos, fui para assessor no gabinete dele. O convite aliciou-me porque, depois de me informar, percebi que Macau vivia um



grande desenvolvimento de infra-estruturas e era preciso fazer muita coisa. Ainda hesitei (também tinha boas perspectivas em Portugal), mas decidi vir por dois anos. Estou cá há 30.”

DISFUNÇÃO PÚBLICA

“Estive nove meses como assessor, o que me possibilitou aprender como era o desenvolvimento urbanístico de Macau, porque todos os projectos passavam pelo gabinete das obras públicas. Como eu vinha da privada, era pragmático. Havia processos a arrastarem-se há cinco anos que se resolveram com meia dúzia de penadas, a contento de todos e aumentando a eficiência. Estou há 35 anos na função pública, mas ainda não me adaptei, não sei trabalhar à função pública, desculpem lá (risos). E o pessoal que trabalha nesse estilo comigo geralmente pede para ir embora.”

NO CORAÇÃO DA CIDADE

“Vou dar um exemplo de um projecto que



acompanhei pouco tempo depois de chegar a Macau. A Companhia das Águas, em 1983, apresentava perdas de 40 por cento porque os canos estavam rotos. Isto dá uma ideia da necessidade de desenvolvimento infra-estrutural. Nove meses depois de eu ter chegado, o Governador Almeida e Costa decide modernizar a estrutura da Câmara Municipal – o Leal Senado – e convida-me para vice-presidente, com os Pelouros Técnicos. Para presidente, escolheu o ex-comandante da polícia, que esteve cinco anos nessa função, portanto com um conhecimento real da cidade (risos). Uma pessoa íntegra, entendemo-nos perfeitamente. Trabalhávamos de manhã, à tarde e à noite, fizemos coisas muito giras. Lançámos o sistema de recolha do lixo, por exemplo, que não existia. Em 1985! Aí é o meu começar a gostar da cidade, a conhecê-la a fundo. Quando arrancou a recolha, ia muitas vezes com um colega à noite fazer circuitos atrás dos carros do lixo. Depois, no

outro dia, havia relatório. Outro exemplo, eleições. Em 1983, votavam para a Assembleia cerca de 5000 pessoas. Enquanto membro do Leal Senado, fui nº 2 na Comissão Eleitoral, portanto sei montar umas eleições (risos). Desde desenhar as urnas até ao plano de transportes para deficientes, tudo isso foi feito por mim. Depois disso, nas eleições de 1985, passámos para um universo eleitoral superior a 50 mil pessoas.”

CONTRA OS CANHÕES, NAVEGAR

“Em 1986, o Governador foi-se embora. Veio uma nova equipa. Fui demitido, pum (risos)! Não vou entrar em pormenores. Fui convidado para ir embora para Portugal, mas quis ficar. Tinha miúdos na escola, a família instalada. Fui depois chamado por uma pessoa bastante competente – ficámos amigos – o António Vitorino. Disse-lhe que não ia embora. ‘Ou vocês me arranjam um lugar onde me sinta minimamente bem ou salto para a privada,

PESSOAS

porque sou engenheiro e faço obras e projectos. Não tenho medo de pôr a mão na prancheta outra vez. Nessa mesma noite arranjaram-me lugar. Assessor técnico dos Serviços de Marinha. E eu que nunca fiz tropa...”

RUMO AO TURISMO

“Na Marinha, em 1986, não havia computador. O comandante aceitou logo a minha sugestão e comprou um – fizemos a organização da base de dados de todas as pontes (os terminais) de Macau. Outra proposta que me deu imenso prazer foi a criação do Museu Marítimo. Ao fim de um ano, porém, achei que não tinha tanta graça, já havia pouca coisa para fazer. Fui de férias, aconselhei-me, pensei em ir para Portugal. Entretanto o Governador Pinto Machado tinha saído e viera o engenheiro

Melancia, com nova equipa. Convidaram-me para director do Turismo, mas recusei porque nunca tinha trabalhado nessa área. Uma semana depois, ofereceram-me a coordenação de um grande projecto: o *World Trade Center* em Macau. Para tal, fiquei com o cargo de subdirector do Turismo. Isto foi em Novembro de 1987. Para director veio Nunes da Ponte, mas saiu em Abril do ano seguinte, por razões pessoais. Eu nessa altura já percebia o que estavam a fazer, comecei a viver os conteúdos, a entender o Turismo. Para não haver outra nomeação ao fim de tão pouco tempo, pediram-me para substituir o director até Dezembro. Sob essa condição, disse para contarem comigo. O bichinho nasce quando começo a interagir com a comunidade do Turismo. As iniciativas internacionais, a PATA, os eventos: Corridas



dos Barcos-dragão, Miss Macau, Festival Internacional de Música, Grande Prémio. Tudo correu bem. Chegámos a Dezembro e o chefe diz ‘ó pá, ainda quer que eu vá buscar um director?’. Aí eu já tinha confiança e quis continuar. Passei oficialmente a director do Turismo. Também já me tinha apercebido do potencial turístico de Macau, sobretudo na área do Património Histórico. Conduzi então uma reestruturação profunda, trazendo uma nova dinâmica e libertando, mais tarde, alguns eventos para organização autónoma, como o Grande Prémio.”

A TRANSIÇÃO

“Na véspera do Grande Prémio de 1998, o Governador perguntou-me se me sentia preparado para ser o coordenador da Cerimónia

de Transferência de Macau. Achei uma proposta interessante e comecei a trabalhar em Dezembro, logo a seguir ao GP. A cerimónia era dali a um ano. Hong Kong preparou a sua com três anos de antecedência. Começámos do zero, com dez pessoas, e terminamos com 11 mil, todas escrutinadas pela Interpol sem excepção. Apesar de ser um desafio extremamente estimulante e um momento histórico, quase atingi o meu limite. Não havia uma sala em Macau que comportasse 1500 pessoas, quanto mais as 2500 que estariam na cerimónia. Tivemos que idealizar o programa e depois construir as infra-estruturas, incluindo três espaços com capacidade para 2500 pessoas. Além disso, tinha cinco chefes para respeitar e pôr de acordo uns com os outros: o presidente da República de Portugal, o Governador de Macau, o enviado de Pequim, o elemento permanente de Pequim em Macau e o representante da nova Administração de Macau. Nunca achei que as coisas fossem falhar, tive foi que pôr muitos gajos na rua (risos).”

A TRANSIÇÃO II

“Como consegui continuar em funções na Administração Chinesa? Muito simples: forçado. Não tencionava fazê-lo, mas ao ser convidado para coordenar a Cerimónia de Transferência tudo mudou. Só podia aceitar tal função se ficasse. ‘Não posso ir embora no avião com o Governador, ninguém vai confiar em mim. Porque se correr mal, o gajo foi-se embora... Se quero fazer este projecto, tenho de ter a confiança de todos os grupos.’ O meu raciocínio foi só esse. Depois tentei saber se era aceite eu cá ficar. Só quando tive essa confirmação é que disse sim.”

AO VOLANTE DO GP

“Tive a grande sorte de chegar em 1983 a Macau, ano em que arranca pela primeira vez a Fórmula 3 e o Ayrton Senna ganha. Todo o ambiente me galvanizou e tornei-me espectador assíduo. Quando passei para o Turismo, tive que aprender e ir buscar pessoas que percebessem aquilo que eu desconhecia. Para pôr a estrutura a funcionar. O meu primeiro GP foi em 1988. Correu tudo muito mal. Nunca me vi tão atrapalhado como na quinta-feira antes



* Com toda a equipa no início do Grande Prémio de Macau, após inspecção da pista (2012, Macau)

PESSOAS

do GP, que é quando tudo começa. Quando chego a um sítio, a primeira coisa que faço é ver se as pessoas em funções são fiáveis. Disseram-me que sim, ‘há uma equipa do GP, não tem de se preocupar’. Não era assim e, ainda por cima, havia uma grande dependência de Hong Kong, da liderança aos RP, dos *stewards* aos técnicos. E chegavam cá que nem uns senhores, abriam a boca e era só ‘onde é que está isto, onde é que está aquilo?’. A única coisa que eu dizia era ‘garanto-vos que para o ano não vai ser assim!’. E não foi. Nos anos que se seguiram, construímos infra-estruturas, acabámos com a dependência de Hong Kong, formámos pessoas, desenvolvemos a comunicação e o prestígio internacional da prova.”

HUMILDADE E AFIRMAÇÃO

“A nossa postura tem de ser alicerçada por valores muito acima do dinheiro, do poder ou do faz-de-conta. Isso é tudo passageiro. As pessoas mais interessantes que conheci são as mais inteligentes e as mais simples. Sempre que um superior me dava os parabéns por um projecto bem sucedido, eu só dizia ‘tive a sorte de me darem a possibilidade de fazer isto’. Sou humilde no sentido em que oiço os outros, mas também sou afirmativo. Porque a humildade às vezes é um valor mal entendido na nossa sociedade, sobretudo em pessoas que, por terem dinheiro ou determinadas carreiras, saltam a tampa. Aí, a humildade não dá, temos que ser firmes. Tenho uma grande dificuldade em aceitar o evangelho naquela parte de dar a outra face. Quando um gajo nos dá uma chapada, aí é muito complicado.”

A FAMÍLIA

“Quando vim para cá em 1983, já vinha casado e com dois filhos pequenos. Ambos ficaram em Macau. A minha filha é advogada e o meu filho é chefia operacional no aeroporto. Casei-me pela segunda vez, a minha mulher é chinesa e temos um filho ainda pequenino. Além disso, tenho também dois netos. Devido à minha vida profissional, reconheço que fui estando pouco com os amigos e mesmo para a família

houve períodos de pouca disponibilidade. Mas a grande vantagem de Macau, sobretudo quando se tem miúdos pequenos, é que o tempo gasto com transportes é quase inexistente. Isso permite, por exemplo, almoçar em casa. Vivo no centro da cidade há 30 anos, na mesma casa, a cinco minutos de qualquer lado. Dentro de dois anos e meio devo reformar-me da função pública. Não significa que ficarei em casa. Logo vejo o que farei. Muita pessoas vêm a Macau e dizem ‘há tanta coisa por fazer aqui’. Pois há. É preciso é fazer!” ●



- 4 Portador da Chama Olímpica dos Jogos Olímpicos de Pequim (2008, Macau)
- 5 Acompanhado pela família (mulher, filho, filha e genro) no dia em que recebeu a Medalha de Mérito Turístico, entregue pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On (2010, Macau)

5



NOVO IMPULSO PARA O FÓRUM

No ano em que celebra o décimo aniversário, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa surge com um novo impulso, com a formalização do fundo de mil milhões de dólares norte-americanos

Texto **Luciana Leitão** | Fotos **Rita Tudela**, em Pequim

O Fundo de Cooperação e Desenvolvimento para a China e os Países de Língua Portuguesa, no valor de mil milhões de dólares norte-americanos, foi finalmente formalizado em Junho deste ano. Com o objectivo de financiar projectos empresariais orçados entre 15 e 20 milhões de dólares norte-americanos, representantes dos países lusófonos e académicos acreditam que este vem dar um novo impulso também às actividades do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). Anunciado em Novembro de 2010 pelo então primeiro-ministro, Wen Jiabao, no âmbito da terceira Conferência Ministerial do Fórum Macau, o fundo está dotado de uma verba inicial de 125 milhões de dólares. Segundo a *Brochura sobre o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa*, apresentada pelo Fórum Macau a 1 de Julho, o objectivo principal é financiar

sobretudo empresas chinesas - do Interior da China, de Macau e de Hong Kong - e dos países lusófonos, devendo durar uma década. Os projectos devem ser recomendados pelo Secretariado Permanente do Fórum, desenvolvidos pela empresa gestora do fundo e aplicados pelas empresas ou investidores nos Estados-membros.

A publicação indica que poderá haver investimento directo em acções ordinárias de empresas ou projectos, além de instrumentos híbridos de capital e obrigações convertíveis. Entre os principais critérios que as empresas têm de preencher, incluem-se “o registo legal e o funcionamento nos Estados-membros, usando tecnologia avançada e com experiência rica, demonstrando força financeira sólida, e providenciando uma equipa experiente, honesta e fiel de gestão, além de credível”.

O secretário-geral do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, Chang Hexi, afirmou que vários empresários já se mostraram interessados no novo mecanismo de financiamento. “Alguns investidores do território, outros da China Continental e ainda alguns dos países lusófonos pediram informações.”

BATERIAS APONTADAS A ÁFRICA

O embaixador do Brasil na China, Valdemar Carneiro Leão, afirma que o fundo visa essencialmente beneficiar os países africanos e, como tal, não prevê um grande interesse por parte dos seus conterrâneos. Já o embaixador de Moçambique na China, António Inácio Júnior, acredita que este deverá ser o arranque de algo maior. “Poderá ser um factor determinante para levar à frente o Fórum e preencher um vazio que agora existe nas trocas económicas e comerciais”, acrescentou.

Agora, apenas espera submeter à entidade que gere o fundo os projectos que são uma prioridade para Moçambique. “Os sectores são aqueles que já foram identificados pelo Governo Central, como as infra-estruturas, agricultura, energia, comunicação e outros”, explica.

Angola espera que os seus próprios empresários sejam os que beneficiem mais desta fonte de financiamento. “Se os investidores angolanos trabalharem em conjunto com os chineses, seria também uma forma de capitalizar mais

dinheiro”, aponta o embaixador em Pequim, João Garcia Bires.

Malam Sambu, embaixador da Guiné-Bissau na China, revela que já foi abordado por alguns investidores interessados em saber mais detalhes do fundo. “Um empresário de Macau mostrou interesse em abrir hotéis no meu país”, refere a título de exemplo.

No caso de Timor-Leste, a embaixadora na China, Vicky Tchong, acredita que os investidores locais estão interessados em recorrer ao financiamento para pequenos projectos de desenvolvimento, como, por exemplo, quintas aviárias, sistemas de irrigação e plantações agrícolas.

CADA CABEÇA SUA SENTENÇA

O fundo visa financiar a construção de infra-estruturas, transporte, telecomunicações, energia, agricultura e recursos humanos. Porém, a investigadora da Universidade de Coimbra Carmen Amado Mendes acredita que cada um dos países lusófonos deverá ter interesse em diferentes áreas. “Por exemplo, em Angola, o interesse em ter empresas e trabalhadores chineses a construir infra-estruturas é particularmente claro, juntamente com a importação de petróleo”, declara. Pelo contrário, no Brasil não há um tão grande envolvimento no sector das infra-estruturas, mas mais “na exploração e transporte de recursos naturais, juntamente com a importação de petróleo e soja”. Com os diferentes países em busca de apoios para as suas áreas mais carenciadas, a investigadora acredita que o grande objectivo do fundo é “reforçar a presença chinesa no mundo lusófono”, e não o contrário.

No ano passado, as trocas comerciais entre a China e os países lusófonos ascenderam a 128.497 milhões de dólares, mais 9,6% do que no ano anterior. A China estabeleceu a RAEM como a sua plataforma para o reforço da cooperação económica e comercial com os países de língua portuguesa em 2003, ano em que criou o Fórum Macau que reúne ao nível ministerial de três em três anos. Em Novembro deste ano, realiza-se em Macau a quarta edição da Conferência Ministerial, que contará com a presença de altos representantes dos países de língua portuguesa.

COMO SÃO SUBMETIDOS OS PROJECTOS

- 1- Recomendação do Secretariado do Fórum Macau e de instituições e autoridades dos países membros
- 2- Desenvolvimento pela equipa de gestão do fundo
- 3- Declaração por parte de empresas privadas nos países membros

ÓRGÃO DE DECISÃO

Comissão de investimento composta por representantes profissionais da equipa de gestão do fundo

TIPOS DE INVESTIMENTO

- 1- Investimento de capital (directamente em acções de empresas ou projectos)
- 2- Investimento de quase-capital (acções preferenciais, instrumentos híbridos e obrigações convertíveis)

CRITÉRIOS PARA INVESTIMENTO

Para empresas:

- Registo legal nos países membros
- Uso de tecnologia avançada e nova experiência para o sector
- Capacidade de investimento
- Equipa de gestão experiente
- Boa performance de negócios
- Registo de credibilidade

Para os projectos:

- Devem estar localizados nos países membros: Macau, China, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor Leste.
- Prospecção de mercado positiva
- Potencial de crescimento rápido e estável
- Capacidade de gerar rentabilidade
- Devem promover o desenvolvimento económico local

RESTRIÇÕES

- Investimento em imóveis
- Garantias de negócios
- Negócios proibidos nos países membros

FASES DO PROCESSO DE INVESTIMENTO

- 1- Desenvolvimento do projecto
- 2- Selecção de projectos
- 3- Definição de intenções
- 4- Análise e investigação
- 5- Negociações comerciais
- 6- Aprovação do investimento
- 7- Assinatura de documentos legais
- 8- Investimentos desembolsados do fundo aplicados em empresas
- 9- Gestão do fundo de investimento durante o período de investimento
- 10- Retirada do investimento

Fonte: *Brochura sobre o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa*

MACAU ENTRE OS GIGANTES

Com relações comerciais a ascenderem aos milhares de milhão de dólares norte-americanos entre os países lusófonos e a China, os representantes dos Estados de língua portuguesa acreditam que Macau pode vir a ter um papel mais activo, principalmente após a oficialização do fundo de cooperação e desenvolvimento

Texto **Luciana Leitão** | Fotos **Rita Tudela**, em Pequim

Ao longo da última década, o Fórum Macau ajudou a que alguns países de língua portuguesa tivessem maior visibilidade para as autoridades chinesas e configurou-se como um clube no qual os representantes daquelas nações criaram laços mais fortes facilitando a assinatura de acordos no terreno. Diplomatas lusófonos acreditam que Macau actua enquanto mediador e catalisador de alguns pequenos negócios. A embaixadora de Timor Leste Vicky Tchong aponta que o Fórum tem favorecido algumas oportunidades de investimento. “Sete cartas de intenções foram assinadas com Timor no nono Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, entre o sector privado do países lusófonos e a China”, diz, a título de exemplo.

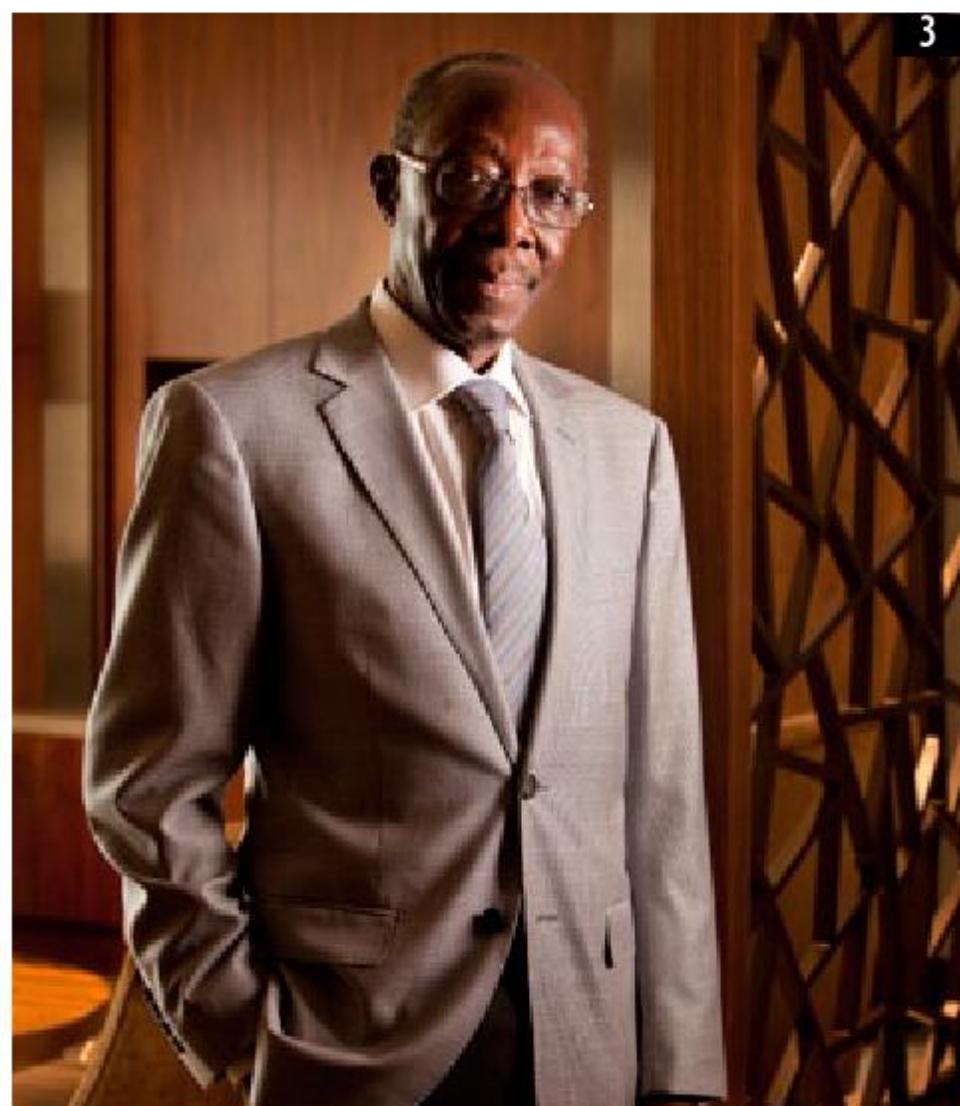
António Inácio Júnior, embaixador moçambicano na China, afirma que o Fórum poderia fazer mais para favorecer o diálogo entre as partes, enquanto o embaixador angolano em Pequim, João Garcia Bires, considera o território como a plataforma ideal dada a comunhão histórica e linguística.



- 1** Vicky Tchong, embaixadora de Timor Leste em Pequim
- 2** António Inácio Júnior, embaixador de Moçambique em Pequim
- 3** João Garcia Bires, embaixador de Angola em Pequim
- 4** Valdemar Carneiro Leão, embaixador do Brasil em Pequim

O COMÉRCIO

Desde 2009, a China tornou-se o parceiro comercial número um do Brasil, ultrapassando os EUA e qualquer um dos países europeus. Do lado do país sul-americano, há um excedente comercial, com as exportações a superarem as importações. Nos últimos anos, porém, o superavit comercial tem vindo a ser cada vez menor e Valdemar Carneiro Leão, embaixador brasileiro em Pequim, aponta que o futuro depende de vários factores, entre os quais a desaceleração do crescimento de Pequim. Na África de língua portuguesa, Angola é o líder na parceria comercial com a China. As relações entre os dois países iniciaram-se no âmbito de um empréstimo chinês para apoiar a reconstrução do país, o que se traduziu numa oportunidade para que o país lusófono conseguisse colocar alguns dos seus produtos no Oriente. Aos poucos, as trocas comerciais entre os dois Estados aumentaram, com Angola a recuperar algum peso, dado o interesse chinês pelo petróleo. “Hoje, além do petróleo, há outros produtos angolanos na República Popular da China”, afirma o embaixador de Angola, acrescentando que há ainda



COOPERAÇÃO CHINA-LUSOFONIA

- 1** Júlio Morais, embaixador de Cabo-Verde em Pequim
- 2** Jorge Torres Pereira, embaixador de Portugal em Pequim



espaço para o comércio de outro tipo de bens angolanos, como o ananás, o abacaxi, o abacate e o café.

O financiamento chinês em Angola tem sido bastante elevado. “Se hoje temos três linhas de comboio a funcionar, é sobretudo graças ao financiamento chinês e aos seus técnicos”, declara. E o mesmo se pode dizer em relação às estradas. Para o futuro, o diplomata acredita existirem ainda mais oportunidades de investimento. “Temos de pensar no sector mineiro, agro-pecuário, agricultura e construção civil”, enumera.

O terceiro parceiro comercial do gigante asiático é Portugal, apesar da quebra das trocas comerciais este ano. Dados oficiais indicam que nos primeiros seis meses de 2013, o comércio entre os dois países desceu 7,39 por cento. Entre os principais produtos que Portugal importa encontram-se os têxteis, sapatos, tecidos, plásticos, equipamento acústico, materiais de ferro, cerâmicas e equipamentos de luz. Já as vendas à China traduzem-se em condensadores eléctricos e acessórios, plásticos primários, papel, medicamentos, têxteis e vinho.

O INÍCIO DA RECONSTRUÇÃO

As trocas comerciais entre Moçambique e a China começaram através do apoio chinês “à luta pela libertação”, afirma António Inácio Júnior. Aos poucos, a China tornou-se um dos principais parceiros comerciais do país lusófono, apesar do excedente de que goza. O comércio entre ambos atinge valores superiores a mil milhões de dólares, com as exportações da China a alcançarem em 2011 os 177.160 dólares e as importações 248.307 dólares. O investimento sino no país africano tem ocorrido sobretudo ao nível das infra-estruturas, com a construção de grandes edifícios públicos, estradas e linhas férreas.

A China é também o principal parceiro comercial da Guiné-Bissau desde 1974, altura em que começou a investir timidamente no país. Nos últimos tempos, tal como nos restantes Estados africanos, está a financiar infra-estruturas básicas e construção pública. “Infelizmente, a Guiné-Bissau não tem empresários capazes de fazer o mesmo na China”, afirma o embaixador em Pequim Malam Sambu. Para os próximos dez anos, o diplomata espera que a relação cresça. “O



A China comprou aos oito países lusófonos bens avaliados em 49,43 mil milhões de dólares entre Janeiro a Julho deste ano. O Brasil mantém-se como o principal parceiro económico da China, com Angola na segunda posição

nosso país tem muitos recursos humanos, diamantes, ouro, petróleo, que são interessantes para a China.” Por isso, espera ver mais exportações destes e de outros produtos, como a madeira ou a noz, enquanto a Guiné-Bissau deverá continuar a importar produtos essenciais, além de mobília, roupas, arroz, bicicletas e geradores.

Por outro lado, o comércio entre a China e Timor Leste é algo diferente do que ocorre noutros países. “Quase 70 por cento das nossas instituições foram destruídas e o nosso país não tem indústria, por isso dependemos da importação de comodidades”, explica a embaixadora de Timor Leste na China, Vicky Tchong. O comércio com a China tem vindo a desenvolver-se gradualmente desde 2002 e hoje o país asiático é o quinto parceiro comercial de Timor. Da China chegam sobretudo materiais de construção e produtos básicos.

Já com Cabo Verde, a história da cooperação começa com investimentos de pequenos empresários. Em 1999, firmou-se um acordo de cooperação económica e comercial e, desde então, o gigante asiático tem financiado infraestruturas do arquipélago. A cooperação tem

COOPERAÇÃO CHINA-LUSOFONIA

assumido também outras formas, através da execução de projectos, formação a curto prazo, assistência médica, cooperação técnica e ajuda humanitária.

VISÃO ALARGADA

Na última década, o Fórum Macau tem servido como mediador, mas para os próximos anos os diplomatas acreditam que deverá mudar de estratégia. O embaixador angolano, por exemplo, afirma o organismo deveria centrar-se na formação de quadros, já que, dada a comunhão linguística, seria mais fácil se Macau assumisse esse papel.

O embaixador moçambicano acredita que os próximos anos deveriam servir para consolidar os primeiros passos dados. Assim, agora é altura de promover parcerias entre as empresas chinesas e dos países lusófonos, ajudando no campo dos investimentos recíprocos e formação de quadros. Além disso, acredita o diplomata de Moçambique, para que a China entre mais facilmente e com vantagens mútuas nos mercados africanos, o Fórum deveria passar a promover a “internacionalização das empresas chinesas” que se encontram já nos países lusófonos. António Inácio Júnior sugere ainda que seja criado um gabinete de investigação para analisar a evolução das trocas comerciais e os mercados prioritários.

Já Malam Sambu, da Guiné-Bissau, gostaria de ver no futuro delegados do Fórum a deslocarem-se com maior frequência a Pequim para uma troca de ideias com os representantes dos países lusófonos. E, tal como os seus congéneres, acredita que o Fórum pode agora ter um “papel mais activo” na formação dos recursos humanos, de maneira mais organizada. “Gostaria de ver uma calendarização dos cursos”, sugere.

A investigadora da Universidade de Coimbra Carmen Amado Mendes aponta que para ser “mais eficaz”, o Fórum pode melhorar a coordenação com os diferentes ministérios ou instituições, bem como ser mais acessível aos investidores.



A CONTINUIDADE

O secretário-geral do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, Chang Hexi, explica que os próximos anos serão de continuidade, com a instituição a consolidar a “mesma estratégia” que tem vindo a usar. Entre as principais metas alcançadas na última década, o secretário destaca os encontros anuais de empresários da China e dos países lusófonos, as conferências ministeriais, além das visitas ao Interior da China e os contactos efectuados com empresários locais. Depois de tal trabalho desenvolvido, o secretário acredita que é agora tempo de “inovar e reforçar as actividades no âmbito empresarial e diversificar os meios de promoção da cooperação”.

Rita Santos, secretária-geral adjunta do Secretariado, afirma que a instituição irá continuar a fazer crescer o número de pessoas falantes de português e a estabelecer acordos de cooperação entre universidades e institutos de Portugal e Macau em sectores como a administração e a gestão de recursos humanos, promoção e marketing, bem como a aumentar o número de empresas lusófonas na RAEM. ●



O secretário-geral do Fórum Macau, Chang Hexi, aponta que os anos que se seguem serão de consolidação das estratégias já estabelecidas

Rita Santos, secretária-geral adjunta do Fórum Macau, diz que a instituição também irá trabalhar no estabelecimento de protocolos entre universidades lusófonas e chinesas



INTEGRAÇÃO A 12.656 QUILÓMETROS DE CASA

“Balato, balato...” ou barato em crioulo, é uma das primeiras palavras que os chineses residentes em Cabo Verde aprendem a falar. Uma palavra útil para o comércio que vieram expandir nas ilhas há mais de 20 anos e que hoje se estende a todo o território. Falam perfeitamente o crioulo e há quem ouça as célebres mornas de Cesária Évora. Deixaram-se conquistar pela tradicional cachupa e alguns renderam-se aos encantos da mulher cabo-verdiana, com quem constituíram família. Muitos já guardam Cabo Verde no coração, mas a maioria mantêm-se fiel a uma das culturas mais antigas e consolidadas do mundo. Este é o retrato dos chineses em Cabo Verde

Texto **Gisela Coelho**

Fotos **Pedro Moita**, em Cabo Verde



Há quem diga que são muitos e que estão espalhados por cada esquina do país mas, na verdade, segundo dados da Embaixada da China em Cabo Verde, são apenas cerca de 3000 os chineses a residir no arquipélago, com maior presença nas ilhas de Santiago, Sal e São Vicente. São poucos, se comparados com a comunidade chinesa em Angola, que ronda os 200 mil habitantes, mas em número mais que suficiente para que, hoje em dia, não haja um município cabo-verdiano sem a presença característica de uma loja chinesa e das suas gentes. Vieram sobretudo das províncias de Hebei (norte) e Zhejian (leste). Inclusive, a população de Zhejian é conhecida mundialmente pela fama de “bons comerciantes” e há mesmo quem diga que nasceram para fazer negócios.

A presença nas ilhas crioulas remonta há pouco mais de duas décadas, altura em que aportaram no arquipélago os primeiros comerciantes chineses. Hoje convivem lado a lado com uma mescla multicultural de povos que habitam Cabo Verde, entre eles portugueses e negros da Costa Africana, sobretudo da Guiné Bissau e do Senegal. Comparativamente a estes emigrantes, os chineses são pouco expressivos, mas nem por isso deixaram, ou deixam, de ter um papel de destaque no desenvolvimento social e económico de Cabo Verde. Há quem diga que os chineses vieram trazer “mais e melhor” qualidade de vida ao dia-a-dia da população mais carenciada do país, com o acesso a bens de comércio geral a preços mais competitivos. Ouve-se com frequência e em tom de brincadeira que as crioulas passaram a ficar



LUSOFONIA

mais bonitas e na moda com a entrada do vestuário *made in China* no país. De facto, estes comerciantes trouxeram consigo uma gama de produtos variados, que de outra forma seriam de difícil acesso à maioria da população. Na maioria dos lares cabo-verdianos sente-se a marca inconfundível dos produtos chineses. Com uma presença sóbria, minimamente integrada no país, mas com um vínculo notório à sua terra natal, os chineses em Cabo Verde estão a 12.656 quilómetros de casa, ou seja, a 7864 milhas de distância entre Xangai e Cabo Verde. Apesar da distância, a maioria faz questão de se manter fiel às tradições, usos e costumes, não fosse a China uma das culturas mais antigas e consolidadas do mundo. Mesmo assim, vão coabitando de forma pacífica e estável em Cabo Verde.

A presença chinesa nas ilhas crioulas remonta há pouco mais de duas décadas, altura em que aportaram no arquipélago os primeiros comerciantes chineses. Hoje convivem lado a lado com uma mescla multicultural de povos que habitam Cabo Verde, entre eles portugueses e negros da Costa Africana, sobretudo da Guiné Bissau e do Senegal



CHOBO, O CHINÊS COM CABO VERDE NO CORAÇÃO

Chobo, como é carinhosamente conhecido He Yu Yan entre chineses e cabo-verdianos, guarda um sentimento de pertença à China, mesmo depois de estar há mais de 20 anos radicado em Cabo Verde. Do arquipélago da Morabeza guarda um dos diamantes mais preciosos que a vida pode dar a alguém, duas filhas que carregam o sangue crioulo nas veias. No entanto, afirma-se, acima de tudo, chinês, fiel às origens, mas já com Cabo Verde no coração. A sua aventura em terras crioulas remonta a 1992, quando aterrou, pela primeira vez na ilha do Sal e desde logo se encantou pela voz da diva dos pés descalços, Cesária Évora, que então se fazia ouvir no aeroporto internacional Amílcar Cabral. Mesmo sem entender nada do que ela cantava, deixou-se levar facilmente pelo sentimento da sua voz e mal sonhava que, pouco tempo depois, iria ele próprio compreender a dimensão da palavra “sodade” por ela cantada. Hoje Chobo fala perfeitamente o crioulo e é em crioulo que propõe contar um pouco da sua história em Cabo Verde, que facilmente se pode confundir com a história de outros chineses que escolheram as ilhas como destino de emigração. Na ilha do Sal chegou a ter dois restaurantes, mas um ano após a sua chegada quis tentar a sorte na capital, Praia, na ilha de Santiago. Para aqui importou, pela primeira vez, um contentor de 20 pés directamente da China e depressa recuperou o investimento. “Na altura vendia no Sucupira [o maior mercado de Cabo Verde] e lembro-me que consegui vender todos os produtos rapidamente”, conta Chobo. Com a demanda do mercado, este comerciante deixou o Sucupira e abriu a sua própria loja na Praia, para mais tarde se mudar para a Assomada, no município de Santa Catarina, também na ilha de Santiago. É com orgulho que afirma ter

sido o primeiro chinês a chegar à Assomada e, hoje, é um dos membros mais activos dos cerca de 115 chineses que residem nesta localidade, distribuídos por 80 estabelecimentos comerciais, só neste município.

Chobo chegou a ser proprietário do Restaurante Macau e de uma escola de karaté, ambas na Assomada, mas agora gere uma loja grande de comércio geral. “Longe vai o tempo em que os chineses faziam bons negócios em Cabo Verde”, afirma. A crise internacional que também afecta o arquipélago, aliada à subida das taxas e impostos no país, tem ditado o encerramento de algumas lojas. Chobo afirma que há compatriotas a regressar à China ou a partir rumo a outros destinos.

Não será o caso dele, garante. “Quero ficar em Cabo Verde para sempre”, diz com convicção de quem já criou raízes e não esconde que gosta muito de “cozinhar cachupa”. A sua

integração, assim como a de outros chineses é bem visível, não só ao nível da língua como dos hábitos e relacionamento com a população local.

É que este empresário é também presidente da Associação de Comerciantes Chineses da Assomada,

uma entidade criada há três anos e que tem contribuído para a integração dos chineses neste município.

“Servimos de ponte entre a comunidade e as autoridades locais.

Ajudamos a resolver problemas ao nível da saúde, licenças de lojas e outros documentos”, explica.



GUS PING FUGIU À CRISE DE PORTUGAL

Ao contrário de Chobo que pertence à primeira vaga de emigrantes chineses para Cabo Verde, Gus Ping ainda está em fase de reconhecimento do território. Oriundo da província de Zhejiang, aterrou nas ilhas há menos de um ano, fugido da crise que se vive em Portugal, mais concretamente no Algarve, onde estava radicado há 15 anos.

O facto de nesta ex-colónia se falar o português foi “decisivo” para colocar o arquipélago na sua nova rota de emigração. Consigo trouxe a família, pai, mãe, mulher e filhos, sendo que o seu mais recente descendente nasceu já na capital de Cabo Verde. No entanto, o futuro parece também ser incerto por terras crioulas.

“O negócio em Cabo Verde também está fraco.

Há pouco poder de compra. A minha loja tem produtos de maior qualidade do que as outras lojas, porque importo de Itália, França e Espanha. São produtos um pouco mais caros do que os produtos chineses e, talvez por isso, não vendem tão bem”, desabafa Gus Ping.

Este comerciante é proprietário da maior loja chinesa na cidade da Praia, com 350 metros quadrados, e é um dos poucos que abre as portas ao domingo, empregando duas funcionárias.

Apesar da sua estada recente, Gus Ping e a família têm tentado a integração no país, a começar pela gastronomia. “Vamos fazer compras ao mercado. O peixe de Cabo Verde é muito bom e gostamos de comer também búzios, percebes e lagosta, assim como a papaia.” À gastronomia local juntam-se ou passeios em família na praia ou no único centro comercial da capital, construído por uma empresa chinesa.

No entanto, este empresário, não esconde a necessidade de se manter ligado às origens.

Além das viagens periódicas à China, os chats chineses no telemóvel e os canais chineses disponíveis por cabo somente na ilha de Santiago aproximam cada vez mais esta comunidade da sua terra natal. Tudo à distância de um clique.

O facto de em Cabo Verde se falar o português foi “decisivo” para colocar o arquipélago na nova rota de emigração de Gus Ping. Consigo trouxe a família, pai, mãe, mulher e filhos, sendo que o seu mais recente descendente nasceu já na capital de Cabo Verde





Jin Ding Fu quis investir na indústria. Juntamente com dois sócios, também chineses, começou por abrir uma fábrica de sacos de plásticos e depois voltou-se para o fabrico do alumínio. Actualmente, é dono da Boom TV

JIN DING FU, O EMPRESÁRIO

Jin Ding Fu, actual director executivo da Boom T V, chegou a Cabo Verde em 1998 a convite de um amigo, que na altura já tinha negócios em Cabo Verde, e logo se interessou por vir investir no país. Natural de Zhejiang, este empresário é formado em Direito, mas assume-se um autodidacta com conhecimentos no ramo industrial, e não esconde que gosta de comprar livros técnicos para aperfeiçoar os seus conhecimentos na área.

Ao contrário da maioria dos chineses no país, que optaram pelo ramo comercial, Jin Ding Fu quis investir na indústria. Juntamente com dois sócios, também chineses, começou por abrir uma fábrica de sacos de plásticos para minimercados, para depois criar a Euroalumínios, uma empresa muito conhecida na capital. Em Outubro de 2011, Jing Ding Fu e os sócios decidiram alargar o ramo de actividade e compraram a actual Boom TV, antiga Xinnuoli.

A Boom TV é um caso de sucesso com 33 canais, dois deles chineses e cerca de 3672 clientes só na ilha de Santiago. Número que será expandido com o alargamento do negócio à ilha

de São Vicente, onde vão abrir até ao fim de 2013 uma filial.

Quando recorda a sua chegada ao país, Jing Ding Fu lembra que na altura “não havia muitos chineses” e conta que não veio apenas “para ganhar dinheiro”, mas sim para “expandir a experiência profissional e investir na área que gosto de trabalhar”.

A integração não foi fácil, sobretudo ao nível da língua. “No início foi difícil aprender a língua. Frequentei aulas de português no Centro Cultural Português e aprendi o crioulo aos poucos, a falar com os cabo-verdianos. Convivia e estava mais interessado em falar com cabo-verdianos do que com chineses”, conta.

Enquanto muitos chineses residentes no país trouxeram consigo as respectivas famílias, Jing Ding Fu veio sozinho. Na China ficaram mulher, filhos e os pais, sempre com muita saudade no coração. “Normalmente vou à China duas vezes por ano. Tenho lá os meus pais, a minha mulher e os meus filhos. Não penso trazê-los para cá. Os meus pais não poderiam passar tanto tempo num avião. Os meus filhos também estudam, por isso é melhor ficarem na China.”

UNIDOS PELA COOPERAÇÃO

A República Popular da China e Cabo Verde guardam marcas de uma longa e amistosa era de cooperação, que tem evoluído nas suas mais diversas formas e áreas ao longo dos anos.

Desde o início da história da cooperação entre os dois países que a China tem promovido a construção de grandes obras no país, como a Assembleia Nacional, o Palácio do Governo e a emblemática Barragem do Poilão, que pela sua estética visual é considerada por muitos como um marco histórico da presença chinesa em Cabo Verde.

A República Popular é considerada uma das maiores e mais promissoras potências no mundo, o que tem fomentado a aposta numa cooperação bilateral nas relações China-Cabo Verde. “Nas últimas 30 décadas tem-se registado uma ajuda unilateral da China para Cabo Verde. Mas, para isso ser sustentável e para a cooperação se prolongar no tempo tem que haver benefícios recíprocos. Já temos alguma cooperação bilateral em áreas como a governação electrónica, em que Cabo Verde recorreu ao empréstimo de bancos chineses e isso permitiu acumular experiência numa área nova. Também na área da habitação social, onde a China disponibilizou uma linha de crédito com taxas de juros baixas para financiar 1400 moradias no âmbito do projecto Casa para Todos”, destaca Su Jian, embaixador da China em Cabo Verde.

Actualmente, Cabo Verde tem recebido

Cabo Verde tem recebido comitivas de empresários chineses que têm forte interesse em investir em áreas como a pesca, telecomunicações, energias renováveis, construção civil, construção de portos e outras infra-estruturas

comitivas de empresários chineses que, segundo este diplomata, têm forte interesse em investir em áreas como a pesca, telecomunicações, energias renováveis, construção civil, construção de portos e outras infra-estruturas. Trata-se de uma aposta do investimento privado chinês no arquipélago, que segundo Su Jian irá certamente contribuir para o desenvolvimento do país e para a criação de emprego, indo de encontro à diversificação da cooperação prevista no Fórum de Cooperação Sino-Africano.

Nesse sentido, Su Jian destaca que o seu país tem procurado “trazer investimento chinês para Cabo Verde, sobretudo, agora, que o arquipélago enfrenta algumas dificuldades para pedir mais empréstimos devido à crise, e é preciso procurar outras formas de financiamento, como o empréstimo directo privado”.

Além dos cerca de 3000 chineses residentes no país, Cabo Verde conta também com a presença de mais de duas centenas de técnicos e trabalhadores especializados que estão a executar grandes obras, no âmbito das ajudas de cooperação entre os dois países.

Esta mão-de-obra temporária pertence a cerca de quatro grandes empresas de construção civil chinesas, que estão a trabalhar em obras como a recuperação do Palácio da Presidência, do novo Estádio Nacional e ainda nas obras de ampliação do Hospital Agostinho Neto, na cidade da Praia. Mas esses são só alguns exemplos. O embaixador realça ainda que a China tem apoiado Cabo Verde em áreas tão díspares como saúde, educação e cultura, em quantias que não pode precisar, mas que garante serem “avultadas”. E avança que o futuro das relações China-Cabo Verde se perspectiva “brilhante”. O embaixador mostra-se também satisfeito com a integração dos chineses em Cabo Verde e realça que, durante essas duas décadas de imigração, a comunidade chinesa “tem sido bem tratada pelos cabo-verdianos”. Su Jian aponta ainda que a presença diplomática da Embaixada da China em Cabo Verde representa um papel “muito importante nas relações e aproximação entre dois povos” e a sua “missão é responder aos apelos da comunidade chinesa em Cabo Verde, mas também sensibilizar a comunidade para respeitar as leis, hábitos e tradições culturais do país e aprenderem, cada vez com mais força, as línguas locais”.

Por isso, a embaixada tem colaborado com algumas organizações não-governamentais na abertura de aulas de língua portuguesa e crioulo para facilitar a integração e convívio entre as duas comunidades. Outra das missões dessa representação passa também pela promoção de actividades culturais com espectáculos de artistas chineses e exposições de arte para que as duas comunidades aproveitem “esta plataforma de troca de experiências”.

NO CORAÇÃO DOS CABO-VERDIANOS

Criada em Outubro de 2011 por um grupo de antigos alunos cabo-verdianos que estudaram na China, a Associação Amizade Cabo Verde-China (AMICACHI) é hoje uma referência nas relações entre os dois países. José Correia, formado em Economia, é o actual presidente da associação, que integrou a primeira leva de dois alunos que foram estudar para a China em 1996. Desde então apaixonou-se pelo país, pelas gentes e pela cultura, afirmando que hoje tem duas pátrias.

O apreço pelo contributo desse país na sua formação profissional e pessoal traduziu-se quando regressou em Janeiro de 2011 na vontade de “criar uma plataforma da sociedade civil para a promoção das relações Cabo Verde-China, numa óptica de complementar as relações governamentais já existentes”, explica. E assim nasceu a AMICACHI, que tem trabalhado na promoção da língua e cultura chinesa em Cabo Verde, no fomento das relações económicas entre os dois países e na integração dos chineses que residem no arquipélago, mas também dos alunos cabo-verdianos que prosseguem estudos na China ao abrigo de programas de cooperação entre os dois países. “No ano ano passado, fizemos o primeiro curso de Introdução à Língua e Culturas Chinesa em Cabo Verde, em parceria com a Universidade de Cabo Verde e o Ministério do Ensino Superior, direccionado para que os cabo-verdianos que iam prosseguir estudos na China tivessem um primeiro contacto com esse país ainda em Cabo Verde”, refere o presidente da AMICACHI. Um



- 01. PALÁCIO DO GOVERNO
- 02. ASSEMBLEIA NACIONAL
- 03. BARRAGEM DO POILÃO

LUSOFONIA

curso que já está na sua segunda edição, para os jovens que estão agora de partida.

No sentido inverso, a associação está também empenhada em contribuir para a integração da comunidade asiática no país. No Verão deste ano, por exemplo, arrancou o curso de Introdução a Língua e Cultura Cabo-verdianas destinado a chineses residentes em Cabo Verde e que conta com mais de 20 inscitos.

Segundo José Correia, o objectivo é permitir o acesso a conhecimentos básicos da língua, cultura e história cabo-verdianas, de forma a facilitar a integração dos chineses na sociedade local e a promoção de conhecimento sobre o arquipélago. “A adesão a estes cursos tem sido muito boa”, realça.

Entre as actividades promovidas pela associação destacam-se as culturais, sobretudo, espectáculos de dança artística e música tradicional da China, não apenas na capital, mas também em outras ilhas. No entanto, este ano as actividades adquiriram novos contornos e a cidade da Praia acolheu a primeira Semana Cultural da China, realizada ao nível de África. “Esta semana foi muito importante porque a cultura é um instrumento de comunicação que não precisa, digamos assim, que falemos a mesma língua. A cultura por si já é uma língua. Durante esta semana quisemos que os cabo-verdianos ficassem a conhecer mais a China, mas também que a comunidade chinesa interagisse mais com a nossa sociedade”, salienta o presidente.

O próprio Embaixador da China em Cabo Verde, Su Jian, reconhece o trabalho da associação e realça o “dinamismo” da mesma, afirmando que tem contribuído “para a difusão do mandarim e tem ajudado vários comerciantes chineses a resolverem alguns problemas”. Por outro lado, refere ainda o importante papel desempenhado nos intercâmbios bilaterais e espera que a mesma continue a fomentar as relações de amizade entre China-Cabo Verde.

Segundo dados da Embaixada da China em Cabo Verde, já foram concedidas bolsas a cerca de 1000 estudantes locais. Só neste ano lectivo, mais 300 cabo-verdianos rumam a várias universidades chinesas para prosseguirem os estudos. ●

A AMICACHI, criada por um antigo aluno cabo-verdiano regressado da China, trabalha na promoção da língua e cultura chinesa em Cabo Verde, no fomento das relações económicas entre os dois países e na integração dos chineses que residem no arquipélago. A associação ajuda também os alunos cabo-verdianos que vão para a China estudar





* José Correia, actual presidente da Associação Amizade Cabo Verde-China (AMICACHI)



* Su Jian, Embaixador da China em Cabo Verde

LONG MU, A DEUSA DO RIO XI

Long Mu, uma das muitas divindades da mitologia chinesa, é conhecida por ter criado cinco dragões, o que lhe originou a alcunha de Mãe dos Dragões. São muitas as lendas que contam a vida da Deusa de Yuecheng, na parte central da Província de Guangdong, onde aí lhe foi erguido um templo. Os crentes acreditam que a deusa lhes dá tudo o que lhe for pedido, desde que não sejam coisas materiais

Texto e fotos **José Simões Morais**

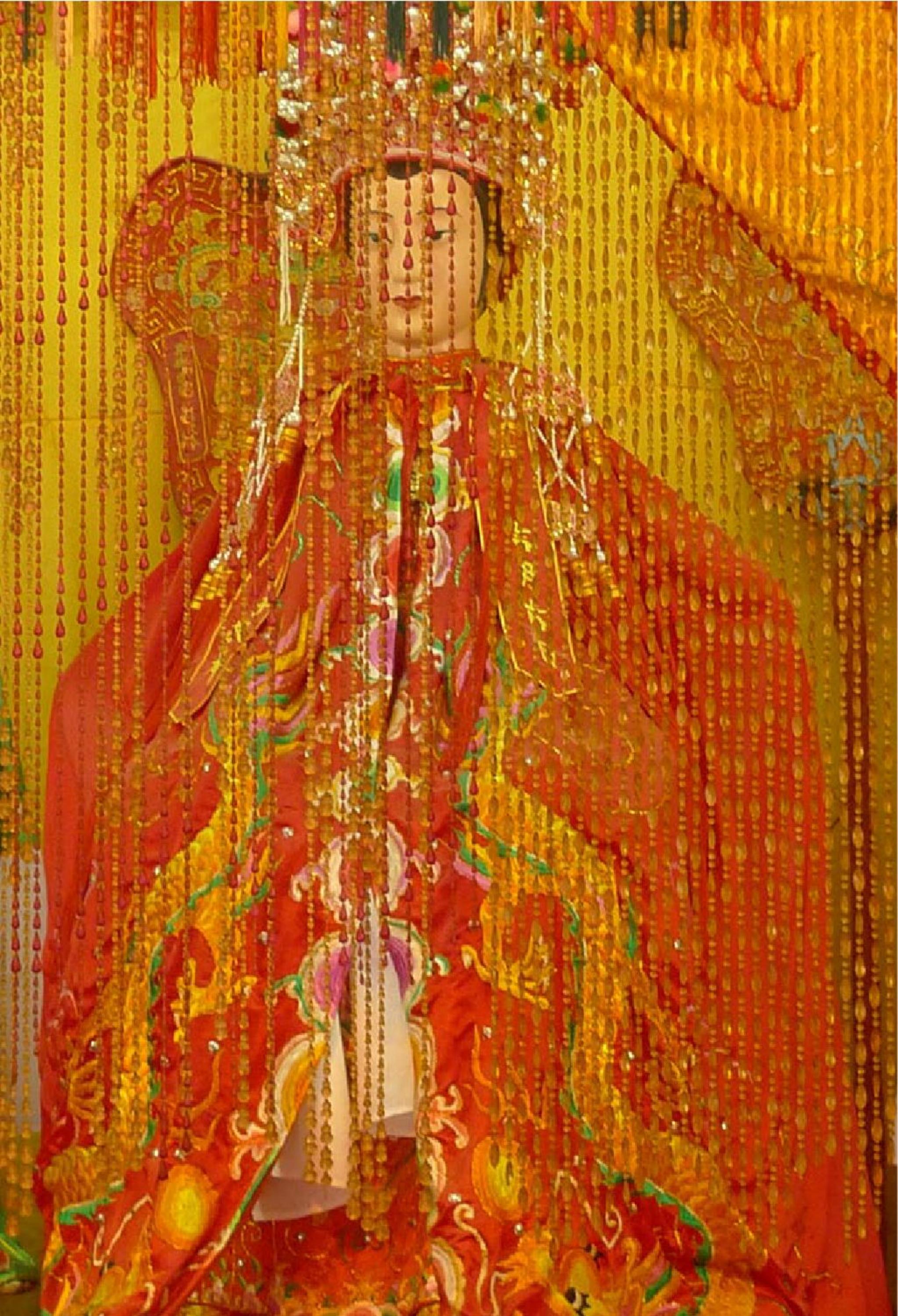
E estamos para sair de Zhaoqing quando ouvimos falar do templo da Mãe Dragão, que fica em Yuecheng, na parte central da Província de Guangdong, a meio caminho da cidade de Deqing. O autocarro acompanha o terceiro mais longo rio chinês, Xijiang, enquanto, no outro lado, encostas de montanhas vão-se sucedendo. A estrada atravessa poucas povoações, mas próximo do nosso destino uma feira ocupa as ruas de uma aldeia, levando a viagem a demorar muito mais do que esperávamos. Vamos com pressa, pois nesse dia, o oitavo do quinto mês lunar, assinala-se o aniversário de Long Mu e não queremos perder as cerimónias.

A viagem dura já uma hora quando, numa curva, vemos um pequeno curso de água e à frente um amplo recinto, adornado no meio por um *paifang* envolto em fumo e pessoas, onde se faz o rebenamento de panchões. Pouco depois somos deixados na estrada em frente a um hotel, com a indicação de caminhar pela estreita rua para chegar ao templo. As tendas com incenso, papéis votivos e estátuas de deuses ocupam ambos os lados e escondem as casas da povoação.

O nome de Yuecheng apareceu no ano de 362, durante a dinastia Jin do Oeste, e por essa altura pertencia ao concelho de Jinkang (actual Deqing), estando relacionado com a história de Long Mu. O significado de Yue é de encanto e de Cheng, lugar, já que a história da deusa era já nessa altura muito popular e os habitantes do local viviam uma feliz existência. Anteriormente era chamado Chengshui, o lugar da água.

É em frente ao Templo da Mãe Dragão que três pequenos ribeiros, Yuecheng He, Yang Liu Shui e Jiangshui, desaguam no rio Xi. Ao contrário do esperado, aqui a junção das águas cria um espelho sem a ondulação e turbulência normal que ocorre nestas circunstâncias.

Em torno do templo encontram-se cinco colinas, conhecidas por Wu Long Shan (montanha dos Cinco Dragões), havendo uma montanha por trás mais alta, conhecida por Jin Ji Ling (Montanha do Galo Dourado). Daí se pode ver o templo como uma pérola, protegido por cinco dragões e um espelho formado pelas tranquilas águas. Na outra margem, duas colinas (Huangqishan, montanha da Bandeira Amarela e Qingqishan, montanha da Bandeira Verde) parecem estar em reverência. Com tal visão, os viajantes que aqui passaram em tempos antigos escreveram inúmeros poemas.





A HISTÓRIA DE LONG MU

Segundo diz a lenda, um dia no ano de 290 a.C. o pescador Liang San de Chengshui estava a pescar no Xijiang quando observou um tronco cavado a descer o rio. Ao aproximar-se encontrou uma recém-nascida no interior do tronco e com algum custo conseguiu resgatá-la. Cuidou da bebé, que ficou conhecida por Long Mu, a Mãe Dragão. Nesta história lendária subentende-se que a criança pertencia a uma tribo cujo totem era o dragão (Long) e vivia ainda matriarcalmente (Mu), estando por essa altura a realizar a passagem para o patriarcal. A tribo terá vindo do Norte da China, navegando até Guangxi e daí pelo rio Xi chegou a Chengshui.

Outra versão foi contada na dinastia Song, quando o templo se chamava Xiao Tong, que significa respeito pelos antepassados e amor filial. Long Mu Liang Liang, cujo apelido era Wen, vivia no concelho de Jinkang, povoação de Chengshui. Os seus antepassados eram de Tengxian, na actual província de Guangxi. O pai, Wen Tian Rui, quando viajava por Nanhai encontrou a sua mãe, cujo apelido era Liang,

proveniente de Chengshui. Tiveram três filhas, sendo Long Mu a do meio, que à nascença era já uma rapariga muito bonita e trazia cabelos compridos. Ainda jovem tornou-se perita na tecelagem, sendo frequente vê-la a olhar para o céu parecendo estar a falar com alguém. Porém, vivia isolada numa gruta onde passava longos períodos em meditação e de jejum. Muitas pessoas vinham perguntar-lhe sobre o futuro e devido aos seus poderes de adivinhação era tratada com muita reverência.

Aqui entra outra história também tauista. Lai Puyi, um geomante de Jiangxi, seguia uma poderosa corrente de energia quando, pelo convergir de vários desses veios auspiciosos, chegou à encosta do monte de Zhushang em Yuecheng. Sentindo a concentração de um grande poder, entrou na gruta conhecida por Boca do Dragão. Aí, Long Mu, uma jovem ermita, procurava a imortalidade pela purificação do espírito, vivendo em reclusão e distribuindo amor aos seres seus companheiros. Ao encontrar ocupado o lugar com que durante a sua demanda vinha sonhando, Lai Puyi procurou entender o estado de espírito



No templo construído junto ao túmulo entre as dinastias Qin e Han, as pessoas encontravam no recinto um veado branco com três pernas e duas grandes serpentes, enquanto nas proximidades do túmulo estavam outras três, mais pequenas

de Long Mu e para tal usou poderes mágicos. Afirmando o direito de ter encontrado tal fonte, pois aí deixara uma moeda com um furo quadrado ao centro a marcar o lugar, logo Long Mu lhe replicou que já antes tinha lá deixado uma agulha. Depois de confirmar o facto, Lai Puyi deu-se por vencido, renunciou ao lugar tão privilegiado onde hoje se encontra o Templo da Mãe Dragão, e partiu.

MÃE DOS DRAGÕES

Voltamos à versão contada na dinastia Song. Um dia quando Long Mu foi pescar ao rio encontrou um ovo muito grande, onde de dentro saía um intensa luz. Feliz, trouxe-o para casa e no dia 27 do sétimo mês lunar o ovo abriu-se e daí saíram cinco serpentes. Viviam dentro da água e Long Mu alimentava-as como uma mãe. Quando as serpentes cresceram, Long Mu passou a criá-las no rio. Quando pescava, os animais ajudavam-na. No dia em que apareceram grandes peixes, as cinco serpentes os rodearam ajudando assim a mãe a capturá-los. Long Mu tentou apanhar um, mas a faca cortou a cauda do seu filho mais velho e logo todos desapareceram. Anos depois regressaram, trazendo já cornos na cabeça, o corpo com escamas e quatro pernas, cada um com cores diferentes. Só então Long Mu percebeu que os seus cinco filhos eram dragões. O governador reportou tal acontecimento ao imperador e Qin Shi Huang ficou muito contente enviando ouro e jade para a convencer a casar com ele. Long Mu rejeitou tal pedido, mas foi forçada a fazê-lo, já que os desejos do imperador eram ordens. Quando o barco chegou a Shi An (actual Guilin) parecendo ser movido por forças estranhas, deu meia volta e regressou a Chengshui. Por três vezes foi repetida a viagem, mas aconteceu sempre o mesmo. Reportado o acontecimento ao imperador, este percebeu que nada havia a fazer e aceitou deixar a rapariga em paz. Já o livro *Guangdong XinYu*, escrito por Quda Jun durante a dinastia Qing, refere que, ao fim da quarta tentativa, Long Mu chegou a Chengshui desesperada por o imperador não a deixar em paz, por isso atirou-se às águas do rio Xi afogando-se. Apareceu então o dragão responsável por a embarcação não chegar à capital e com a areia fez-lhe um túmulo. Uma

TRADIÇÕES CHINESAS

tempestade levantou-se e levou o túmulo para o lugar onde ele hoje se encontra.

Retomando a versão anterior, Long Mu alimentava um veado branco, mas este gostava de fugir e ir comer o arroz que secava na eira dos vizinhos. Farta dos queixumes dos vizinhos que se propunham a dar cabo do veado se ela não tivesse mão nele, resolveu cortar-lhe uma perna e colocá-lo na outra margem. Um dia foi de barco visitar o veado, mas a embarcação afundou-se e, como não regressou à tona, as pessoas pensaram ter-se afogado. Mas no dia seguinte ela apareceu e querendo saber onde estivera, ouviram como resposta ter ido visitar os filhos.

Um ano depois, ficou doente e morreu em 210 a.C. No seu funeral, apareceram cinco homens vestidos com diferentes cores, que se mostraram muito condoídos, chorando sem parar. O corpo foi sepultado na colina de Qingqishan, a montanha da Bandeira Verde. Uma noite, de repente, formou-se uma grande tempestade, da água levantaram-se ondas enormes com raios. Ouviu-se durante toda a noite o som dos gongos e tambores e uma multidão a chorar. No dia seguinte, as pessoas viram com espanto que o túmulo de Long Mu tinha mudado para a outra margem, onde hoje se encontra sepultada.

O TEMPLO

Lai Puyi regressou e instalou-se próximo, demonstrando a sua admiração à Mãe Dragão ao prestar-lhe cultos diários. O túmulo exalava um suave perfume, atraindo a curiosidade dos aldeãos. Quando abriram o túmulo, viram o corpo incorrupto de Long Mu. Alcançara a imortalidade, pelo que passou a ser invocada pelo povo nas suas aflições e os pedidos feitos à deusa, logo que não sejam de riqueza material, realizam-se.

No templo construído junto ao túmulo entre as dinastias Qin e Han, as pessoas encontravam no recinto um veado branco com três pernas e duas grandes serpentes, enquanto nas proximidades do túmulo estavam outras três, mais pequenas. Quando as pessoas ofereciam vinho às serpentes, estas bebiam-no. Se houvesse música, mais elas bebiam, por isso passaram a designar este templo como Wu Long Miao (Templo dos Cinco Dragões).

A deusa fará desaparecer quem colher, sem a sua permissão, uma flor (*lanhua*) que existe nas montanhas em redor. O mesmo acontece às árvores cujo espírito (*ling*) é de Long Mu e, se não lhe for pedida permissão para as cortar, não as podem levar

Desde então poucas inundações houve nessa área e por isso, todos os que vivem nas margens do rio Xi oferecem sacrifícios a Long Mu, como deusa do rio Xi.

O primeiro imperador Han, Gaozu, ofereceu a Long Mu o título *Cheng Xi Fu Ren* em 195 a.C. Nessa altura, Yuecheng tinha o nome de Chengxi e FuRen era usado como forma de respeito para designar “senhora”. Por ordem do imperador, foi celebrado um grande funeral em homenagem a Long Mu.

Em 904, o imperador Tang Ai Di conferiu-lhe o título *Yong An Fu Ren*, que em 905 mudou para *Yong Ning Fu Ren*, sendo nesta dinastia o templo reparado. Em 1078, durante a dinastia Song, foi-lhe dada outro título, *Yong Ji Fu Ren*, e em 1375, no período Ming, passou a ser *Cheng Xi Long Mu Liang Liang*. Já na dinastia Qing contava com 22 caracteres. Em 1666 o templo foi reconstruído, sendo o actual de 1907. Desde 2001 é uma relíquia cultural sobre protecção nacional.

A construção do templo foi feita com uma tal perícia que está resguardado de inundações, do fogo, preparado contra os tremores de terra e de todos os insectos, como a formiga branca. Quando há cheias e a água galga as margens, esta vem cheia de sujidade, mas quando se aproxima do túmulo fica pura e límpida. No meio do enorme pátio do recinto, um *paifang*

foi edificado em 1449 como porta de entrada. A deusa fará desaparecer quem colher, sem a sua permissão, uma flor (*lanhua*) que existe nas montanhas em redor. O mesmo acontece às árvores cujo espírito (*ling*) é de Long Mu e, se não lhe for pedida permissão para as cortar, não as podem levar. Conta a lenda que certa vez um marinheiro, cujo barco tinha o leme partido, foi ao templo e após uma oferenda a Long Mu seguiu logo para a floresta onde abateu uma árvore, usando a madeira na construção de um novo leme. Com o barco arranjado seguiu viagem e após um navegar seguro, já no destino reparou que o leme tinha desaparecido. Logo um peixe muito inchado saltou para o convés da embarcação; o marinheiro abriu-o e aí encontrou o dinheiro que tinha deixado no templo. Para os tauistas, Long Mu tornou-se uma imortal no dia 8 do oitavo mês lunar. No

ano de 1999, no primeiro dos oito dias das celebrações à deusa, após o final das orações realizadas no interior do templo, às 16 horas as pessoas seguiam para o grande átrio e começaram a ver formar-se a partir das águas do rio uma brilhante áurea branca. Esta foi-se elevando sobre o templo, rodopiou pelas cinco colinas dos dragões e depois desapareceu, ficando o fenómeno registado em fotografia. As centenas de crentes que por essa altura aí se encontravam logo se ajoelharam para homenagear a deusa que dessa forma se revelara.

Em muitas povoações ao longo das margens do Xijiang existem templos dedicados a Long Mu e, apesar de em Macau, por onde passa um dos ramais do delta do rio Oeste, não haver nenhum templo dedicada à deusa, encontra-se a sua imagem nos templos de Nuwa e Lin Fong. ●



EM TAISHAN, BEBENDO EM TAÇAS DE NUVENS

Texto António Graça de Abreu

A morte de um homem pode ser tão pesada como a montanha Tai, ou tão leve como uma pena.

Sima Qian (145 a.C. – 85 a.C)

Na China as montanhas são divindades, associam-se aos majestosos poderes da natureza e actuam protegendo ou condicionando a existência dos homens. Devem, por isso, ser reverenciadas, honradas com preces e oferendas. Algo de semelhante, no que à sua importância diz respeito, tem acontecido por outras paragens. Recordemos apenas o velho Moisés a receber o Decálogo, os *Dez Mandamentos*, no monte Sinai, directamente das mãos de Deus, ou os 12 deuses da mitologia grega a reunirem-se nas alturas do monte Olimpo. Acredita-se que as montanhas chinesas trazem a paz, a estabilidade, a força serena aos incontrolados movimentos da terra. Graças ao seu poder e dos deuses que as habitam, os rios não inundam os campos na planície, a terra

não treme nem abala os dez mil lares. As nuvens nascem no céu, descem do topo dos montes e caem com a chuva, para humedecer a terra, levar a água aos homens, enrijecer o arroz e o trigo.

Taishan ou a montanha Tai, classificada como Património Mundial pela UNESCO desde 1987, levanta-se na grande planície da China do Norte, no oeste da província de Shandong. A montanha não é muito alta, tem apenas 1547 metros que culminam no pico do Imperador de Jade coroado com um pequeno templo em homenagem à divindade suprema do taoísmo religioso. Três vezes a pé subi e desci a montanha Tai, a mais sagrada das cinco montanhas associadas ao taoísmo. A primeira vez, apenas para conhecer, a segunda para sentir a terra, a terceira no encontro com uma mulher chinesa.

A escalada começa em Tai'an, uma cidade no sopé da montanha, apenas a 167 metros de altitude. Pouca gente sabe que Tai'an é a terra natal de Jiang Qing, a radical "revolucionária", quarta esposa de Mao Zedong e membro destacado do "bando dos quatro", o grupo esquerdista que dominou parte da política chinesa durante a Revolução Cultural, entre 1966 e 1976. Não se sabe se Jiang Qing – que, condenada a prisão perpétua, acabou por se suicidar na prisão, em 1991 – alguma vez subiu Taishan, a montanha abrupta e mágica que se levanta diante de Tai'an, o lugar onde nasceu. Se não o fez, passou-lhe diante dos olhos, mas à distância, o afago das bênçãos dos deuses que povoam os espaços do vazio, entre penedias e névoas.





Vamos então, desde o grande templo de Tai'an, iniciar a escalada da montanha Tai, na longa caminhada pela Rota do Centro ao longo de 11 quilómetros que contemplam 7200 degraus, por trilhos ora suaves, ora pedregosos e empinados. Serão oito horas bem medidas de percurso com algumas paragens para descansar, enfiar umas sandes, beber umas garrafas de água e, sobretudo, estender os olhos pela paisagem que vai subindo e crescendo em redor conforme avançamos. A ascensão vale todas as penas. Há bosques, cascatas e pontes suspensas, pinheiros solenes cravados na rocha, o canto dos pássaros, o deslizar dos perfumes da vegetação rara que cresce nas encostas, há pórticos e arcos,

torreões e altares, pavilhões e pequenos templos, um ou outro abrigo para monges de eras passadas, tudo velho e gasto pelos séculos. Lá mais em cima, encontramos estelas e pedras lisas rasgadas pela mão do homem para nelas se gravarem caracteres, inscrições, orações, frases auspiciosas, poemas, relatos da ascensão a Taishan feita por imperadores e mais gente ilustre, tudo em escrita elaborada, requintada. De resto, os grandes rochedos e penhascos que sobressaem nos lugares mais elevados correspondem aos ossos da montanha. Alguns levam a marca depurada da passagem dos homens. Em Maio de 1980, a minha segunda subida a Taishan prolongou-se por dois dias,

mais um dia inteiro para descer. Tive o tempo que quis para fruir a montanha e por ali fiquei a embeber em mim a singular majestade dos espaços da serrania. A meio da primeira tarde, cheguei a *Zhongtian Men*, a Segunda Porta do Centro do Céu, ainda longe dos cumes dos montes. Chamou por mim um hotelzinho aconchegado em restos restaurados de um antigo templo. Encontrei jantar e quarto, sem banho. Arranjaram-me uma habitação espaçosa, desafogada. Comi uma tijela de arroz, uns legumes cortados, uns fiapos de carne, bebi duas canecas de chá. E, exausto pela escalada, dormi esplendorosamente numa cama pequena, na companhia de mais 11 camas semelhantes onde se deitaram



outros tantos chineses, esquecendo por completo os odores de gente suada e mal lavada – a começar por mim -, e o ressonar glorioso de uns desirmanados filhos do Império.

No dia seguinte, na subida final, acompanhei um grupo de anciãs, mulheres vindas do campo, algumas ainda com os pés pequeninos por terem sido enfaixados nos anos de juventude, a fim de corresponderem ao ideal de beleza outrora cobiçado pelos homens. Apoiadas em bastões ou bengalas de bambu, as velhas trepavam com dificuldade pelos caminhos, pelos degraus, mas iam decididas e determinadas. Perguntei a uma delas. Porquê subir Taishan? Resposta: “*Kan tu*”, para “ver a terra.”

Taishan ou a montanha Tai, classificada como Património Mundial pela UNESCO desde 1987, levanta-se na grande planície da China do Norte, no oeste da província de Shandong

Subir para contemplar os meandros do mundo, também, sobretudo, para lá no alto, no templo das Nuvens Azuis que tem mais de 2000 anos de idade, queimar incenso e pedir à deusa, à princesa da montanha, a protecção, as bênçãos para todos os seus, ascendentes e descendentes. Também longa vida porque acredita-se que quem sobe esta montanha chegará aos cem anos.

Conta o filósofo Mêncio (372 a.C. - 289 a.C.) que, no século VI a.C., quando Confúcio subiu Taishan entendeu finalmente a pequenez do mundo. Qin Shihuang, o primeiro imperador, unificador do Império do Meio - famoso pelos 7000 guerreiros de terracota que

mandou enterrar em Xi'an para sua guarda numa outra vida -, fez igualmente a ascensão no ano 219 a.C., não a pé, mas num palanquim levado às costas por quatro homens. No alto, mandou construir um altar para render homenagens ao Céu. Ao descer, já em Tai'an, deu ordens para se levantar um outro altar, agora para reverenciar a Terra. Tudo para o bom governo do Império, com o soberano unindo os poderes do Céu com os poderes da Terra, e beneficiando da sua protecção.

Du Fu (712-770), um dos maiores poetas dos 30 séculos de poesia chinesa, subiu Taishan e escreveu no ano de 737:

*Eis a montanha das montanhas,
um mar de verdura entre dois reinos,
criação, esplendor da natureza,
madrugada e entardecer, luz e sombra.
De coração aberto para os terraços de nuvens,
os olhos com as aves de regresso a casa.
Ao alcançar o cume da montanha, um olhar:
todas as outras montanhas, tão pequenas!...*

VOLTA À CHINA

A montanha é enorme e resiste aos desconcertos dos homens. Basta sair dos caminhos e trilhos principais, e procurar a tranquilidade nos muitos recantos escondidos por entre a penedia. Em paz, descansar sob dois ou três pinheiros



Hoje, trepar a montanha Tai é diferente do que acontecia há 30 ou 40 anos. Construiu-se uma estrada alcatroada que conduz à Segunda Porta do Centro do Céu e existe um teleférico que leva diariamente milhares e milhares de turistas chineses até ao topo da serra. Já quase não vemos os carregadores que transportavam até aos dois hotéis do cume, apoiados nos seus ombros rijos e calejados, todo o tipo de mercadorias penduradas nas duas extremidades de uma tensa vara de bambu, oscilando pelas escadarias montanha acima em passos rápidos. Era duro o labor desses homens, hoje em dia felizmente substituído pelos novos caminhos rasgados pelo progresso.

A montanha é enorme e resiste aos desconcertos dos homens. Basta sair dos caminhos e trilhos principais, e procurar a tranquilidade nos muitos recantos escondidos por entre a penedia. Em paz, descansar sob dois ou três pinheiros. Era o que faziam os poetas e pintores do passado que na solidão, no silêncio dos montes encontravam a serenidade para desdobrar, voltar palavras e emoções, para o deslizar colorido das tintas espalhando-se graças à sensibilidade no extremo do pincel. Na minha terceira subida a Taishan - ainda e sempre a pé -, fiz os 500 quilómetros de comboio desde Pequim, a norte, até Tai'an. Depois, num iluminado mês de

Outubro, na estação dos caminhos-de-ferro de Tai'an, foi a longa espera pelos comboios vindos de Xangai, 700 quilómetros a sul. Um deles, nas profundezas da noite, trazia Yu Ping, mulher de jade e seda, para subirmos ambos todas as montanhas, no renascer e renovar da vida. Um dia inteiro na ascensão à montanha Tai, a direito pela Rota do Centro, também por sinuosos atalhos, esconsos na vegetação. Debaixo do céu, um homem, uma mulher ao encontro da carícia dos deuses.

Ao nascer o sol, delicada, ondulante, Yu Ping veio ao meu encontro. Estendeu-me as mãos brancas e ofereceu-me de beber em taças de nuvens. ●



Conta o filósofo Mêncio (372 a.C. - 289 a.C.) que, no século VI a.C., quando Confúcio subiu Taishan entendeu finalmente a pequenez do mundo. Qin Shihuang, o primeiro imperador, unificador do Império do Meio, fez igualmente a ascensão no ano 219 a.C., não a pé, mas num palanquim levado às costas por quatro homens

CARIMBO DE PEDRA

O mais convencional é sem dúvida o quadrado, mas há carimbos redondos e até ovais. O tamanho deve depender da superfície a carimbar e com a forma da pedra se define a técnica de impressão. Mas sem tinta não há selo chinês e essa pasta pode ser à base de água ou de óleo. É tudo uma questão de preferência mas se a primeira é mais corriqueira, a segunda tem outra qualidade e resiste mais ao tempo



Sela como quem assina, mas esse vermelho milenar da chancela chinesa pode apenas reflectir um estado de espírito. O entalhe de selos é uma arte da China, ao lado da poesia, pintura e caligrafia. O carimbo de pedra talhado à mão deixa a sua marca por onde passa mas nem sempre teve esse estatuto artístico. Há 3700 anos, quando surgiu, era usado por imperadores para legitimar o seu “mandato dos céus”, do tipo “Xi”. Passou a ser símbolo de poder. Os carimbos usados pela elite intelectual, pequena nobreza e gente comum, eram conhecidos como “Yin”. Durante a dinastia Zhou, a Imperadora Wu alterou o nome do selo para *bao* pela relação

que o outro tinha com as palavras morte e morrer. Entre o século XIX e XX, os trabalhos de um grupo de artesãos de carimbos imprimiu um avanço revolucionário. Libertaram-se do estilo convencional dos carimbos gravados do passado e abriram um novo capítulo na história da gravação de selos na modernidade. Hoje em dia, é comum ver os selos chineses (*Yinzhang*) em obras de arte e outros documentos. Tradicionalmente, os materiais mais comuns para a fabricação de carimbos eram o cobre, para a população geral, e o jade, para o imperador e a nobreza. Tanto o cobre quanto o jade são materiais altamente duráveis que devem ser vagarosa e cuidadosamente

esculpidos ou trabalhado por um artesão experiente em um processo bastante exigente. Os carimbos são entalhados a mão. Através da técnica de escultura, os carimbos com nome combinam a beleza dos caracteres chineses com desenhos de linha. Um carimbo produz praticamente a mesma imagem dos mesmos caracteres ou números, não importando quantas vezes é utilizado e pode assim, ser considerado o precursor de uma das quatro grandes invenções chinesas - a impressão (as outras três são a bússola, a pólvora e a fabricação de papel).

PARA UMA BOA IMPRESSÃO

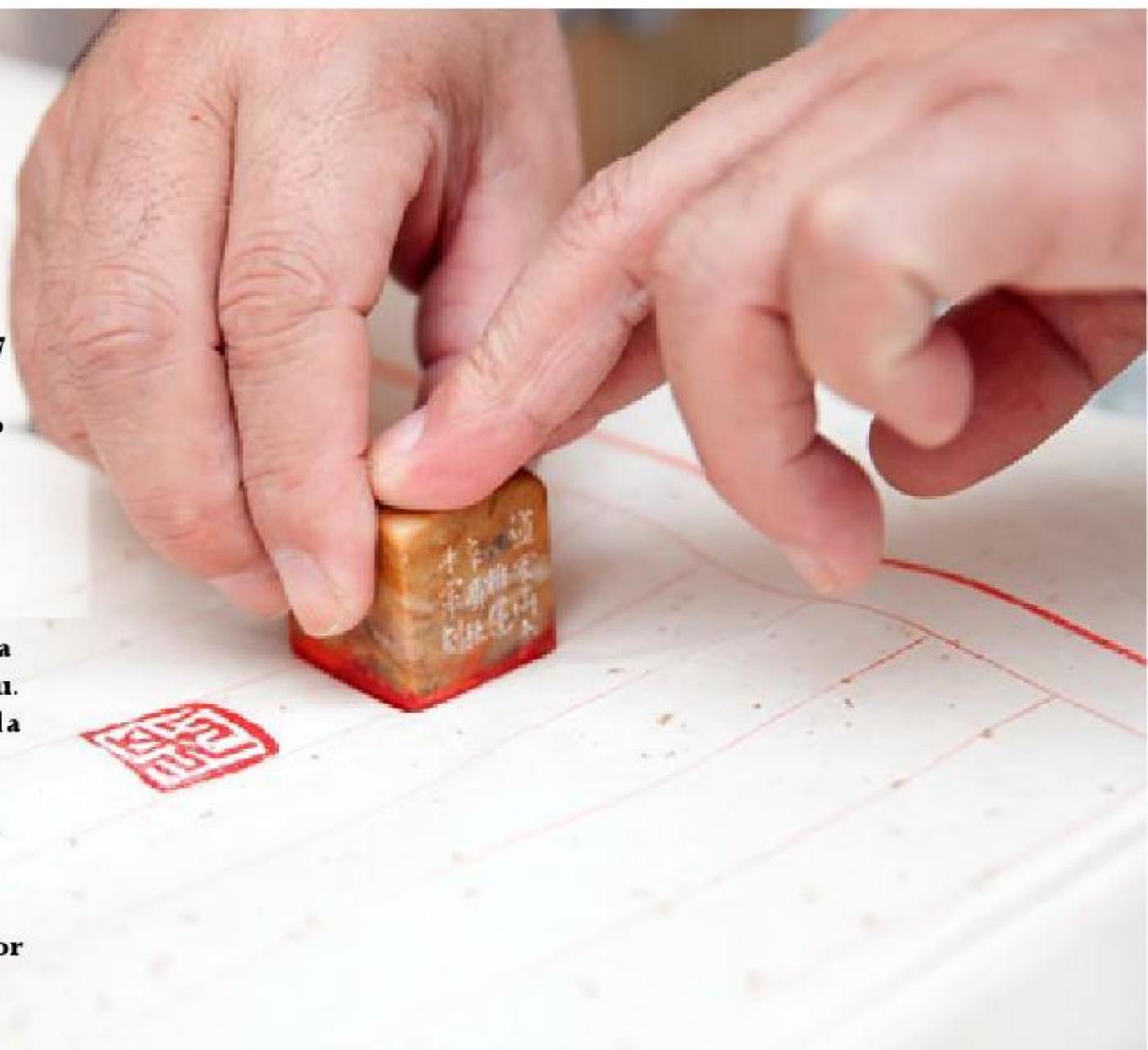
- Oriente-se pelo topo do carimbo que é geralmente ornamentado ou pela assinatura do entalhador que deve ficar sempre à esquerda durante a aplicação, enquanto o polegar deve ficar na face virada para si e o indicador e o médio no lado oposto, para que a face do carimbo que tem a imagem fique correctamente impressa na superfície.

- Escolha o papel de arroz para obter as melhores impressões.



CRONOLOGIA

- Entalhe de selos para uso imperial surge na dinastia Qin (221-210 B.C).
- Na Dinastia Tang (618 – 907 A.D.), os selos *Yin* mudam de nome pela pronunção anterior se assemelhar à da palavra "morte". Passaram assim a chamar-se *Bao*, por ordem da imperatriz Wu Zetian, que interrompeu o reinado Tang ao proclamar a sua própria dinástica - Zhou.
- O Carimbo da República da China é usado desde 1929.
- Nos dias de hoje os carimbos são utilizados por artistas, negociantes para garantia fiabilidade e ainda são souvenirs comprados por turistas. ●



CULTO DOS ANTEPASSADOS



FERNANDO SALES LOPES

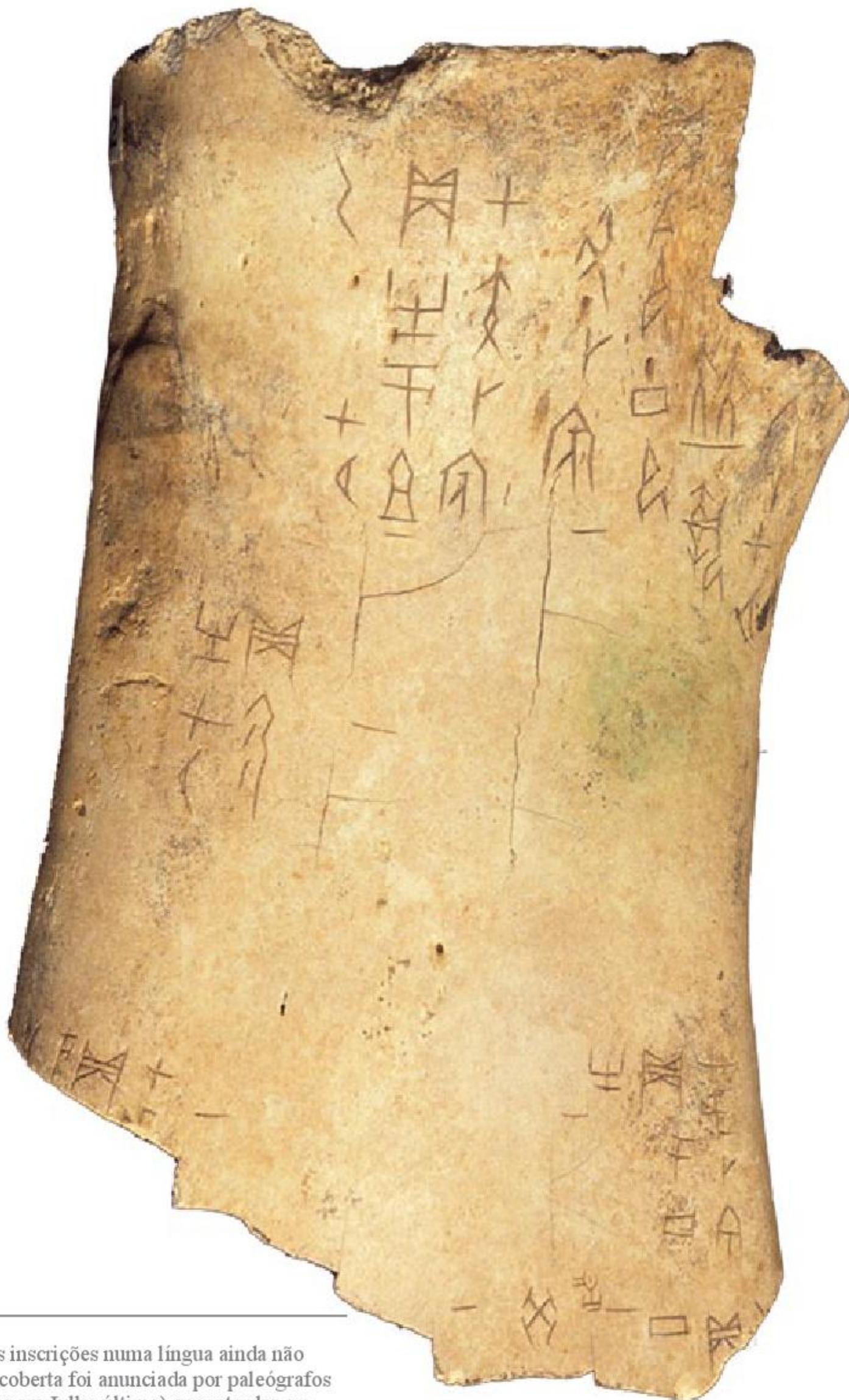
Historiador, Mestre em Relações Interculturais

Também na China, como na maior parte das culturas e civilizações, o culto dos antepassados remonta aos primitivos tempos da humanidade, com um papel de destaque nas práticas animistas, divinatórias e xamanísticas.

Como noutras sociedades agrárias, dependentes da sobrevivência, da vontade desconhecida da natureza e da inconstância dos elementos, também no território onde se fundou a China, a “religião” centrava-se no culto dos antepassados, nos rituais da fecundidade, na adoração dos espíritos, que acreditavam controlar as forças da natureza.

As inscrições - numa primitiva escrita chinesa em ossos oraculares da era Shang - em escápulas de animais e carapaças de tartaruga com fins divinatórios indicam-nos a existência de práticas relacionadas com rituais fúnebres e de culto dos antepassados¹.

A prática do culto dos antepassados na China começa a estruturar-se a partir do segundo milénio antes de Cristo (aceita-se como marco de entrada da China na era da história a Dinastia Shang, ca. 1766 – 1122 a.C.) até finais da Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), a par com o desenvolvimento de conceitos filosóficos e religiosos como o confucionismo e o taoísmo. Atribui-se ao Duque de Zhou (1122 a.C.) a criação dos ritos com vista a estruturar comportamentos quer na administração do Estado, quer no campo da ética e da moral, do comportamento individual dos cidadãos, quer nas práticas e sacrifícios relacionados com cultos da vida e dos antepassados. Será, contudo, Confúcio (551- 479 a.C.) e os seus seguidores a fixarem em texto uma releitura dos ritos de Zhou², no *Livro dos Ritos* um dos Cinco Cânones de Confúcio. Ritualizar, enfim, a piedade filial (ver caixa). O culto dos antepassados entre



¹ Resta saber se as inscrições numa língua ainda não decifrada (cuja descoberta foi anunciada por paleógrafos e linguistas chineses em Julho último) encontradas em restos de mais de duas centenas de objectos desenterrados (entre 2003 e 2006) de uma sepultura neolítica de Liangzhu na província de Zhejiang, nos fazem recuar cerca de 4000 anos em relação às revelações dos ossos oraculares de Henan.

² Durante séculos as virtudes fixadas nos Ritos de Zhou: benevolência, justiça, correcção, sabedoria e fidelidade, foram as linhas mestras no comportamento moral dos cidadãos chineses.

TRADIÇÕES

os clãs foi (é) a base onde assentam hereditariedades que fundamentam poderes e dinastias, linhagens guerreiras, administrativas ou terra tenentes, interesses a todos os níveis da sociedade, e até a estatutos que concedem lugares no panteão das divindades.

Tem-se como certo que em nenhum outro lugar, senão na China, o culto dos antepassados se tivesse transformado numa religião, podendo dizer-se ser este culto a verdadeira “religião chinesa”. Sendo, também, verdade que não existe qualquer outro ritual que como o culto dos antepassados, reforce a solidariedade entre as famílias chinesas.

A COMUNIDADE DOS VIVOS E DOS MORTOS

Para as comunidades primitivas, vivos e mortos partilhavam o mesmo espaço, cabendo aos antepassados o papel de zelar pelo bem-estar dos descendentes que passava, obviamente, pela reprodução e seu sustento, provendo as necessidades da alimentação pela fecundidade dos campos e animais, as boas caçadas, e as vitórias sobre grupos inimigos.

Durante a Dinastia Shang (Idade do Bronze) desenvolve-se uma civilização na bacia do Rio Amarelo cujas descobertas arqueológicas demonstram parecer ter estabelecido relações com outros povos de regiões bem distantes na China, e até com culturas ocidentais que terão contribuído com técnicas de olaria e fundição do bronze.



A PIEDADE FILIAL

“Através dos sacrifícios, cada um continua a cuidar dos seus pais, agindo com piedade filial. A piedade filial significa ‘cuidar’, mas cuidar de acordo com os modos e o Caminho e não transgredir as convenções próprias do comportamento. Os filhos devem servir os seus pais de três maneiras: em vida, cuidando deles, na morte fazendo o luto, quando este terminar, sacrificando em sua honra. Cuidar dos pais expressa acordo; o luto expressa tristeza; o sacrifício expressa reverência e atenção oportuna. O comportamento filial reside no cumprimento destas três normas.”
(in Livro dos Ritos, “Os Princípios do Sacrifício”)

Com a criação de riqueza germina uma classe nobre e urbana em paralelo com a camponesa que trabalha campos e cria animais. No seio daquela nobreza em ascensão desenvolveu-se uma “religião”, em que o culto dos antepassados terá sido a principal prática. A caça e a guerra criavam relações de amizade e de solidariedade, cimentadas em momentos de glória e de prazer. Em vida e na morte.

Quem acompanhava o rei em vida seguia-o para o além (a outra vida), onde as mesmas glórias e prazeres teriam lugar, como atesta a descoberta, por baixo das câmaras fúnebres dos monarcas, de ossadas de nobres, esposas, concubinas, criados, jovens servidores, e de animais, normalmente cavalos e cães de companhia e de caça.

Este ritual sacrificial violento só se altera na dinastia seguinte (Zhou, ou Chou, de c.1050 a 256 a.C. a mais longa dinastia da China), atribuindo-se ao célebre Duque de Zhou a constatação de que se os corpos viravam terra, qual o problema de o morto se fazer acompanhar por estátuas, de barro ou de bronze, de pessoas, animais, objectos essenciais para a vida. No outro mundo, tal como nos sonhos, a uma ordem do falecido tudo se transformará em seres, ou coisas, viventes ao seu serviço.

Embora alguns poderosos tivessem continuado com as práticas antigas, Shi Huangdi, rei do Estado de Chi (259-210 a.C.) primeiro imperador da Dinastia Qin, e unificador da



China, construiu o fantástico mausoléu hoje conhecido como o dos guerreiros de terracota, em Xian. Contudo se não fora sacrificado todo aquele exército, o mesmo não aconteceu em relação aos seus construtores, a todos os níveis da hierarquia, que foram executados, embora por outros motivos, pois o que estava em causa não era o serviço na corte do além, mas impedir que alguém no lado de cá soubesse dos segredos da sua construção, e se atrevesse a profaná-lo. O segredo ficou tão bem guardado que só em 1974 o gigantesco complexo funerário, por acaso, foi descoberto quando agricultores vizinhos faziam escavações para construir um poço.

A prática continuou pelas dinastias seguintes variando as tumbas dos grandes em tamanho e estilo, mas mantendo-se a tradição de viajarem para o além acompanhados dos seus objectos pessoais e servidores figurados em cerâmicas, bronzes ou outros materiais. Este ritual fúnebre desenvolveu especiais artes, e técnicas, de trabalhar o bronze e a cerâmica (ver caixa na página 81).

Entre o povo se manteve também desde sempre a prática de se fazer acompanhar para o além com os artefactos necessários à nova vida, embora os objectos pelo poder económico de cada um fossem mais pobres em arte

e materiais, já que para além do barro o papel foi sempre o mais usado. E como quem nesta vida nada ou pouco tem por falta de condições para ter, pode sempre naquela do outro lado, mas em tudo semelhante à deste (pois os dois mundos se pensam como se um espelho os separasse), ter uma vida melhor se os objectos que o acompanham, ou que lhe são enviados pelo fumo, forem os que nunca teve, mas que sempre ambicionou.

ESPÍRITO E CORPO

Começou por se acreditar que depois da morte o espírito continuava ao lado do corpo, já que era essa a sua residência habitual durante a vida, só quando o corpo se degradava



* A tartaruga, símbolo da longevidade, e um dos quatro animais a que se atribui a existência de espírito (os outros são o rinoceronte unicórnio, a fénix e o dragão) surge na base de estelas memoriais, ou de monumentos funerários. Também existem túmulos construídos à sua semelhança.

o espírito era obrigado a deixá-lo. Assim, preservar o cadáver o mais tempo possível era uma obrigação, não só para que o espírito continuasse a viver junto ao seu corpo conservando a sua identidade, mas também porque só assim os espíritos dos antepassados podiam zelar por todos quantos de si descendiam.

É neste entendimento que se baseia a crença que mais tarde defende a existência de duas (na verdade três) almas no ser humano, a *hun* que na morte se tornava *shen* e partilhava a natureza do céu, e a *po* que se transformava em *kuei* e era terrena por natureza.

Na crença da existência das três almas, associam-se as duas almas aos elementos *yin* (a *po*) e *yang* (a *hun*), e à sua localização e características. Assim a *po* considera-se estar ligada à própria sepultura e a *hun* à placa ancestral, transformando-as em três às quais são dedicados rituais diferentes, já que uma das almas vai para a sepultura (1), a outra ir-se-á apresentar a julgamento nos Dez Tribunais do Inferno e, segundo o veredicto poderá vir a reencarnar (2), ficando a outra junto da placa ancestral no altar da família (3).

Para a nobreza, porém, a visão do espírito passou a ser diferente do da crença popular para quem ele acaba por ser absorvido pela terra. Para a nobreza os espíritos dos antepassados habitavam as alturas, como seres poderosos e divinos. Ou seja, os reis e os membros importantes da corte, depois de mortos, ao mesmo tempo que habitavam

nos seus túmulos, também habitavam no céu.

E é aqui, também, que se começa a desenhar toda a hierarquia da religião popular chinesa na atribuição de características divinas a reis, imperadores, generais, cujo espírito lhes dá o estatuto e, por outro lado a continuidade de uma religião organizada à imagem e semelhança do Estado, na hierarquização palaciana e administrativa, de crescentes graus na hierarquia, transpostos para o Estado do céu, governado pelo Imperador de Jade.

VENERAÇÃO E RITOS

Os rituais de veneração aos antepassados podem dividir-se em dois grandes grupos, os ritos mortuários (*sangli*) e os sacrificiais (*jili*). Interessa-nos agora fazer referência a estes últimos que têm lugar diariamente ou em ocasiões especiais de veneração relacionados com o aniversário do passamento (com ofertas de comida), ou ocasiões de festa familiar como casamentos e nascimentos, ou em festividades do calendário chinês como as dedicadas aos antepassados, ou outras. Numa família tradicional no altar ancestral da casa estão expostas hierarquicamente placas ancestrais, junto das quais diariamente são queimados pivetes de incenso, e onde uma lamparina sempre a luzir, dia e noite, indica que naquele lar estão permanentemente presentes os espíritos dos seus antepassados. ●

O CULTO E O DESENVOLVIMENTO DA CERÂMICA

Desde os seus primórdios a cerâmica chinesa está intimamente ligada ao culto dos antepassados. Historicamente o período neolítico marca o grande desenvolvimento atestado pelos artefactos encontrados. A multiplicação de objectos, fornos, e técnicas de aperfeiçoamento, provam a existência de duas culturas distintas, a Yangshao (仰韶文化) (3000-1500 a.C.) e a Longshan (龙山文化) (3000-1700 a.C.). Os objectos encontrados, pelo que representam, e o modo como se mostram as suas decorações são também uma fonte inesgotável de conhecimentos sobre a vida da época a que remontam, nomeadamente quanto às classes sociais, profissões, fauna e flora dos lugares e tempos. A título de curiosidade é de referir que o uso constante do chumbo nos vidrados cerâmicos, e o seu exagero nos objectos funerários, levou à morte muitos daqueles que se dedicavam a violar os túmulos para deles extrairem algo de valor.



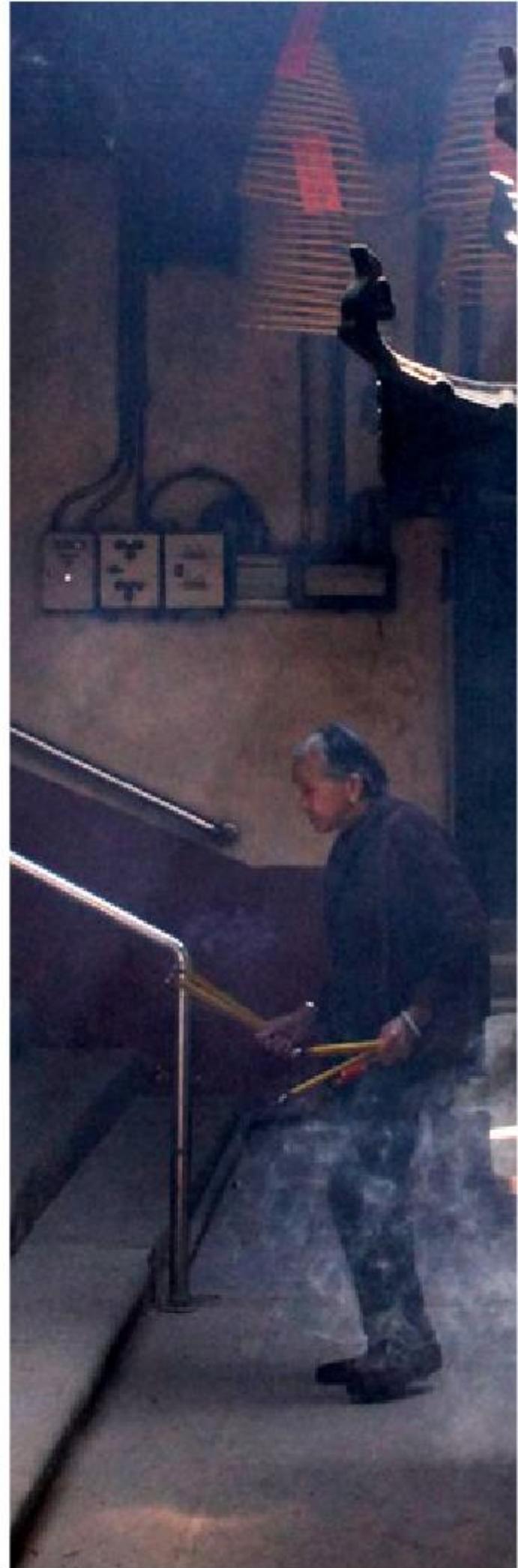
U LAN CHIT

QUANDO OS DIABOS ANDAM À SOLTA

A Festa dos Espíritos Esfomeados, ou U Lan Chit (盂蘭節, 盂兰节), tem lugar na 14.^a noite da 7.^a Lua, que neste ano de 2013 foi a de 20 para 21 de Agosto, e que assinala, também, a Lua Cheia, embora as festividades decorram durante todo o sétimo mês, quer antes, quer depois daquela data (21 dias). Por isso o 7.^o mês lunar (que cai normalmente em Agosto, ou Agosto/Setembro) se denomina o Mês dos Espíritos Esfomeados, ou dos Diabos, à Solta.

A crença nos diabos à solta remete para os primórdios da religião popular, muito antes do aparecimento do Taoísmo e do Budismo, religiões que reivindicam as suas origens. Talvez porque o dia também seja comemorado no Budismo embora com outro significado. Para o Budismo este é o mês da Alegria, pois terá sido

no 15.^o dia do 7.^o mês que os discípulos de Siddhartha regressaram da floresta depois de três meses de meditação. A maioria terá atingido o estado de iluminação o que terá deixado Buda a transbordar de alegria e felicidade. Há também uma história relacionada com espíritos e essa é contada no sutra Ullambana, onde se descrevem as instruções dadas por Buda para a libertação da mãe de um seu discípulo, que tinha reincarnado num nível inferior. O principal objecto da Festa dos Diabos à Solta são, pois, os espíritos daqueles que vagueiam pela terra e pelo mundo subterrâneo, como os fantasmas de humanos perdidos (kuais), ou que desapareceram por acidente ou de forma violenta, antes da data marcada nos Registos Celestiais. Mas, afinal, o que se passa durante esta 7.^a Lua para que



os vivos andem num rodopio de oferendas e de orações na tentativa de acalmarem, as almas dos antepassados a quem os vivos se esqueceram de pagar tributo após a sua morte, ou que tal se tornou impossível pela maneira como desapareceram, e os espíritos daqueles que deixaram o reino dos vivos por acto violento,



sem terem completado o tempo que o registo dos Céus lhes destinara?

Na verdade durante todo o 7.º mês lunar, mês dos fantasmas (鬼月), quer os espíritos demoníacos errantes, quer os dos antepassados regressam ao mundo habitado pelos vivos, num movimento contrário aos do Ching Ming

e do Chong Yeong quando os vivos prestam homenagem aos seus antepassados. Agora são os mortos a visitarem os vivos. Neste festival os vivos tratam dos espíritos, não apenas dos seus ancestrais, mas também de todos os errantes sem descanso. Durante todo este mês as portas do inferno abrem-se e

os demónios (*kuais*) libertam-se regressando à Terra e, errantes, procuram alimento e divertimento. Os vivos têm que tratar deles para os sossegarem e não serem por eles importunados, dando-lhes de comer, de beber, e presenteando-os com dinheiro e objectos cujo valor ou utilidade lhes agrade.

TRADIÇÕES

OS ESFOMEADOS ESPÍRITOS EM MACAU: COMIDA E FOGO PELAS RUAS

É um mês de fogueiras por todo o lado, onde se queimam objectos de papel de seda e bambu representando aquilo que seria do agrado do espírito, ou dinheiro (falso, claro, do Banco do Inferno) queimado à porta das casas e nos templos, levado pelo fumo, para que, no outro mundo, se divirtam sem que venham perturbar a vida dos do lado de cá.

É um mês de tabuleiros de comida espalhados pelas ruas, à beira dos passeios e esquinas. São tabuleiros rectangulares com acepipes e guloseimas variadas. As famílias colocam na rua para os espíritos perdidos, fruta, rebentos de soja, amendoins, tofu (queijo de soja) e arroz. Por vezes são

escolhidos locais onde houve calamidades, como incêndios ou outros acidentes que fizeram vítimas, para colocar comida, acender pivetes, queimar dinheiro.

Pivetes ardem à beira dos passeios, protegendo quem passa, e um prato com patas de pato pode, muitas vezes, fazer-lhes companhia. O pato, voador anfibio, será uma boa montada para um *kuai* poder voltar ao sítio de onde partiu através da terra, do ar ou do mar. Também as gentes do mar lançam para as águas oferendas para saciarem e acalmarem os espíritos dos que no mar tiveram morte violenta, ou acidental. Aos antepassados se oferecem, neste festival, frutas porco assado, pato assado, chá e vinho. O 7.º mês, como se compreenderá, não é tempo para casamentos, pelo que são raros os que se realizam.





Durante todo o mês de Agosto as portas do inferno abrem-se e os demónios libertam-se regressando à Terra e, errantes, procuram alimento e divertimento. Os vivos têm que tratar deles para os sossegarem e não serem por eles importunados, dando-lhes de comer, de beber, e presenteando-os com dinheiro e objectos cujo valor ou utilidade lhes agrade



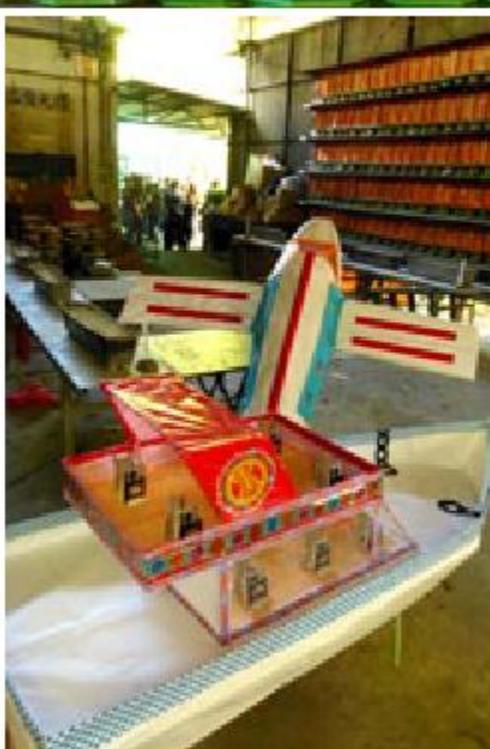


TRATAR DOS ANCESTRAIS NOS TEMPLOS

Todos os espíritos que andam à solta, têm direito a serem confortados pelos vivos, com comida e bebida que os satisfaça e enfade, mas os ofícios religiosos e as ofertas queimadas nos templos são reservadas aos espíritos dos antepassados (pois também eles poderão ser almas errantes, por qualquer razão desconhecida dos vivos).

Uma visita aos templos de Macau, nomeadamente a Kun Iam, onde se evidenciam as práticas budistas da religião popular, poderá ser o local ideal para uma observação atenta dos rituais prestados. Numa enorme tenda, acumulam-se em estantes, várias dezenas de grandes jarrões de papel em armações de bambu, identificados com o nome do antepassado, encerrando diversas ofertas. Aqui os familiares apresentam os seus respetos, antes de, juntamente com os bonzos, os transportarem para a grande pira onde serão queimados, transportando nos fumos para o além todas as dádivas dos familiares.

Ao mesmo tempo, noutra zona coberta, ao fogo



O dinheiro branco tem, no festival dos Espíritos Esfomeados, presença em quase todos os rituais de queima

são atiradas réplicas dos mais variados objectos, nomeadamente, casas, automóveis, televisores, computadores, criados, entre um sem número de muitas outras réplicas para conforto do antepassado no lado de lá. Igual sorte terão as pontes, também de papel, tal como os criados que as ladeiam e que ajudarão o espírito do antepassado a passá-las em segurança sem que qualquer percalço aconteça, e assim se proporcione o seu regresso ao outro mundo com menos sofrimento. Os criados, vestidos de forma tradicional, acompanham o patrão para o além (como em tempos imemoriais acontecia com os criados humanos), onde, claro, os seus préstimos serão tão importantes como o seriam na terra, no tratamento da nova casa e demais objectos oferecidos. O dinheiro branco, embora também usado em sacrifícios todo o ano, tem no festival dos Espíritos Esfomeados, presença em quase todos os rituais de queima. Vendido em embalagem vem, entre o Primeiro Tesouro e o papel de ouro e de prata. O coração do tesouro como é considerado.

OS ARTESÃOS DO IRREAL

A importância do papel é reconhecida em todas as celebrações do calendário religioso chinês, com ele se reproduzem facilmente objectos, nele se escrevem missivas de intenções, pedidos de auxílio, se esconjuram os maus espíritos e se confortam os bons. O papel é leve, arde bem, e o seu fumo tudo transporta para o desconhecido. E a queima da “palavra”, diz-se na China, prova que ela antes de ser a comunicação entre os homens foi a comunicação entre estes e os deuses.

Há pouco mais de uma década ainda eram muitos os artesãos que em Macau se dedicavam à construção de artefactos votivos, e comemorativos, em papel de seda sobre cana de bambu. Hoje as oficinas artesanais contam-se pelos dedos da mão, contudo trabalho não lhes falta, pois se os materiais de fábrica que o comércio oferece satisfazem muitos dos consumidores, para outros mais exigentes só o artesão pode dar resposta.





As celebrações com mais tradição, nomeadamente na queima do Rei do Inferno, têm lugar no templo de Fok Tak Chi, dedicado a Tou Tei, na Horta da Mitra

A QUEIMA DO KUI NA HORTA DA MITRA

Durante os dias do festival em alguns locais os espíritos errantes são entretidos com espectáculos de ópera, ficando, normalmente a primeira ou as primeiras filas com cadeiras vazias, supostamente para serem ocupadas por eles. Diversas ofertas, pagas pelos populares, são queimadas, concluindo-se o festival com a queima do Rei do Inferno. As celebrações com mais tradição, nomeadamente na queima do *kuai*, Rei do Inferno, têm lugar no templo de Fok Tak Chi, dedicado a Tou Tei, na Horta da Mitra. No estrado adjacente ao pequeno templo onde nas comemorações em honra do aniversário do patrono se repetem os espectáculos de ópera, tem lugar agora outra representação misturando-

se os rituais religiosos, num cenário bem elucidativo da religião popular. Os bonzos levam a efeito uma longa cerimónia entoando orações e sutras em melodias repetitivas, invocando a protecção dos vivos, esperando a satisfação dos espíritos, para que em paz regressem ao local de onde vieram. Do lado esquerdo do palco, a efigie do juiz carrancudo de farta bigodeira, avaliará o comportamento dos que hoje habitam um mundo para muitos paralelo. Os seus cavalos velozes, ali à mão, transportarão as boas e as más decisões. Do lado direito, o Rei do Inferno, dos diabos, o grande *kuai*, gigantesca figura que durante o festival dos Espíritos Esfomeados, preside às almas perdidas, será finalmente queimado com a sua enorme pança atafalhada de lingotes de ouro. ●





TEATRO D. PEDRO V (1857-1873)

O PRIMEIRO TEATRO
DE RAIZ ITALIANA
CONSTRUÍDO
NA CHINA



TIAGO QUADROS

Arquitecto

MARGARIDA SARAIVA

Investigadora,
curadora e educadora

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



Entre os edifícios de matriz ocidental, construídos na segunda metade do século XIX, contam-se: “(...) o Farol da Guia (o primeiro na costa sul da China), em 1865; o Teatro D. Pedro V, desenhado por Pedro Germano Marques; o Quartel dos Mouros em 1874, desenhado por Cassuto, arquitecto italiano; o Clube Militar entre 1870 e 1872; o Hospital Militar,

com influências do Hospital de S. Rafael em Bruxelas, em 1874; e a fachada do Teatro D. Pedro V em 1873, projectado pelo Barão do Cercal, um Macaense da ‘elite local’; o Hotel Bela-Vista e, na viragem do século, a casa do capitalista Chinês Lou Lim Ieoc.¹ Estes edifícios foram, na sua maioria, construídos em localizações privilegiadas, dentro da cidade, e representavam

manifestações claras de uma fantasia romântica de luxo neo-clássica, evocando também uma presença colonial nostálgica.”² O Teatro de D. Pedro V é uma das obras mais emblemáticas da arquitectura civil do território de Macau. As representações teatrais antes da construção deste edifício realizavam-se em diversos locais, desde a encosta de Mato-Mofino



ARQUITECTURA

até à Praia do Manduco, em tendas e noutras construções improvisadas. Algumas terão também ocorrido na sede da Assembleia Filarmónica e até na ampla residência do Dr. Sequeira Pinto, ilustre juiz de Direito da cidade. Com o objectivo de definirem um local próprio e condigno para a realização de espectáculos de teatro, um conjunto de ilustres macaenses constituiu, em 1857, uma comissão que levaria a bom termo as negociações com o Senado para a obtenção de um espaço destinado à construção de um teatro moderno. O terreno que veio a ser obtido ficava situado no Largo de Santo Agostinho e, em 20 de Abril de 1859, foram aprovados os estatutos do novo teatro de Macau.

O Teatro D. Pedro V em Macau, considerado o primeiro teatro de estilo ocidental na China³, foi inaugurado em 1860, com projecto da autoria de Pedro Germano Marques (1799-1874). Acerca do autor, também responsável pela direcção de obras, muito pouco se sabe, sendo que a documentação existente apenas refere que “não era arquitecto nem engenheiro, mas tinha engenho e arte e foi ele que desenhou e dirigiu a construção do edifício, que saiu obra apurada.”⁴ Contudo, o pórtico – corpo avançado com uma colunata que suporta um imenso frontão triangular – elemento arquitectónico de maior relevo no conjunto edificado é da autoria de António

Alexandrino de Melo (1837-1885), Barão do Cercal, e datado de 1873. Quando se procedeu ao restauro do imóvel em 1918, o pórtico viria a ser reconstruído pelo Arquitecto José Francisco da Silva “ficando o mais possível igual à antiga, que fora delineada pelo Barão do Cercal.”⁵ Em 1926, o Teatro D. Pedro V recebeu ainda uma intervenção no seu interior. Datam deste ano, os documentos existentes sobre as alterações efectuadas.⁶ Finalmente, em 1993 é levada a cabo uma recuperação do edifício, com projecto de Manuel Vicente. António Alexandrino de Mello, Barão do Cercal, nasceu em Macau, em 1837, e com apenas 7 anos de idade foi enviado para Inglaterra, onde acabaria por se licenciar em Engenharia Civil. É durante a sua estadia em Inglaterra que toma contacto com algumas das que virão a ser as suas maiores e mais profundas referências. A abundância da linguagem “neopalladiana”, que se verificava em muitas das obras em construção nas cidades inglesas, é disso exemplo. Mais tarde, o Barão de Cercal viria a passar dois anos em Roma, onde estudou pintura a óleo e aguarela, tomando contacto com a arquitectura romana. De acordo com Daniel Rosa⁷, “Se olharmos para o pórtico do teatro de um ponto de vista formal, podemos constatar a clara influência da sua formação académica em Inglaterra, de gosto “neopalladiano”.

¹ A imprensa local, desde o início do século XX, refere-se aos Chineses prósperos como “Chineses capitalistas”.

² VICENTE, Manuel (Setembro 1982). “Macau: a arquitectura da cidade” in *Sábado* – n. 22, Macau, p. 17.

³ AAVV (Julho 2005). “Macau Património Mundial” in *Revista Cultura* – n. 15, Macau, p. 24.

⁴ TEIXEIRA, Manuel, s/d, *O Teatro D. Pedro V*, Macau: Edição Clube de Macau, p. 7.

⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁶ Processo do Teatro D. Pedro V, Arquivo Morto da DSSOPT, 1926-1993.

⁷ Investigador do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁸ CARNEIRO, Luis Soares (2002). *Teatros portugueses de raiz italiana*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p. 318.

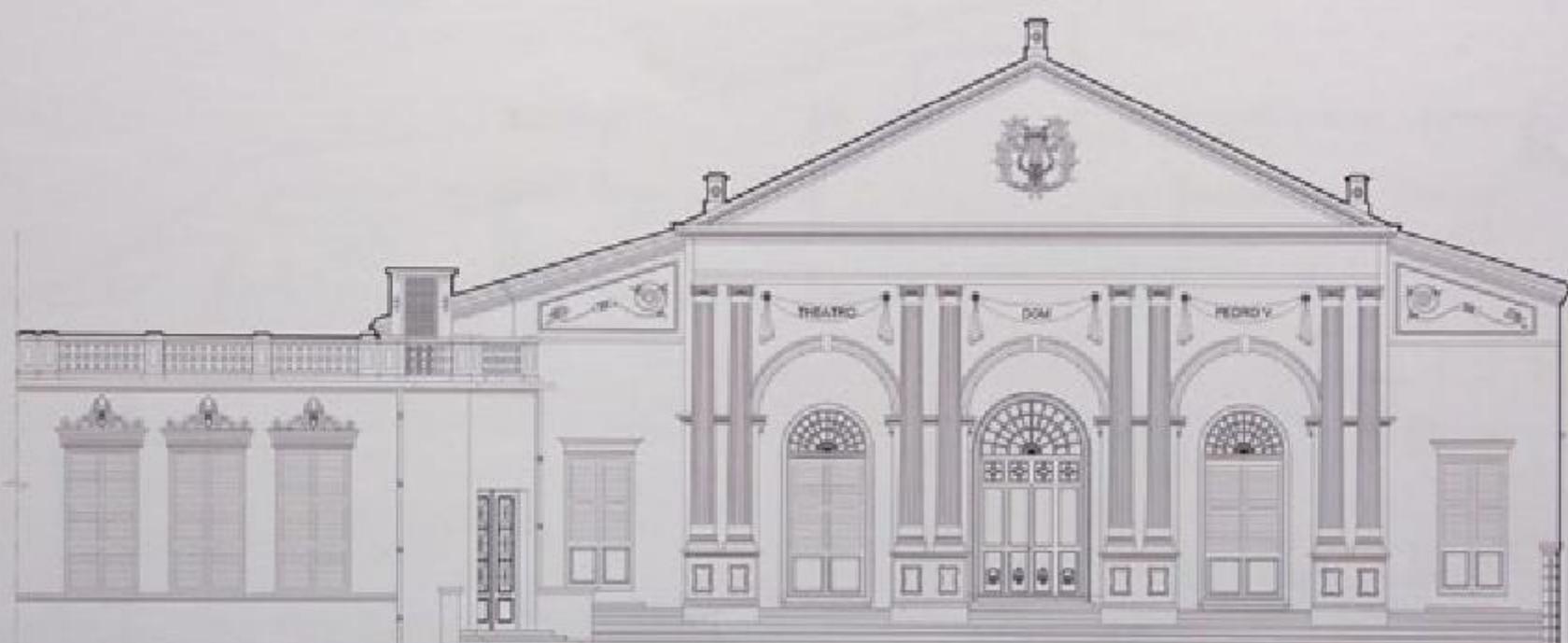
⁹ ROSA, Daniel (2010). “Introdução ao estudo do Teatro D. Pedro V de Macau: A influência portuguesa no primeiro teatro de raiz italiana na China”, in *Teatro e Imagens*, Lisboa: Edições Colibri, p. 102.



(...) Como clara referência portuguesa e referência para a sua obra, podemos afirmar o provável conhecimento por parte de António Alexandrino de Melo das edificações teatrais levadas a cabo pelo arquitecto italiano Fortunato Lodi em Lisboa: o teatro das Laranjeiras e o Teatro D. Maria II. Este último que terá sido um dos modelos de referência para a edificação da frontaria do Teatro D. Pedro V, foi certamente do conhecimento do Barão do Cercal, visto todo o alarido, sobretudo ao nível dos periódicos, em torno da sua atribuição a um “arquitecto estrangeiro” e à “estranheza” do seu estilo na capital. Um conjunto de litografias, provavelmente amplamente difundidas e

datadas de 1843, gravadas por Augusto Guigliermi e editadas pela Litografia de Manuel Luís da Costa, onde se incluía representado o alçado do Teatro D. Maria II virado para o Rossio⁸ (que apresenta claras afinidades com o pórtico do Teatro Dom Pedro V), podiam ter sido igualmente do conhecimento do Barão do Cercal.”⁹ Podemos concluir que são as influências inglesas e italianas, recebidas por António Alexandrino de Melo que estão na origem do desenho do pórtico do Teatro D. Pedro V, semelhante nas suas formas à obra de Fortunato Lodi, em Lisboa, à imagem da arquitectura monumental com que terá tomado contacto em Roma e à interpretação das

formas “neopalladianas” de influência inglesa, originária da sua formação académica.¹⁰ Nesse sentido, podemos afirmar que o primeiro teatro de estilo ocidental construído na China teve clara influência da arquitectura teatral que se fazia em Portugal, em consonância com os novos gostos e tendências. Ao contrário do que sucede em muitas das suas obras, ao desenhar o pórtico para o Teatro D. Pedro V, o Barão do Cercal não opta por um estilo neogótico, desinibido, imaginativo e eclético. Com efeito, António Alexandrino de Melo procura no Teatro D. Pedro V, seguir um exemplo dentro da especificidade que caracteriza o imóvel – e desse modo seguir o modelo dos teatros de raiz italiana.



* Instituto Cultural de Macau

Apesar de não termos documentação que nos clarifique a profundidade das obras de restauro de 1873, um artigo, datado de 1873, sugere que possam ter sido feitas algumas alterações no interior do imóvel: “Abriu esta noite os seus salões o THEATRO DE D. PEDRO V – restaurado, elegante e perfeitamente armado, obras estas que deve à actual e incansável direcção (...).”¹¹ Refere ainda Manuel Teixeira¹² na sua obra, citando um folheto da autoria de Manuel de Castro, datado de 1864 (ou seja, antes do restauro), a propósito de uma festa organizada no Teatro no contexto dos festejos em Macau pelo nascimento do Rei D. Carlos que o “Theatro de D. Pedro V não tem camarotes. Há ali um vasto salão, onde se collocam cadeiras, dispostas por ordem para os espectadores (...). este salão está contudo rodeado de janelas, que fingem camarotes.”¹³

Na passagem para o século

XX, o Teatro D. Pedro V assumia-se já como principal pólo cultural da cidade: “O chique e o bom-tom eram as récitas e os concertos do Teatro de D. Pedro V, então muito activo, a que se ia de traje de rigor, costume este que perdurou até ao advento da Segunda Guerra Mundial. As récitas, embora realizadas por amadores, tinham incontestável nível, como, por exemplo, “A Ceia dos Cardeais” de Júlio Dantas, levada à cena em 30 de Abril de 1905 e cuja estreia tanta celeuma suscitou em certos sectores da cidade.”¹⁴ Contudo, não esqueçamos que o teatro representava uma fonte programática ideológica de exposição, de consumo e reprodução da cultura do mundo colonial. Este foi um tipo de edifício que trouxe segregação social e racial, com os Europeus e Macaenses a assistirem aos espectáculos e os Chineses a ocuparem lugar na parte de trás do palco. Aliás, esta parece ter sido uma noção

aceite e generalizada sobre o papel social do teatro e do cinema, dado que os projectos submetidos ao governo até 1930, apresentavam, nos seus desenhos, a indicação desta segregação racial. Havia o Foyer, a plateia, o fosso, os lugares centrais, o palco e por trás dele, o espaço para os Chineses. É provável que o desenho inicial de Pedro Germano Marques fosse o de um teatro mais austero do ponto de vista da linguagem. Com efeito, o Teatro D. Pedro V, tal como o conhecemos desde 1873, apresenta uma delicadeza que se manifesta no balcão que se eleva sobre a plateia, na planta em ferradura (comum nos teatros de raiz italiana), nas colunas coríntias estriadas no primeiro terço do fuste. Parece evidente, que a intervenção de 1873, revela a intenção do Barão do Cercal de harmonizar as linhas clássicas do interior com as do exterior, e que o Teatro D. Pedro V é o primeiro no género (de raiz italiana), edificado no Oriente. ●

HISTÓRIA

1857/60

Pedro Germano Marques projecta o edifício

1873

Nova fachada projectada por António Alexandrino de Mello

1918

Restauro da fachada por José Francisco Silva

1926

Intervenções no interior do edifício (desenhos técnicos por nós consultados no Arquivo Morto da DSSOPT, atestam das alterações efectuadas)

1990-93

Transferência da propriedade do edifício da Associação de Proprietários do Teatro D. Pedro V para a Fundação Oriente, em troca de um prédio em Lisboa. A essa transacção seguiram-se obras de recuperação, financiadas pelo governo e projectadas por Manuel Vicente, concluídas em 1993.

BIBLIOGRAFIA

AAVV (Julho 2005). “Macau Património Mundial” in *Revista de Cultura* – n. 15, Macau, pp. 6-59.

BURNAY, Diogo (1994). *Modern Architecture in Macau. Architecture, modernism and colonialism in Macau*, Londres: The Bartlett, University College London: Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à University College London.

CARNEIRO, Luís Soares (2002). *Teatros portugueses de raiz italiana*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

CASTRO, Manuel de (1864). Memoria dos Festejos que tiveram logar em Macau por ocasião do fausto nascimento de Sua Alteza Real o Senhor D. Carlos Fernando precedida de breves considerações sobre o futuro de Portugal e selada com Elogio e contada na mesma ocasião no Theatro D. Pedro V em Macau, Macau: Tipographia de J. da Silva.

DIAS, Pedro (2005). *A Urbanização e a Arquitectura dos Portugueses em Macau. 1557-1911*, Lisboa: Portugal Telecom.

INFANTE, Sérgio, et al. (1995). *Cem anos que mudaram Macau*, Macau: Governo de Macau.

MARREIROS, Carlos (2003). “Por uma cultura arquitectónica de Macau”, in *Architecture for the New Millennium*, Macau: Museu de Arte de Macau, pp. 272-279.

MATTOSO, José (2010). *Património de Origem Portuguesa no Mundo – Ásia, Oceânia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ROSA, Daniel (2010). “Introdução ao estudo do Teatro D. Pedro V de Macau: A influência portuguesa no primeiro teatro de raiz italiana na China”, in *Teatro e Imagens*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 99-106.

SENNA FERNANDES, Henrique (Outubro/Dezembro 1991). “O Cinema em Macau. O Tempo do ‘Mudo’ – I” in *Revista de Cultura* – n. 16, Macau, pp. 31-61.

TEIXEIRA, Manuel, s/d, *O Teatro D. Pedro V*, Macau: Edição Clube de Macau.

TEIXEIRA, Manuel (1942). *Galeria de Macaenses Ilustres do Século XIX*, Macau: Imprensa Nacional.

VICENTE, Manuel (Setembro 1982). “Macau: a arquitectura da cidade” in *Sábado* – n. 22, Macau, pp. 14-23.

¹⁰ Influência essa que tanto se notou na sua obra, especialmente na recorrente utilização de pórticos de gosto neoclássico.

¹¹ *Gazeta de Macau e Timor* (Setembro 1873). 2º ano, n. 2.

¹² TEIXEIRA, Manuel (1942). *Galeria de Macaenses Ilustres do Século XIX*, Macau: Imprensa Nacional, p. 25.

¹³ CASTRO, Manuel de (1864). Memoria dos Festejos que tiveram logar em Macau por ocasião do fausto nascimento de Sua Alteza Real o Senhor D. Carlos Fernando precedida de breves considerações sobre o futuro de Portugal e selada com Elogio e contada na mesma ocasião no *Theatro D. Pedro V em Macau*, Macau: Tipographia de J. da Silva.

¹⁴ SENNA FERNANDES, Henrique (Outubro/Dezembro 1991). “O Cinema em Macau. O Tempo do ‘Mudo’ – I” in *Revista de Cultura* – n. 16, Macau, p. 33.

UM AMOR QUE ATRAVESSA A VIA LÁCTEA



MÁRCIA SCHMALTZ

Leitora da Universidade
de Macau

Ilustração **Rui Rasquinho**

Sabiam que na Ásia também se comemora o dia dos namorados? Reza a tradição o festejo no sétimo dia do sétimo mês do calendário lunar, que neste ano correspondeu ao dia 23 de agosto. A comemoração é antiga e remonta ainda ao período da Primavera e Outono (ca. 770-416 a.C.). De acordo com os folcloristas, a data era dedica às moças solteiras e constituía-se uma das raras ocasiões em que podiam sair junto de outras para se divertirem e pedirem aos Céus que lhes conferissem destreza para trabalhos manuais como a tecelagem, o bordado e a costura. Na dinastia Han Ocidental (206 a.C. – 24), eram organizadas exposições dos trabalhos manuais femininos que, mais tarde, evoluíram ao seio popular como uma data em que se enseja o amor e uma vida familiar feliz relacionado ao mito da Tecelã e do Vaqueiro. No *Livro dos Cantares* (诗经 Shijing), um dos primeiros registos poéticos Chinês, há



uma estrofe que já recitava: *Sentada ao lado do tear, a Tecelã trama o tecido sem vontade. Remói-se em amores pelo Vaqueiro do outro lado da Via Láctea.*

A origem comemorativa da data também se relaciona com a proximidade do Outono, quando a estrela Vega da constelação de Lira — a constelação da Tecelã, para os chineses, desponta no Este da abóboda celeste ao entardecer e, seguindo o olhar para a mesma direcção, vêem-se duas estrelas menores correspondentes às estrelas Alfa e Beta da constelação de Águia — conhecida como a constelação do Vaqueiro, para os chineses. Este fenómeno astronómico somado a fina garoa outonal serviam como marco para o início da



tecelagem dos panos para o abrigo do frio e para escolha do gado aos sacrifícios antes do inverno.

O mito está relacionado a um amor transcendental entre um mortal e uma deusa. Conta-se que dois irmãos, órfãos desde muito pequenos, tinham conseguido sobreviver a essa adversidade do destino pela sua união e pelo labor, auxiliado por um búfalo.

Já o búfalo também tem um papel relevante no mito, pois, na altura, os homens ainda não dominavam as técnicas agrícolas e passavam fome. A fim de auxiliá-los a superar essa dificuldade, o deus celestial designou o búfalo para a aragem. Como o bovino estava acostumado à boa-vida no céu, o deus celestial disse ao bovino que

os homens moravam em vales férteis com água cristalina e, caso fosse mentira, o deus daria a mão de uma de suas filhas a um mortal. Obviamente ao chegar à Terra, o búfalo encontrou uma situação totalmente inversa do que o deus celestial havia prometido, contudo como um animal de temperamento dócil, se conformou com a designação celestial e logo encontrou um bom amo, que devido à constante companhia junto ao búfalo, passou a ser chamado por todos como o Vaqueiro, o irmão mais novo dos órfãos.

Os anos passaram-se e a harmonia entre os irmãos foi abalada depois do casamento do mais velho com uma mulher vil, que temia dividir o pouco que tinham com o

cunhado. Ela exigia que o marido mandasse o irmão menor para fora de casa e que reconstruísse a sua vida em outras paragens. A megera também não media esforços em maltratar o Vaqueiro para que esse tomasse a iniciativa de se ir embora. O irmão mais velho bem que relutou contra a ideia nefasta da sua mulher, mas por fim capitulou e disse ao seu irmão mais novo:

— Escuta, estamos todos crescidos e adultos, precisamos ser independentes, cada um tem que ir para o seu lado e construir a sua própria vida.

— Vamos nos separar? Mas onde é que eu vou morar?

— perguntou o Vaqueiro assustado. Ele sabia que deveria ser independente, que já estava adulto, mas não fazia a menor ideia onde poderia ir morar.

— Eu também não sei —, respondeu-lhe o irmão e acrescentou — mas a partir de amanhã, tu não moras mais aqui! Podes levar o velho búfalo contigo, como parte de seus bens.

Assim, o jovem não teve outra saída a não ser pegar o búfalo e ir embora daquela casa à procura de um lugar seu para morar.

Algum tempo depois, ele chegou ao sopé de duas colinas e ali decidiu construir uma casinha de palha, que o resguardaria do vento. A seguir, utilizou a força do búfalo para lavrar a terra e plantou várias espécies de vegetais. O resultado de seu trabalho árduo não foi em vão e conseguiu sobreviver razoavelmente. Porém, a sua rotina se resumia apenas a ele e o búfalo, não havia nada

CONTO CHINÊS

mais que o distraísse. Assim, vez por outra, ficava muito entediado. Pensava em casar-se, queria achar a sua carametade, mas qual a família que aceitaria um pobretão como genro?

O búfalo, vendo a infelicidade do seu amo, sabia que ele estava assim devido à falta de uma companheira. Como o búfalo havia sido enviado à Terra pelo deus celestial para auxiliar o trabalho no campo dos homens, ele se lembrou das palavras do deus celestial: — Se o que eu te digo for mentira, eu darei a mão de uma de minhas filhas a um mortal, para que o despose. E assim, o búfalo, ao recordar-se da promessa, teve uma ideia. Ao ver o Vaqueiro triste se aproximar em sua direcção, disse:

— Amo, eu sou-lhe muito grato pela sua dedicação!

— O quê? — indagou surpreso o Vaqueiro boquiaberto ao ouvir um búfalo falar.

Sem se deixar interromper, o búfalo continuou:

— O amo tem somente a mim como companhia, certamente se sente muito solitário. Agora que já é adulto com uma casa e um pedaço de terra, deveria se casar...

— Casar? Quem... quem disse que eu quero casar-me?

— irrompeu gaguejante o Vaqueiro.

— Eu tenho uma ideia! — complementou o búfalo.

— Ideia?! Quê ideia?!

— perguntou o jovem desconfiado.

— Amo, não te aflijas! Não te aflijas! Lembras-te do rio onde eu costume ir beber

água? Todas as noites, as filhas do deus celestial costumam ir brincar naquelas águas. As fadas tiram suas roupas e as escondem numa moita próxima do rio. Tu deves ficar escondido ali, pegar uma das peças de roupa e a esconder. A dona da veste que vier reclamá-la será a sua esposa.

escondeu atrás da moita indicada pelo búfalo. Não havia passado muito tempo, o céu começou a clarear, era a lua que despontava no horizonte, iluminando todo o rio produzindo lindos reflexos.

O Vaqueiro aguardou pacientemente, não se sabe quanto tempo. Quando



O deus celestial tem sete filhas. Todas elas são lindas e muito habilidosas na tecelagem. Dizem que o viés multicolorido do pôr-do-sol é tramado por elas, que os expõem a cada entardecer. Dentre elas há uma que é a mais bela e a mais caprichosa na arte de tecer, chamada de a Tecelã. Durante o dia, as fadas se ocupam em tecer lindos panos e, durante a noite, elas descem do céu para nadarem no rio.

Na noite seguinte, o jovem chegou à beira do rio e se

acompanhado por uma melodia, Sete fadas pousaram na beira do rio, tiraram suas vestes, colocaram-nas na moita e saíram saltitantes ao rio para se banharem.

Quando as fadas estavam no auge de suas brincadeiras, o Vaqueiro pegou uma das vestes e saiu correndo. As fadas ao verem um homem romper do meio da moita, esconderam-se dentro da água assustadas e sem coragem para sair. Esperaram até que ele se afastasse para então chegarem à margem,

vestirem-se e retornarem de volta para o céu. Uma delas que não encontrou a sua veste, não tendo como regressar, voltou para dentro do rio. — Por favor, case-se comigo! — rompeu o Vaqueiro, — se aceites, eu te devolvo as roupas!

A Tecelã de dentro da água aceitou o pedido com um aceno positivo com a cabeça. E foi assim que a fada foi com o Vaqueiro para casa, passando a viver como marido e mulher, levando uma vida de agricultor e de tecelã.

Um ano mais tarde, eles tiveram um casal de gémeos e as suas vidas tornaram-se ainda muito mais completa. As duas crianças eram muito obedientes e assim que cresceram um pouco mais ajudavam os pais a tecer e a cuidar da lavoura, o que deixava os pais muito felizes. Uma tarde, quando o Vaqueiro retornava de mais um árduo dia de trabalho, não avistou, como de costume, a Tecelã e os filhos o aguardarem na porta de entrada da casa. No seu interior, as crianças sozinhas a choravam desesperadamente.

— O que houve? Onde está a mamãe? — perguntou o Vaqueiro assustado às crianças.

— Hoje pela manhã, o papai mal havia saído, chegaram uns guardiões a serviço do deus celestial e levaram a mamãe! Nós a puxamos, tentamos detê-los, mas eles arrastaram a mamãe à força e foram embora...

— Oh, não!

O Vaqueiro ficou desesperado, mas não conseguia, de imediato,

achar nenhuma solução, havia perdido a esposa.

Um dia no reino celestial corresponde a sete anos do plano terrestre. No segundo dia, ao descobrir o casamento da Tecelã com o Vaqueiro, o deus celestial ficou furioso e disse:

— Onde é que já se viu um casamento entre uma fada e um mortal? Não há cabimento! Guardiões celestes, vão busca-la imediatamente!

Como as crianças choravam pela falta da mãe, o Vaqueiro teve que recompor o ânimo. Deu-se por conta que a Tecelã só poderia ter sido levada de volta ao Céu. Logo a seguir, propôs aos filhos:

— Papai vai levá-los a procurar pela mamãe!

O Vaqueiro pegou as duas crianças no colo e foi subindo a Via Láctea, que era um rio que dividia o reino celestial e a Terra. Quando estava prestes a alcançar a outra margem, a Via Láctea desapareceu da terra e reapareceu no céu. Foi um encantamento do deus celestial, que com medo de que o jovem conseguisse alcançar o seu objectivo, deslocou a Via Láctea para o céu, separando assim, definitivamente o espaço celestial da Terra.

O Vaqueiro e os filhos ficaram a olhar para o céu, tentaram procurar algum lugar pelo qual pudessem subir até a Via Láctea. Sem uma solução à vista, o Vaqueiro decidiu voltar com as crianças para casa, muito desapontado. E a Tecelã?

A Tecelã havia sido levada de volta ao palácio celestial pelos guardiões através da Via Láctea. Ao ver seu pai, começou a chorar. Mas o deus celestial, que estava muito bravo, não teve piedade e começou logo a esbravejar: — Tecelã, tu és uma fada, como casaste com um mortal? E ainda por cima um agricultor! Tu realmente me deixas envergonhado! Não te posso perdoar!

— Papai... — suplicou a Tecelã — O senhor se esqueceu da promessa que fez ao búfalo?

O deus celestial lembrou-se de sua promessa, mas aquilo era apenas uma lorota para ludibriar o búfalo para ir ao plano terrestre e nunca imaginou que o búfalo faria cobrar a sua promessa, que para o deus nunca existiu. Enfim, o mal já estava feito, mas não poderia reconhecer isso, sob o risco de ficar desmoralizado. Por essa razão, o deus celestial ficou ainda mais zangado e bradou à Tecelã:

— Não digas mais nenhuma palavra! Não permito que veja nunca mais aqueles humanos, entendeste? Estás proibida de chegar perto da Via Láctea. O deus celestial ainda ordenou os guardiões a ficarem de sentinela e atentos a movimentação.

Assim, a Tecelã ficou impedida de ver seu marido e seus filhos. Mas o deus celestial não conseguiu evitar que ela pensasse em seus entes queridos horas e horas, e como não havia nada que pudesse fazer, ela chorava dia e noite sem parar.



Ao retornar a casa e ao lembrar-se da vida feliz ao lado da Tecelã, o Vaqueiro abraçava-se aos filhos e chorava. Algum tempo depois, ele escutou uma voz rouca chamando-o:

— Amo! Amo!

Fazia muitos anos que não tinha escutado mais aquela voz. Pensou um pouco e disse assustado:

— É o búfalo que está falando de novo!

Aproximou-se do búfalo para escutar o que esse queria dizer-lhe:

— Amo, sou-te muito grato pelo companheirismo e atenção recebida nestes anos. Tenho-te grande gratidão e agora que estou morrendo, logo que eu deixar este mundo, tu deves aproveitar a minha carne e retirar o meu couro para resgatar a Tecelã do reino celestial. Colocas meu couro sobre o teu corpo para voar até o céu e te encontrar com a Tecelã.

Ao acabar de proferir essas palavras o búfalo morreu imediatamente.

Ao ver o velho búfalo morto de fato, o Vaqueiro estarecido não conseguiu se conter e rompeu novamente em prantos. Um pouco depois, se recompôs e seguiu as instruções proferidas.

Com todo o cuidado retirou o couro do búfalo como se não quisesse causar maior sofrimento ao amigo.

Fim da penosa tarefa, o Vaqueiro colocou cada uma das crianças dentro de um balaio e atravessou uma vara entre eles de forma que o peso ficasse equilibrado para carrega-las à canga. Depois colocou o couro sobre si e foi caminhando em direcção ao céu. À medida que andava, seus pés ficavam cada vez mais leves e ágeis: ele realmente estava flutuando! Seguiu em direcção à escuridão e, de repente surgiu a sua frente uma luz muito brilhante, finalmente, vislumbrou a Via Láctea.

— Assim que atravessarmos o rio poderemos ver a mamãe – falou ele entusiasmado às crianças, assim que chegaram

à beira do rio. As crianças começaram a bater palmas e a gritar:

— Mamãe! Mamãe!

O Vaqueiro segurava as crianças pelas mãos, mas a cada vez que tentavam atravessar o rio, aparecia uma enorme mão que os continham. A seguir, essa mão riscou o rio com um palito e dividiu-o em dois.

A água de um lado do rio ficou revolta, levantando ondas altas e fazendo aparecer rostos horripilantes que impediam a passagem do Vaqueiro e das crianças. Outra vez fora uma ideia do deus celestial. Ele tinha consideração pelo rapaz e o respeitava, mas não admitia que o jovem visse a Tecelã novamente, enfim, não podia perdoá-los. Por isso, ele pegou o palito e riscou uma linha na Via Láctea, impedindo a passagem do pai com as crianças. Nessa hora o Vaqueiro enfureceu, as crianças desesperadas gritavam pela mãe. Mas nada mudou, tudo permaneceu em

silêncio. Passado um tempo a menina disse:

— Vamos utilizar os cestos para esvaziar o rio e assim poderemos passar para o outro lado.

Assim que terminou de falar, ela, o irmão e o pai começaram a retirar a água com os cestos. A água era muita e os cestos eram pequenos, e por mais esforço que os três fizessem, o nível da água continuava igual. Sem desistir, continuaram o seu trabalho.

— Que extraordinário! — comentou o deus celestial. Comovido, o deus celestial concedeu um encontro anual ao casal e aos filhos. A partir de então, o Vaqueiro e as crianças foram morar no céu, mas separados da Tecelã pela Via Láctea, cada um morando em margens opostas do rio. O deus celestial concedeu à Tecelã, ao Vaqueiro e aos

filhos um encontro anual na noite do sétimo dia, do sétimo mês do calendário lunar.

Nesta ocasião, as pegas fazem uma ponte ligando as duas margens e a família pode se reencontrar.

Nesta noite chove na Terra, essa chuva corresponde às lágrimas do casal.

No século XXI, com a secularização dos costumes, parece ser raro que alguma moça ainda reze nessa data que lhe seja conferido a habilidade manual para o corte e costura. A destreza desta arte é cada vez mais do domínio de poucas, pois, a formação de uma bordadeira excelente requer tradição e tempo de experiência — cada vez mais raro nesses dias em que o retorno imediato é a tónica e o trabalho manual é menos valorizado. Lembrome que numa visita realizada

à Suzhou e Hangzhou, sítios de excelência da tecelagem e bordado em seda, o director do Instituto de Bordados e Tecelagem em Seda reclamar da carência de mãos habilidosas. O motivo seria de duas ordens: ao longo tempo exigido para a formação das bordadeiras e à mecanização que substituiu à mão de obra. Por outro lado, da antiga tradição ainda se percebe a busca pelo amor, o que faz com que a comemoração permaneça viva.

Hoje em dia, a data é festejada pelos namorados com jantar regado à luz de velas, em que são oferecidos balões, flores, perfumes, bolsas, gravatas entre outros presentes. Os ainda solteiros, mas com pretendente à vista, aproveitam para enviar mensagens electrónicas convidando para começar o namoro neste dia dedicado à união. ●



Anastasis
Carlos Morais José

ORIENTE DIVINO

Foi em Macau, num fim de tarde radioso, com os olhos postos no horizonte, mirando o sol poente reflectido no *skyline* da Taipa, que Carlos Morais José conversou sobre *Anastasis*. Nesta que é a sua obra mais recente, o jornalista, poeta e escritor convida os leitores a embarcarem numa vertigem poética pelo Oriente milenário

Texto **Cláudia Aranda** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

“Quanto pode uma viagem ainda incomodar?”, questiona o jornalista, poeta e escritor Carlos Morais José na abertura de *Anastasis* (COD, 2013), numa antecipação à sua jornada lírica pelo Oriente. A obra resulta de várias viagens realizadas ao longo dos últimos três anos pelo também tradutor e editor Carlos Morais José e reúne um conjunto de textos que descrevem um roteiro, tudo menos convencional, que se inicia na ilha grega de Patmos, segue para Istambul, na Turquia; desloca-se à Síria, ainda antes da eclosão em 2011 do conflito entre grupos rebeldes e forças leais ao presidente Bashar al-Assad; segue em direcção à antiga Pérsia (actual Irão), Índia, passando por Goa; Sião (hoje Tailândia) e Terra Khmer ou Camboja. Esta rota poética termina com um tributo ao poder das águas do rio Mekong, que nasce na China e atravessa diversos países da Ásia, desaguando no Vietname.

“É um imenso tinir, tremor, rumorejar, a

reunião que faz de ti ‘capitão das águas’ (...)”, escreve Carlos Morais José sobre o rio Mekong numa evocação a outro poeta, Luís de Camões. O poeta quinhentista já havia designado o Mekong por “capitão das águas”, rio no qual o navio em que viajava terá naufragado por volta de 1560, tendo o poeta salvo, heroicamente, o manuscrito de *Os Lusíadas*.

Anastasis é, no entanto, e, sobretudo, uma reflexão. É a viagem de um português no século XXI através das perplexidades que o mundo hoje ainda lhe propõe. Essas perplexidades estão relacionadas com “uma reflexão sobre a existência de algo transcendente ou uma reflexão contemporânea sobre o que é divino”, explicou o autor. Para essa reflexão importa ter em consideração que, “a ideia de Deus perpassa pelas civilizações que contactamos todos os dias, sobretudo no Ocidente e no Médio Oriente, ou seja, donde vem a base civilizacional judaico-arábico-cristã, é isso que são os portugueses”.



INVENTAR ESTILOS

O sentido da palavra *Anastasis* é “ressurreição”. O escritor, no entanto, utiliza a palavra de origem grega para definir “o movimento das trevas para a luz”, trata-se do “movimento de uma situação de escuridão, de ignorância” para uma certa forma de conhecimento. Esse movimento na religião cristã é representado por Cristo, que faz a ressurreição das almas em dia de juízo final. A imagem da capa do livro representa precisamente “A conversão de São Mateus”, do pintor italiano Caravaggio, sendo uma escolha do autor. Na definição de Carlos Morais José, São Mateus é um cobrador de impostos que foi recuperado, “saiu dessa escuridão, que é a ligação ao vil metal, por Jesus que o trouxe para o mundo do espírito e da moral e, também, da estética”. Carlos Morais José descreve as suas viagens recorrendo a um conjunto de pequenos textos em verso, intercalados com prosa poética ou textos em não-rima, um estilo que assim se distingue pelo ritmo harmonioso e musical na forma como se ligam frases e parágrafos. O poeta e escritor ambiciona escrever usando uma transversalidade entre vários estilos

literários e também entre diferentes disciplinas, incluindo a literatura, a filosofia, a antropologia ou o jornalismo. Trata-se de um estilo, de certa forma, herdado dos autores surrealistas e de outros que lhes antecederam, como Arthur Rimbaud ou Charles Baudelaire, que romperam com os cânones da escrita. Mas, mais importante do que quebrar as regras estabelecidas, é ter um estilo inconfundível, “ter voz própria, é o que todo o escritor procura”, afirmou o autor.

CRIAR MUNDOS

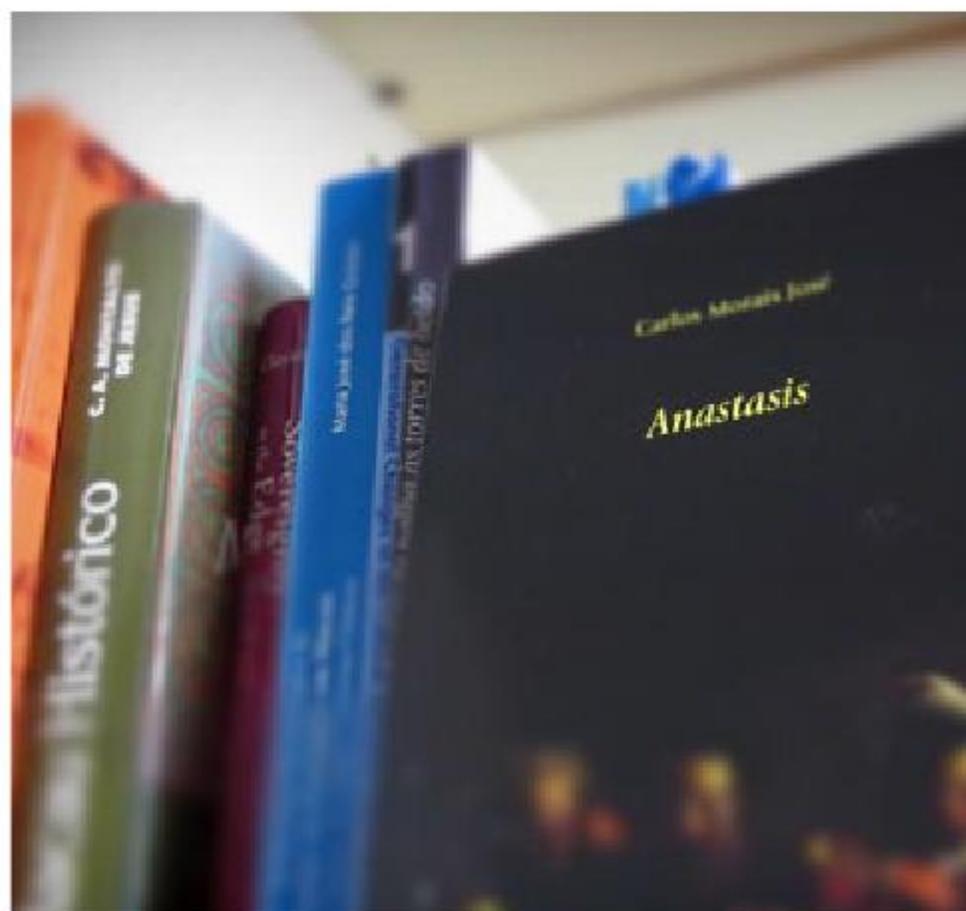
É, entretanto, a música da poesia que prevalece na leitura de *Anastasis*. Ao longo de mais de 200 páginas, Carlos Morais José concentra-se naquilo que é essencial, ou seja, nos lugares e nas pessoas. Recorre, sobretudo, à poesia, porque é uma “criadora de mundos” - *poïesis*, outra palavra grega, ancestral da “poesia”, significa fazer, criar. Os textos transparecem o que cada lugar faz o autor pensar e sentir e o que cada destino e seus habitantes o inspiraram a escrever: histórias, pensamentos, memórias, diálogos inesperados com os fugazes protagonistas de cada etapa da viagem.



Carlos Morais José descreve as suas viagens recorrendo a um conjunto de pequenos textos em verso, intercalados com prosa poética ou textos em não-rima, um estilo que assim se distingue pelo ritmo harmonioso e musical na forma como se ligam frases e parágrafos

O poeta e escritor explicou que foi assim, acidentalmente, que brotou aquela conversa com um empregado de café no Bairro de Gálata, em Istambul, em que o turco lhe diz, afirmativo, que “Um país que tem Fernando Pessoa nunca será pobre”. Ou aquele convite inesperado do iraniano Ayat, surgido enquanto Carlos Morais José percorria as ruas de uma cidade algures na antiga Pérsia buscando um miradouro donde observar o pôr-do-sol: “Quero ver este poente...”, disse-lhe eu docemente. “Sobe aqui ao meu terraço”, responde Ayat sorrindo desta loucura estrangeira. Subi por aquela feira, de cobres e tapetes, ao lugar tão almejado. E vi um sol que morria, vagamente se despia, dos véus de céu anilado. (...)” *Anastasis* é a sétima obra de Carlos Morais José, jornalista, poeta, escritor, tradutor e editor, a residir em Macau desde Setembro de 1990. Segue-se a *Macau – O Livro dos Nomes*, publicado em 2010, também pela COD. Entre as sete obras já publicadas incluem-se três livros de crónicas, um de ficção e uma banda desenhada, realizada em conjunto com o ilustrador Fonseca e Morais (*Caze: Um Caso de Ópio*).

Os textos transparecem
o que cada lugar faz o
autor pensar e sentir e o
que cada destino e seus
habitantes o inspiraram
a escrever: histórias,
pensamentos, memórias,
diálogos inesperados
com os fugazes
protagonistas de cada
etapa da viagem



BREVIÁRIO DE PEREGRINO*

Quando os construtores de catedrais deixaram de escrever nas pedras alto erguidas, o Livro proliferava. Objecto de culto e repositório de imagens, os livros são até hoje, para os que entendem a memória do homem como um todo, catedrais, templos transportáveis, edifícios onde as portas, as janelas, os pináculos e as catacumbas se desmultiplicam em labirintos. E tudo varia, ou tresvaria, para que o leitor encontre nas páginas que tem entre mãos o seu Aleph. Para que siga Orfeu buscando Eurídice, não no céu nem no submundo, mas nas intrincadas rotas sobre a pele da Terra. Quem ama a leitura acumula livros, não prescinde das incontáveis visões, vozes, peregrinações, recolhas que o saber humano, ou as suas alucinadas ficções incessantemente produzem. E há milénios que muitos escrevem livros sobre livros e sobre livros que estudaram livros. Livros há porém que não são feitos para escrutinar, teorizar, catalogar. São livros onde podemos enfiar as mãos como num bernal de caminhante e retirar maravilhas:

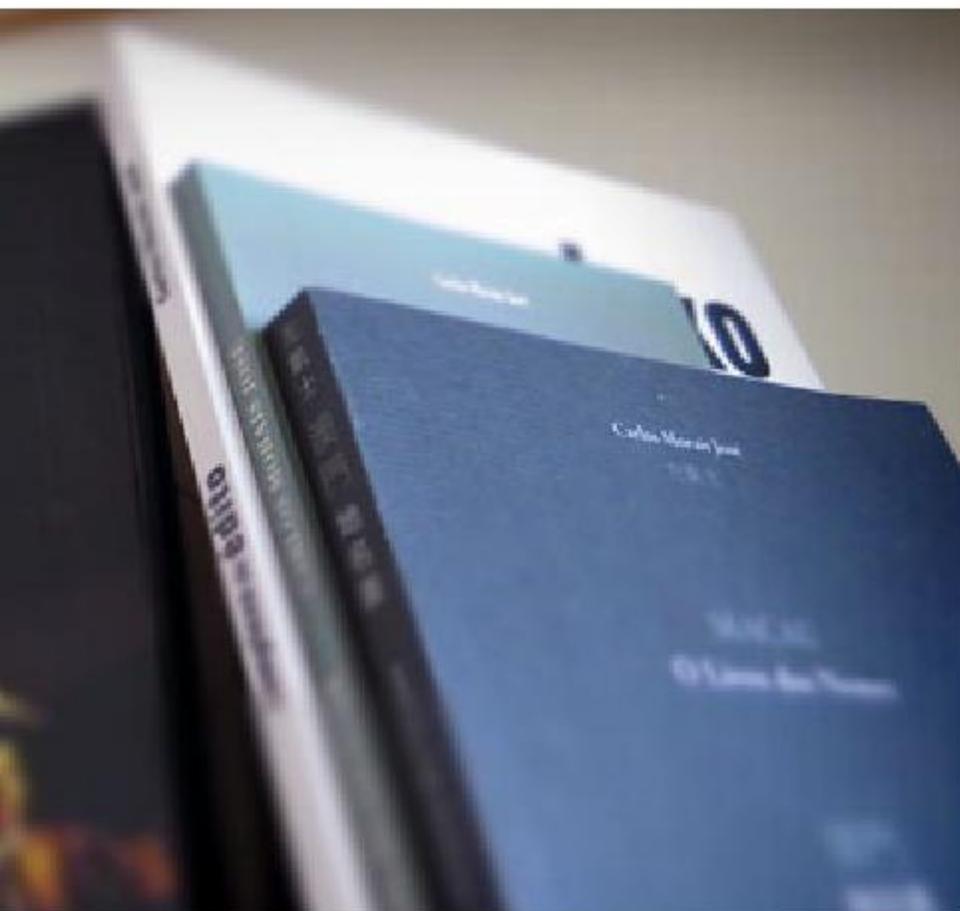
cantilenas de infância, *ostraca* e palimpsestos, pombas arrulhando nas açoteias do Andaluz, rodopiar de sufis, enigmas, provérbios e premonições. A lista não teria fim, cada um sabe a sua de cor, e não há duas iguais.

Um desses livros é o que tenho agora no colo. Li-o da frente para trás e agora reli-o de trás para a frente e depois hei-de reler aleatoriamente.

Porque alguns versos e pedaços de prosa escapam ao primeiro olhar, ao segundo e ao terceiro, e só se deixam revelar pelo olhar enviesado de quem se entrega ao solitário jogo de revirar as palavras uma a uma.

Porque até uma ementa de pequena tasca ao pôr-do-sol em frente a um mar que só ele, o poeta, viu, desenrola uma fita onde são convocados todos os sentidos. E não é para isso que a leitura serve?

Às vezes do fundo deste bernal de peregrino sai também um escuro bolbo, denso como um punho, ou ínfimo, como uma semente de tristeza, que põe um travo de *madalenas* com chá na boca do leitor, ou melhor dizendo, uma amarga recordação dos paraísos perdidos. E logo o poeta faz desabrochar do escuro bolbo um glorioso lírio-das-areias, porque todo o deserto é habitado.



E este livro está geminado com o mistério do germinar: é este o resumo da leitura que faço dele. Quem não entende poesia que não se abstenha de o ler: nunca é tarde para aprender uma língua. Para os que não viajam senão no bojo dos aviões: abram este livro e vejam como descobrir o mundo pode ser um sucedâneo da felicidade.

Também nele se acham mnemónicas para as cantigas de roda e para os sonhos dos verões quentes da adolescência. Podemos recolher-nos nele como num recanto nosso, ou nele passear como num jardim, no tempo em que a serpente não tinha ainda semeado a discórdia entre Deus e o Homem por causa de um fruto e a bem-aventurança não residia numa ilha luxuriosa, nem num oásis misterioso, nem num vale fértil, mas num Jardim. Um jardim, onde homem ensaiou a palavra nomeando os bichos, e onde já fermentavam as ambições de Babel.

Assim acho à margem deste livro miríades de rubricas tão breves e eternas que meia palavra me basta. Meias palavras e poemas inteiros, aninhados como gatos no seio quente da nossa acariciante língua materna, a nossa, a das cartilhas, dos contos e das ladainhas. Das antigas fórmulas mágicas, esconjuros, medicinas e feitiços.

Leio, sigo a mansa torrente do regato de palavras sem prosápia, viva toada poética, registo de uma busca – em demanda daquilo que o poeta já leva consigo: “esta lembrança de rio a passar-me pela carne”.

“Quero ver este poente”, diz o viajante. “Sobe ao meu terraço,” diz o crente, abrindo os braços, mostrando o caminho.

A ficção acontece no silêncio, entre o alvorecer das castas rolas e o voo dos corvos crepusculares. No momento em que a estreita porta se abre, “uma visão os assombrará” Por isso o poeta é também pintor, dramaturgo, e medidor do tempo.

E alguns dirão que é um místico:

“Não orei ao pastor – só os rebanhos me encantam”. Contrição ou fraternidade jurada, resíduos da saga dos desertos, memória dos antigos cânticos nómadas, do tempo em que a palavra escrita, o límpido poema, bastavam para o êxtase.

Anastasis – ressurreição dos trajectos só de ida, em círculos que seguem as rotações da terra, as eternas rotas dos migrantes. Um livro que busca as raízes no húmus junto das noras – ai de quem não tem memória, ai de quem não fala à mãe mirando as suas feições no reflexo da cisterna.

Termino dizendo que creio firmemente na sagrada contiguidade da poesia dos povos. E não é pequena a ousadia.

* Fernanda Dias, lendo C.M.J. ●





2 / 10

3 / 11

2013

第二十七屆

SONS DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO

XXVII

FESTIVAL

DE

MUSICA

DE

MACAU

pela Macau Big Band que resulta de dois *workshops* de jazz realizados em Macau pelo Iberia Jazz All Stars, em que se elegendam os membros que irão formar este agrupamento. O jazz continua com Silje Nergaard, uma das mais bem sucedidas cantoras de jazz da Noruega.

A cantora *indie* de Taiwan Deserts Xuan e a sua banda Algae vai dar um concerto acompanhada pela banda de rock de Macau L.A.V.Y. Património Mundial da Humanidade da UNESCO, a Casa do Mandarim vai acolher, entre 24 e 26 de Outubro, o intercâmbio musical entre o Oriente e Ocidente proporcionado pelo "Fado e a Nanyang Cantonense", canções narrativas que hoje perduram na ópera cantonense e foram inscritas na Lista Provisória dos Itens do Património Cultural Imaterial de Macau (2009) e na Lista Nacional do Património Cultural Imaterial (2010).

O programa encerra com uma produção da Broadway do espectáculo *Miss Saigão - o Musical*, apresentado em Macau pelos norte-americanos McCoy Rigby Entertainment.

O XXVII Festival Internacional de Música de Macau tem um orçamento de 36 milhões de patacas. O certame tem uma audiência maioritariamente local (80%), atraindo anualmente cerca de 20% de espectadores não residentes. Esta será a primeira edição em que a programação do FIMM é da responsabilidade de um conselho consultivo. O novo órgão integra o antigo director artístico Warren Mok e responsáveis de várias áreas, numa opção justificada com a "elevação da qualidade artística" do certame.

Organizado pelo Instituto Cultural do Governo da RAEM, o XXVII Festival Internacional de Música de Macau (FIMM) recebe artistas e grupos de renome de todo o mundo, nomeadamente, Portugal, onde será representado pela Orquestra Gulbenkian, os Aduf e o Quinteto Lisboa, e também o grupo Iberian Jazz All Stars, com músicos de Portugal e Espanha.

Ao todo, o festival conta com 22 eventos com artistas provenientes de Portugal, EUA, Alemanha, Rússia, Espanha, Áustria, Sérvia, Letónia, Lituânia, Noruega, Coreia do Sul, Interior da China, Taiwan e Macau em palcos diversos como a Fortaleza do Monte, o Grande Auditório do Centro Cultural de Macau, a Casa do Mandarim, a Igreja de São Domingos, o Auditório da Torre de Macau e o Teatro Dom Pedro V.

Além dos concertos vão ter lugar também *workshops*, *master classes*, palestras e visitas aos bastidores. O Festival começa com

a primeira encenação em Macau de uma ópera do compositor alemão Richard Wagner. *O Ouro do Reno* vai subir ao palco no dia 2 de Outubro, numa produção da Ópera Nacional da Letónia, em comemoração do 200.º aniversário do nascimento do compositor.

Também a comemorar os 200 anos sobre o nascimento do compositor italiano Giuseppe Verdi, será encenada a ópera *Aida*, numa produção da Ópera Nacional da Letónia, concebida com cenografia do letão Ilmārs Blumbergs.

A presença portuguesa é assinalada com um concerto pela Orquestra Gulbenkian no dia 18 de Outubro, seguindo-se a 20 de Outubro os Aduf e a precursão dos adufes gigantes ("Adufões"), e o Quinteto Lisboa onde João Monge, João Gil, José Peixoto e Fernando Júdice, dão uma nova alma ao fado, com Hélder Moutinho e a basca María Berasarte.

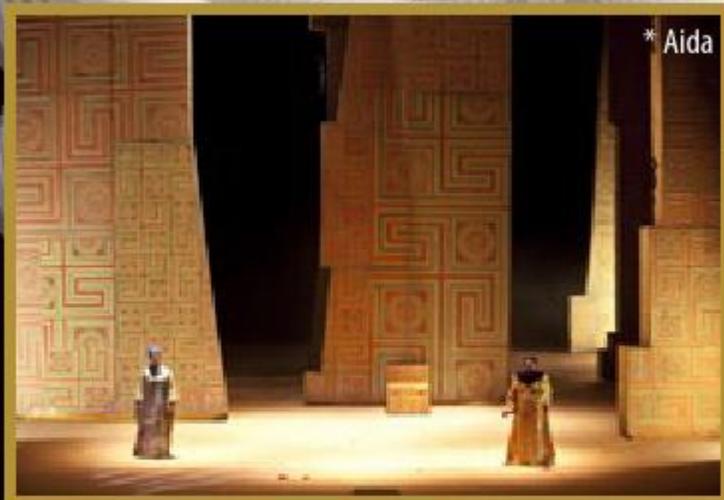
O grupo Iberian Jazz All Stars junta músicos de Portugal e Espanha, nos sons de jazz. O concerto será acompanhado



* Das Rheingold



* Messa da Requiem



* Aida



* Quarteto Dragão



* Adult e Quinteto Lisboa

PROGRAMA

2 de Outubro | Centro Cultural de Macau

Das Rheingold
Richard Wagner
da Letónia
(Letónia)

5 de Outubro | Igreja de São Domingos

9 de Outubro | Igreja de São Domingos

10 de Outubro | Auditório da Torre de Macau
Canções ao Longo da História
Pequenos Cantores
(Áustria)

11 e 12 de Outubro | Centro Cultural de Macau
Aida - Ópera em 4 Actos de Giuseppe Verdi, Ópera Nacional da Letónia
(Letónia) | **Orquestra de Macau**

12 de Outubro | Fortaleza do Monte

13 de Outubro | Teatro Dom Pedro V

16 de Outubro | Teatro Dom Pedro V

18 de Outubro | Centro Cultural de Macau

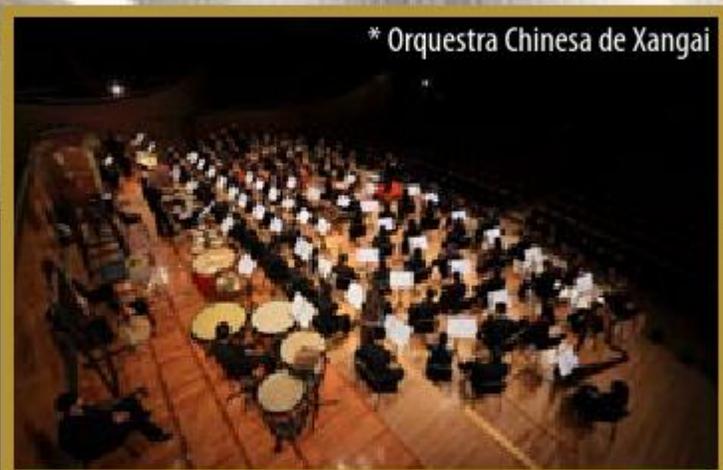
18 de Outubro | Fortaleza do Monte

19 de Outubro | Centro Cultural de Macau

20 de Outubro | Fortaleza do Monte



* Orquestra de Câmara da Coreia



* Orquestra Chinesa de Xangai



* Filarmónica de Dresden



* Quarteto Terem

21 de Outubro | Teatro Dom Pedro V

22 de Outubro | Centro Cultural de Macau

Orquestra
(China)

24 de Outubro | Centro Cultural de Macau
Recital de Violino por Kyung-wha Chung
(Coreia do Sul)

24, 25 e 26 de Outubro | Casa do Mandarim
(Macau) e Naamyam Cantonense

26 de Outubro | Centro Cultural de Macau

27 de Outubro | Centro Cultural de Macau

29 de Outubro | Igreja de São Domingos

30 de Outubro | Centro Cultural de Macau

31 de Outubro | Teatro Dom Pedro V

1, 2 e 3 de Novembro | Centro
Cultural de Macau



* Miss Saigão - O Musical

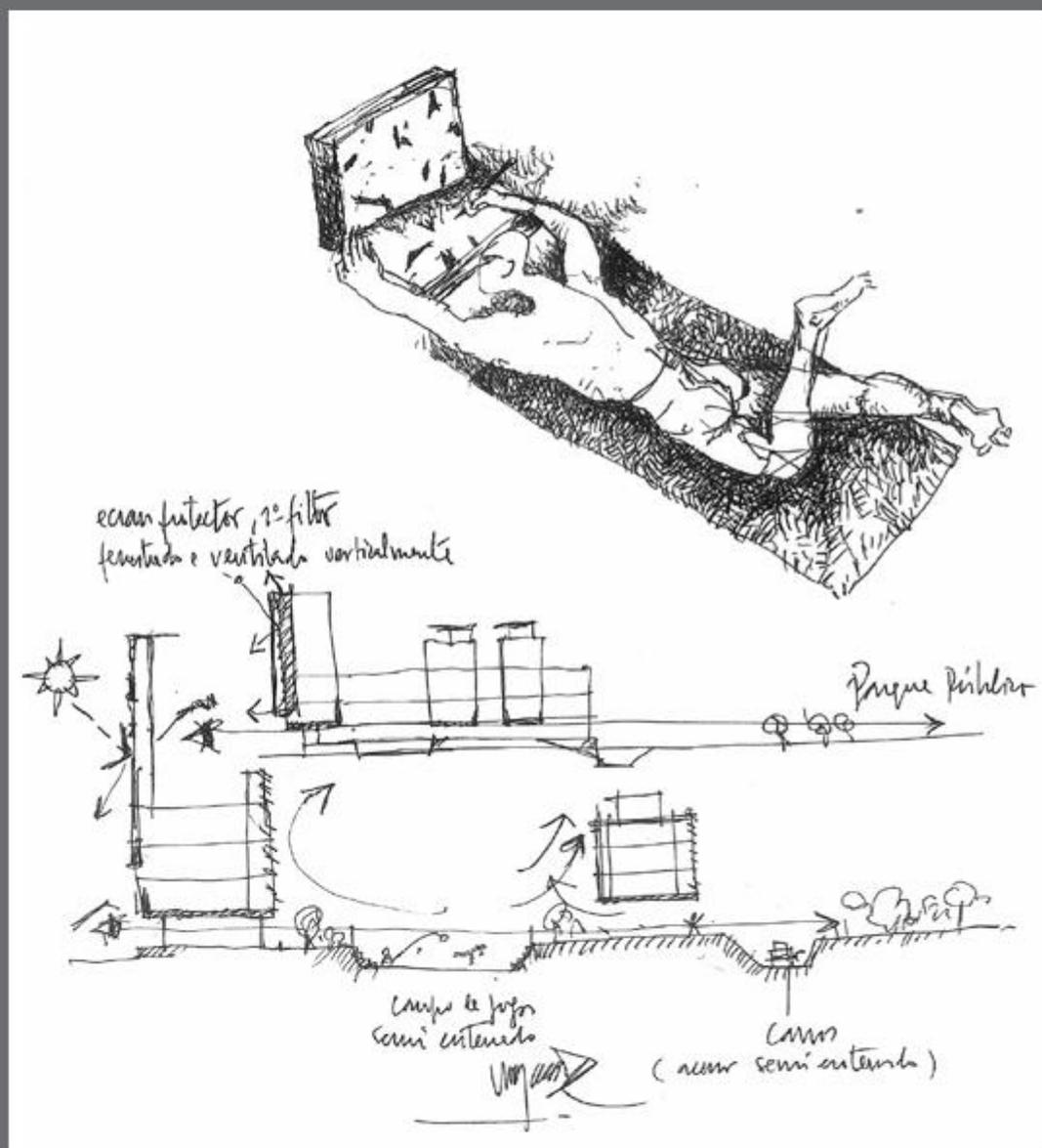
SCHEDIOS EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE CARLOS MARREIROS

Creative Macau

De 24 de Outubro a 12 de Novembro de 2013

Inaugura dia 24 de Outubro, pelas 18h30, uma exposição retrospectiva do arquitecto e artista plástico de Macau, Carlos Marreiros. A exposição intitula-se “Schedios” e integra uma série de esboços arquitectónicos. Nascido em Macau em 1957, Carlos Marreiros é um dos artistas locais mais prestigiados, sendo representante da arte contemporânea em Macau.

Arquitecto e urbanista estudou em Macau, Portugal, Alemanha e Suécia. Tem sido frequentemente convidado a apresentar as suas obras e palestras em galerias e universidades na Europa, EUA e Ásia. Carlos Marreiros foi o artista eleito para representar com a sua obra a identidade multicultural de Macau na Bienal Internacional de Veneza, em Itália, que está a decorrer desde 1 de Junho e vai prolongar-se até 24 de Novembro de 2013.



WORLD PRESS PHOTO 2013

Casa Garden

De 12 de Outubro a

3 de Novembro de 2013

A 56.^a edição do concurso *World Press Photo* vai estar patente ao público em Macau durante três semanas com o melhor do fotojornalismo mundial que se fez em 2012. O grande vencedor este ano foi o fotógrafo sueco Paul Hansen com a imagem captada a 20 de Novembro de 2012 de um grupo de homens a transportar duas crianças mortas, após um ataque com um míssil israelita na Faixa de Gaza. O fotógrafo português Daniel Rodrigues ganhou o primeiro prémio na categoria *Daily Life*, com uma imagem captada na Guiné-Bissau de um jogo de futebol num campo de terra batida. O concurso *World Press Photo* tem por objectivo encorajar e premiar os mais elevados padrões de qualidade ao nível da fotografia jornalística.



PAISAGENS ESPLENDOROSAS

Museu de Arte de Macau
Até 17 de Novembro de 2013

O Museu de Arte de Macau, o Museu do Palácio Imperial e o Museu de Xangai uniram esforços para apresentar na RAEM um conjunto de 300 obras da autoria de Wang Jian, Wang Hui e da Escola de Yushan, numa exposição intitulada “Paisagens Esplendorosas”. Discípulos de Dong Qichang (1555-1636), o conjunto de artistas alcançou maestria na pintura de paisagens e caligrafia chinesa. Entre 1691 e 1698, Wang Hui, por exemplo, ficou encarregue de supervisionar a produção de uma série de pergaminhos de pintura comemorativos da deslocação do imperador Kangxi ao Sul do Império. Os trabalhos patentes mostram sobretudo a evolução artística no final do período Ming e início do período Qing.



PINTURA DE PAISAGEM DE MACAU NO SÉCULO XX

Museu de Arte de Macau
Até 11 de Maio de 2014

Pintura de Paisagem de Macau no Século XX apresenta pinturas de paisagem clássica, colecionadas pelo Museu de Arte de Macau. A exposição organiza-se em duas fases: a primeira terá lugar até 12 de Janeiro de 2014 e, a segunda, de 15 de Janeiro a 11 de Maio de 2014. A mostra engloba aguarelas, óleos e esboços de paisagens desenhados à vista, mas também de memória ou a partir de documentos diversos. Um total de 68 trabalhos será exibido ao longo das duas fases, criadas por 25 artistas, incluindo George Smirnoff, Chio Vai Fu, Kam Cheong Ling, Kok Se, Poon Siu Yen, Herculano Estorninho, Tam Chi Sang, Luis Luciano Demée, Lok Cheong, Lai Ieng, Lio Man Cheong, Ung Vai Meng e muitos outros.

VISÕES OCIDENTAIS DA CHINA; GRAVURAS DO SÉCULO XIX SOBRE CHINA

Museu de Arte de Macau
Até 31 de Dezembro de 2013

De que forma os ocidentais viam a China no século XIX? É a essa pergunta que a exposição agora patente no Museu de Arte de Macau vai responder. A exposição apresenta um conjunto de gravuras ocidentais do século XIX que leva o visitante a uma viagem no tempo para desvendar ideias dos hábitos e paisagens de várias partes da China aos olhos ocidentais. Antes da invenção e popularização da fotografia, a pintura realista era um meio importante de registo de informação visual e a gravura o suporte ideal para a sua multiplicação, de forma a possibilitar uma ampla divulgação. E foi através de gravuras que os europeus tomaram pela primeira vez conhecimento da China, entre os séculos XVII e XIX. Ilustrações de paisagens remotas ofereciam aos leitores imagens dos povos indígenas e das paisagens além-mar. O pintor holandês John Nieuhoff (1618 - 1672) foi o primeiro a descrever a China por imagens. Segundo o MAM, esta exposição pretende ser mais do que uma mera mostra de gravura histórica. Pretende estimular o interesse do público para desencadear um novo olhar sobre estas fontes históricas no encontro entre a Europa e a China.

PALESTRAS DE INVESTIGAÇÃO ACADÉMICA AUDITÓRIO DO MUSEU DE MACAU

Em Outubro e Novembro prossegue o ciclo de palestras de investigação académica iniciadas em Setembro com organização do Instituto Cultural.

Canhões do Ocidente e o Império Ming

Orador: Dr. Zhou Weiqiang
(Instituto de História da Universidade Nacional Tsing Hua, Taiwan)

Data: 19 de Outubro de 2013
(Sábado)

Hora: 15h00

Local: Auditório do Museu de Macau
Idioma: Mandarim

Organizações de Macau e o Auxílio a Catástrofes – O Caso dos Agricultores Afectados por Tufões (1950-1980)

Orador: Professor-Adjunto Zhu Dexin (Instituto Politécnico de Macau)

Data: 9 de Novembro de 2013
(Sábado)

Hora: 15h00

Local: Auditório do Museu de Macau
Idioma: Cantonês

Introdução do Telescópio Ocidental na China durante a Dinastia Ming

Orador: Investigador Yu Sanle (Escola de Administração de Pequim)

Data: 23 de Novembro de 2013
(Sábado)

Hora: 15:00

Local: Auditório do Museu de Macau
Idioma: Cantonês

UM POUCO MAIOR DO QUE O UNIVERSO INTEIRO

Richard Zenith

Penguin Classics, Xangai, 2013

A antologia de Fernando Pessoa compilada por Richard Zenith para a Penguin Classics, "A Little larger than the Entire Universe" ("Um pouco maior do que o Universo Inteiro"), foi agora traduzida por Wei Bai para chinês e publicada na China. Este é o segundo livro de Pessoa lançado este ano na China, depois de um volume com os *Poemas de Alberto Caetano* (um dos seus heterónimos) traduzido directamente do português por Min Xuefei, e publicado em Agosto, ilustrando a universalidade daquele poeta português. A antologia organizada por Richard Zenith saiu em 2006 em língua inglesa. A versão chinesa, com cerca de 470 páginas, é agora lançada integrada numa colecção que inclui o russo Boris Pasternak, o inglês D.H. Lawrence e outros autores europeus. Richard Zenith, 57 anos, tradutor e investigador norte-americano radicado em Portugal desde 1987, ganhou, no ano passado, o Prémio Pessoa, um dos mais prestigiados de Portugal, atribuído pelo semanário *Expresso* a personalidades do mundo artístico, literário e científico.

LIÇÕES DE CHINÊS PARA PORTUGUESES

Wang Suoying e Lu Yanbin
Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa, 2013

É já o livro de maior sucesso editorial do Centro Científico e Cultural de Macau e é o manual mais usado em Portugal para o ensino da língua chinesa. *Lições de Chinês para Portugueses*, da autoria de Wang Suoying e Lu Yanbin, ganhou agora a sua terceira edição com uma tiragem de 9000 exemplares. A colecção conta já com três volumes, uma para cada nível de aprendizagem, e foca-se sobretudo na fonética e grafia do chinês baseado em sons da língua portuguesa. Cada manual é acompanhado ainda por material multimédia para ajudar aos autodidactas a dominarem o chinês escrito e falado.

O TÍMIDO E AS MULHERES

Pepetela
Publicações D. Quixote, Lisboa, 2013

A narrativa do mais recente romance do autor angolano Pepetela, publicado em Setembro, decorre na Luanda contemporânea, envolvendo três protagonistas, dois homens e uma mulher. Heitor é o tímido e é um escritor em início de carreira; Marisa é a autora de um programa de rádio de grande audiência de grande popularidade, e o seu marido, Lucrecio, é um indivíduo de inteligência brilhante, mas que vive aprisionado numa cadeira de rodas. Pepetela é o pseudónimo literário de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nascido em Benguela, em 1941.

UM MUNDO A FAZER – ESTUDOS
SOBRE O PENSAMENTO PORTUGUÊS
CONTEMPORÂNEO

Edição da Livraria Orfeu, Bruxelas, 2013

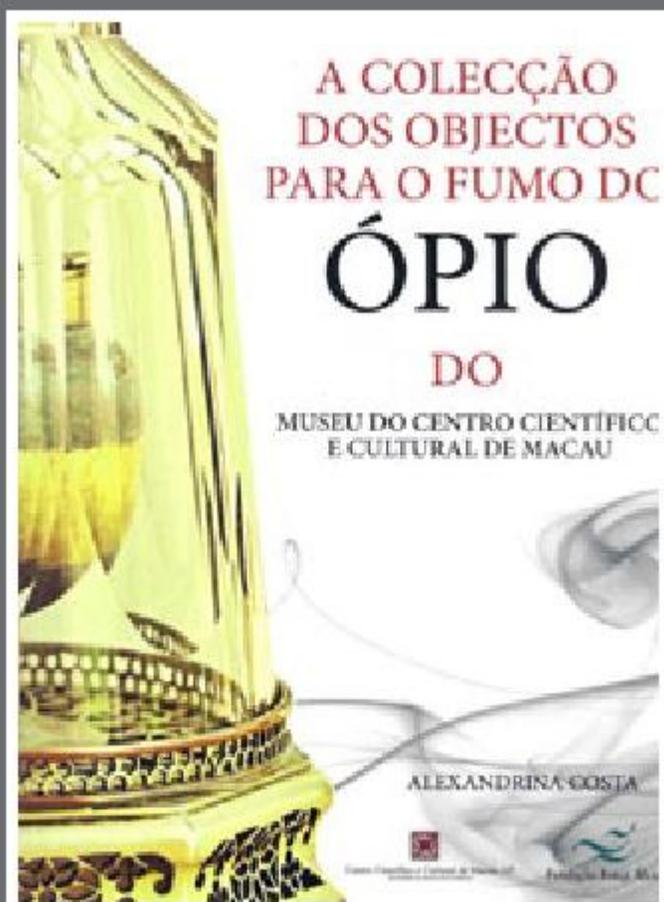
O MILAGRE DA QUINTA AMARELA –
HISTÓRIA DA PRIMEIRA FACULDADE DE
LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
(1919 – 1931)

Pedro Baptista

Edição da Universidade do Porto, Porto, 2012

Estes dois livros do investigador e pensador português Pedro Baptista, que reside actualmente em Macau, foram apresentados no território em Julho de 2013. O autor, nascido em 1948, no Porto, em cuja universidade se doutorou, publicou já quatro livros em ficção narrativa e oito em estudo e ensaio. Participou em várias publicações colectivas e revistas.

Encontra-se a preparar um livro sobre a relação do pensamento português com Macau. *Um Mundo a Fazer – Estudos sobre o Pensamento Português* consiste numa colectânea de textos produzidos pelo autor, que abordam intervenções efectuadas no último século e meio em torno do pensamento português contemporâneo, desde Antero de Quental até à actualidade. Já *O Milagre da Quinta Amarela – História da Primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1919 – 1931)* é um contributo para o conhecimento histórico da Universidade do Porto, abordando o período entre 1919 e 1931 e dando conta da riqueza intelectual que a primeira Faculdade Letras da Universidade do Porto – já existia, então, a Faculdade de Letras de Lisboa - promoveu num breve espaço de tempo.



A COLECÇÃO DOS
OBJECTOS PARA
O FUMO DO ÓPIO
DO MUSEU DO
CENTRO CIENTÍFICO
E CULTURAL DE
MACAU

Alexandrina Costa
CCCM-Fundação Jorge
Álvares, Lisboa, 2013

A Coleção dos Objectos para o Fumo do Ópio do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau é um estudo que serviu de base para uma dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e agora, sob a chancela do Centro Científico e Cultural de Macau e da Fundação Jorge Álvares, é editado em livro. No estudo, Alexandrina Costa faz soar vida e sentido em cada um dos objectos desta colecção do Museu do CCCM. Com extrema atenção ao pormenor, com exhaustivo estudo dos elementos em jogo, em cada um dos objectos e no seu todo de conjunto, a autora permite aos leitores entender melhor o que se vê na colecção em Lisboa, levando-os muito além do imediatamente sensível e possível ao olhar.



* Arquivo Histórico de Macau

EDIFÍCIO DO LEAL SENADO, DÉCADA DE 1940

O Edifício do Leal Senado, que albergou o Leal Senado e que hoje alberga o Instituto dos Assuntos Cívicos e Municipais, foi originalmente construído em 1784, seguindo um estilo neoclássico. É considerado como um dos exemplos mais marcantes da arquitectura portuguesa em Macau. A designação "Leal Senado" deriva do título "Cidade do Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal", concedido pelo rei português D. João IV, em 1654, depois de Portugal ter conseguido a restauração da sua independência, após 60 anos de domínio espanhol (1580-1640). Durante este período, a população de Macau manteve-se leal ao rei português, que na altura estava exilado no Brasil.

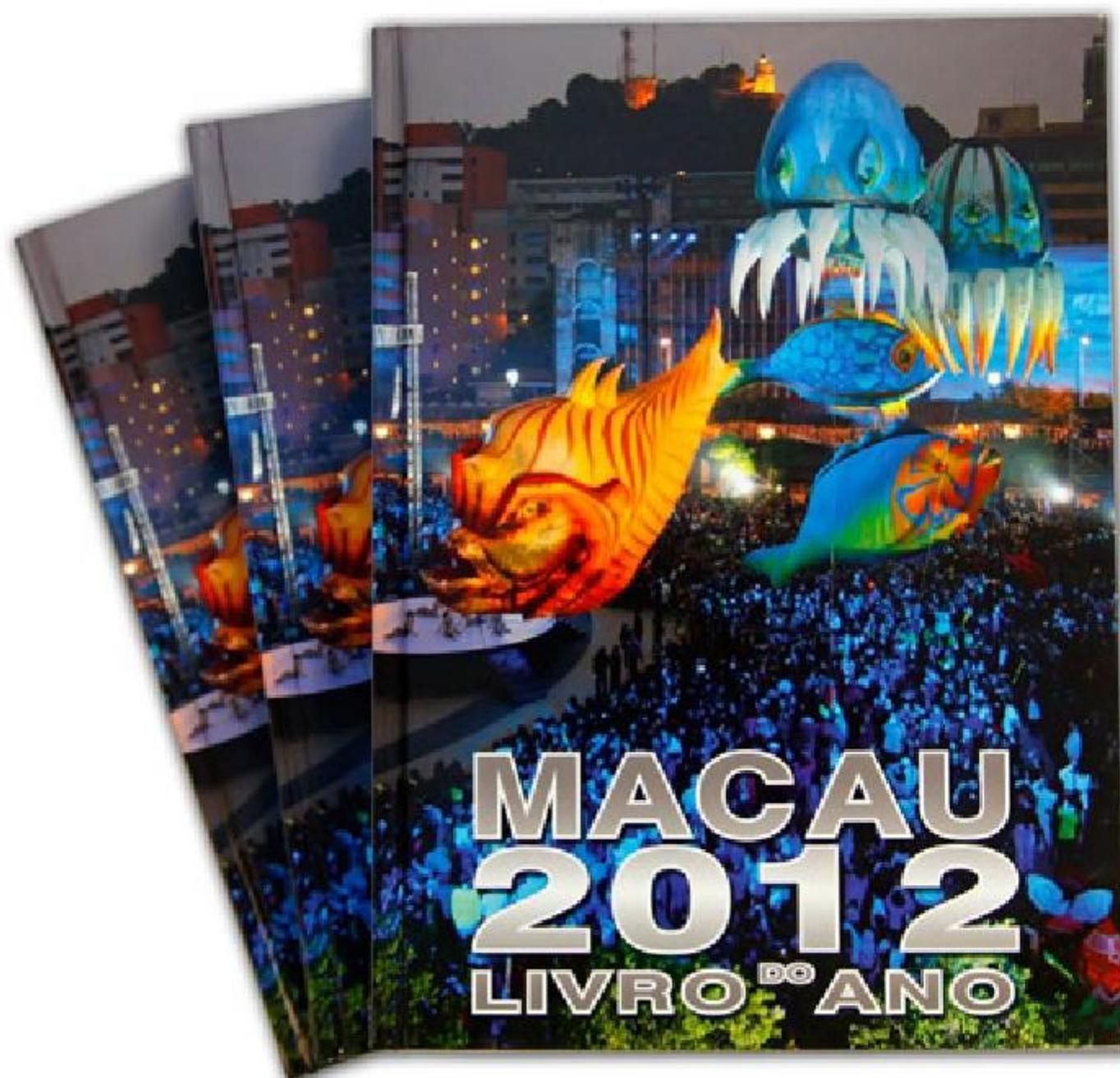
Na primeira metade do século XX, este edifício histórico sofreu grandes obras de restauro, que foram concluídas em 1940, tomando o seu actual aspecto. A fachada principal está dividida em três secções por elementos verticais em granito. A entrada principal é ladeada por colunas dóricas em granito que apoiam lintéis do mesmo material. Janelas francesas com sacadas em granito e varandas com gradeamentos de ferro marcam a imagem geral do edifício. No interior, no primeiro andar, um salão nobre dá acesso a uma pequena capela e a uma exuberante biblioteca em madeira, ricamente decorada, ao estilo da biblioteca do Convento de Mafra, em Portugal.

MACAU 2012

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2012** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2012** – Livro do Ano é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2012** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



集郵訂購 2014

SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA
PHILATELIC SUBSCRIPTION



訂購地點：
Local de Subscrição
Location for Subscription

各郵政分局
Todas as Estações Postais
All Post Offices



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau



電話 Tel: (853) 2832 9490, (853) 2857 4491

傳真 Fax: (853) 8396 8603, (853) 2833 6603

電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo

網址 Website: www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios